Loja Independente de Teosofistas

AUTORES & LIVROS

11/1/942
Ano II

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio Leão *(Da Academia Brasileira de Letras)*

Vol. II
Núm. 1

JOSÉ DE ALENCAR

Notícia sobre José de Alencar

José Martiniano de Alencar nasceu em 1 de maio de 1829. Era filho de José Martiniano de Alencar, político de brilhante atuação na época da Independência, revolucionário ativo no movimento pernambucano de 1817. Foi seu berço a cidade de Mecejana, no Ceará, região que ele havia de imortalizar no mais formoso dos seus livros.

Formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo e logo depois iniciou a vida pública. Foi, com igual brilhantismo, advogado, jurista, jornalista, professor, parlamentar, homem de letras. Foi lente de Direito Mercantil no Rio de Janeiro, diretor de secção da Secretaria da Justiça, logo depois consultor da mesma Secretaria. Renunciando a esse lugar, que era considerado como adido à Secretaria, pediu que as remunerações que lhe haviam de ser pagas fossem aplicadas no "Diário Oficial" à publicação dos seus pareceres exarados no espaço de nove anos.

No gabinete de 16 de julho de 1868 ocupou a pasta da Justiça, ali ficando até 1870. Entrou numa lista tríplice para senador. Achando-se enfermo do peito, realizou uma viagem à Europa, regressando bom. Mas sua aparência de saúde era ilusória, e pouco tempo depois, no dia 12 de dezembro de 1877, ele falecia.

José de Alencar é um dos escritores mais populares do Brasil, e talvez possamos dizer que ele é o mais popular. Seu romance "O Guarani", escrito dia a dia para os folhetins de "O Diário do Rio", entre os meses de fevereiro e abril de 1857, é um livro conhecido de toda a gente, e suas edições ainda hoje se esgotam uma a uma. De quase todos os seus livros poderíamos dizer que encontram carinho idêntico no espírito dos leitores. E o que sucede, por exemplo, com "Iracema", com a "Pata da Gazela", com os três perfis da mulher, "Diva", "Lucíola" e "Senhora", com os "Sonhos de Ouro", com "Ubirajara", etc.

Espírito livre, dono de uma grande consciência de sua pátria, José de Alencar foi, em seu tempo, um campeão estrênuo da língua brasileira. Só esse aspecto de sua personalidade o sagra definitivamente ao nosso respeito, à nossa veneração e ao nosso amor.

Bibliografia de José de Alencar

(Organizada por Mario de Alencar)

1854 — "Ao correr da pena" — crônicas hebdomadárias no "Correio Mercantil" (Rio de Janeiro); 1ª edição 1874, São Paulo; 2ª edição 1888, Rio de Janeiro — B. L. Garnier, 2 vols.; 5ª edi- H. Garnier.

1856 — "Cartas de Ig" sobre a "Confederação dos Tamoios", nas colunas do "Diário do Rio", 1ª edição 1856, Tip. do Diário".
"O Marquês de Paraná" — traços biográficos — Rio de Janeiro — in, 16; 35 págs.

1857 — "O Guarani", em folhetins do "Diário do Rio", sem nome do autor; 1ª edição, 4 vols., tip do "Diário"; 2ª ed., B. L. Garnier, 2 vols.; 5ª edição, 1887, (Foi traduzido em francês, alemão e italiano).

1857 — "O Rio de Janeiro" — "Verso e reverso" — Comédia em 2 atos — 2ª edição 1864.
"Cinco Minutos" — Tipografia do "Diário".
"Cinco Minutos" — "A viuvinha" — Rio de Janeiro — 2ª ed. 1865, B. L. Garnier .

1858 — "O demônio familiar" — Comédia em 4 atos 2ª edição 1864; 3ª, 1903.

1859 — "Mãe" — drama em 4 atos — 2ª edição 1860; 4ª edição, 1897.

1860 — "A noite de São João" — libreto de comédia lírica.
"As asas de um anjo" — Comédia em 4 atos, prólogo e epílogo; 2ª edição 1865.

1860 — "Carta aos eleitores do Ceará" — 20 pp. in fol.

1862 — "Lucíola" — 8ª ed. 1895.
"As asas de um anjo" — 1º vol. (Biblioteca Brasileira).

1864 — "Diva" — 3ª ed. 1875; 6ª ed. 1895.

1865 — "Iracema" — Tipografia Viana; B. L. Garnier 1870, 1875, 1878, 1894, 1895, 1910. (Foi traduzida para inglês por Isabel Burton, London, 1886; e por Norman Biddell, 1921; e para alemão, em verso, por Von During, Hamburg, 1898.

1865 — "As minas de prata" — 6 vols.; 2ª ed. em 3 vols. 1877; 1896.

1866 — "Cartas de Erasmo" — 1ª, 2ª e 3ª ed.
"Página de atualidade"
"Os partidos" — Panfleto anônimo.

1867 — "O juízo de Deus" — Panfleto anônimo. Rio de Janeiro.
"A corte do leão" — Panfleto, Rio de Janeiro.
"O Marquês de Caxias" — Biografia — Rio de Janeiro.
"Uma tese constitucional — "A princesa imperial e o príncipe consorte no Conselho de Estado" — in 4º — 16 pp., Rio de Janeiro.

1868 — "O sistema representativo" — B. L. Garnier.
"A expiação" — Comédia em 4 atos — Rio de Janeiro — Crux Coutinho.
"Relatório do Ministério da Justiça.

1869 — "Discursos proferidos na Câmara e no Senado, na sessão de 1869" — São Luiz do Maranhão.

1870 — "Gaucho" — 2 vols., B. L. Garnier. 2ª ed. — 1903.
"A pata da gazela" — B. L. Garnier.

1871 — "O tronco do ipê" — 2 vols., B. L. Garnier — 1913.
"A viagem imperial" (Discurso) — Tip. de J. Villeneuve.
"Discursos" proferidos na sessão de 1871. Tipografia Perseverança.

1872 — "Sonhos de Ouro" — 2 vols., B. L. Garnier — 2ª ed. 1869; 1920.

1873 — "Guerra dos mascates". 2 vols., B. L. Garnier; 2ª ed., 1896.
"Voto de graças" — Discurso que devia proferir na sessão de 20 de maio — Tip. Pinheiro.
"Alfarrábios" — 2 vols., B. L. Garnier, 2ª ed.

1874 — "A reforma eleitoral" — Discursos.
"O novo cancioneiro" — Cartas a um amigo — No jornal "A República".
"O vate bragantino" — Cartas no jornal "A República".
"Til", em 4 vols., B. L. Garnier; 2ª ed. 1897. 3ª ed. 1900.
"Ubirajara" — Lenda tupi — B. L. Garnier, 2ª ed., 1895; 1899. (Foi traduzido para alemão por Hoffmann.)

1875 — "Senhora" — 2 vols., B. L. Garnier; 4.ª ed. "O Jesuíta" — Drama 1895; 1907.
B. L. Garnier; 3.ª ed. 1900. (Foi traduzido em inglês por E. R. De Brito, 1921).
"Aos domingos" — Folhetins no "O Globo".

1876 — "O sertanejo" — 2 vols., B. L. Garnier; 3.ª ed. 1895.

1877 — "Encarnação" — romance, em folhetins no jornal "Folha Nova"; ed. 1892; 2ª ed., 1909.
"A festa macarrônica" — Panfleto político — Rio de Janeiro.
"O protesto" — Jornal de três, periódico mensal — in, 4º.

1882 — "A propriedade" — 209 pp. B. L. Garnier.

1883 — "Esboços jurídicos" — 239 pp. B. L. Garnier.

1893 — "Como e porque sou romancista" — Tip. Leuzinger.

1895 — "O crédito" — Comédia em 5 atos representada em 1856, publicada na "Revista Brasileira".

SUMÁRIO

PÁGINA 1:
— Notícia sobre José de Alencar
— Bibliografia de José de Alencar (Organizada por Mário de Alencar)
— Sumário.

PÁGINA 2:
— Três estudos de João Ribeiro sobre José de Alencar. I — *O Índio de Alencar*; II — *As Minas de Prata*; III — *José de Alencar e a linguagem diferencial do Brasil.*

PÁGINA 3:
— *Post-scriptum* do romance *Sonhos de Ouro* — José de *Alencar*.

PÁGINA 4:
— Algumas páginas do *Guarani*.

PÁGINA 5:
— Algumas páginas de *Iracema*
— Uma página de O Sertanejo. *A seca no Sertão.*

PÁGINAS 6 e 7:
— José de Alencar, poeta. *Os Filhos de Tupan.* — *A Guerra.*

PÁGINA 8:
— A estátua de José de Alencar. — Discurso de Machado de Assis, na cerimônia de sua inauguração.
— *Emília*, de José de Alencar
— Duas poesias de José de Alencar. — *Estrela da Tarde.* — *Zelos.*

PÁGINA 9:
— José de Alencar, político. — Carta ao Imperador
— *O Pampa*, de José de Alencar.
— Correspondência de escritores. Carta de José de Alencar a Leonel de Alencar.

PÁGINA 10:
— José de Alencar, jornalista. — *A Agricultura*
— José de Alencar, orador. — Discurso sobre a viagem imperial.

PÁGINA 11:
— José de Alencar no conceito dos seus contemporâneos. — Apreciações de Francisco Otaviano, Pedro Luiz, Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva, Visconde de Taunay, Barão de Paranapiacaba, Bitencourt Sampaio, Gusmão Lobo, Pereira de Araujo, André Rebouças, José do Patrocínio, Tito Franco, Emílio Zaluar, Frederico Rego, França Junior, Afonso Celso, Carlos de Laet, Lino da Assunção, Machado de Assis.

PÁGINA 12:
— José de Alencar, teatrólogo. *Mãe* (Cena final do ato terceiro).

PÁGINA 13:
— *Henrique Heine*, de Múcio Leão
— *O Intermezzo*, de Heine
— Efemérides da Academia.

PÁGINA 14:
— *Pensando em Dante*, de D. Milano
— A margem da crítica do sr. Alvaro Lins sobre *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir
— Salvador de Mendonça e a arbitragem obrigatória, de Ernesto Feder.

PÁGINA 15:
— Curso de estudos da Amazônia. Segunda aula. Professor Anglone Costa. *Prehistória e arqueologia amazônica*
— *José*, poema de Carlos Drummond de Andrade, com ilustração de Osvaldo Goeldi

PÁGINA 16:
— *A vida é de cabeça baixa*, de Alvaro Moreyra
— A colaboração de Filobiblion. Achado n.º 5.

Loja Independente de Teosofistas

Três estudos de João Ribeiro sobre José de Alencar

I

O DIA DE ALENCAR

Hoje, 1º de maio, é o dia de José de Alencar. Todas as folhas da manhã publicam extensos panegíricos do grande escritor, reproduzem autógrafos e retratos na comemoração do centenário daquele que foi o mais popular e o mais lido dos nossos romancistas.

Grande parte, porem, da sua fama, no meu entender, deriva da importância política do escritor

No Brasil, dominam em qualquer sentido os políticos e dominam em todas as coisas sem excetuar o canhestro e solitário recanto da literatura.

Só há um meio de ser gente, ou de subir na estima pública: é o de subir os degráus do poder.

A literatura é um ofício do "pis aller", mais adaptavel às vagabundagens do espirito.

Esses "fainéants" das letras são sempre despojados e usurpados pelos mordomos da coisa pública.

Não fosse Alencar deputado e ministro, jamais conseguiria a admiração universal dos sábios e dos basbaques.

O mesmo aconteceria com Rui Barbosa. Certo é que um e outro devem a perpetuidade dos seus nomes ao fulgor das letras; mas esse fulgor empalideceria se não tivesse a espevitá-lo a auréola de estadista.

E tanto assim era que os homens de grande talento no outro tempo, não ousavam contaminar-se com a peste literária, quando tinham e entretinham as musas e a ambição política.

Otaviano, Pedro Luiz e de lá até Luiz Delfino não quiseram jamais publicar os versos que logravam a admiração discreta dos amigos.

José de Alencar que nada tinha de timido, e era, pelo contrário, um espirito combativo e de absoluta coragem, cedeu a essa repugnância geral.

Os seus livros apareceram, logo que teve nome politico, com disfarçados pseudônimos.

O "Guarani", o livro que alcançou a maior popularidade, apareceu em folhetins anônimos.

Os "Perfis de mulher", "Lucíola", "Diva", "Senhora", traziam as iniciais "G. M."

O "Gaucho", o "Tronco do Ipê", "Sonhos de Ouro", a "Guerra dos Mascates", trouxeram o pseudônimo de "Senio".

Era evidente a incompatibilidade que existia entre o homem público e o literato.

Todos sabiam que esses romances eram da pena de José de Alencar, e, todavia, era-lhe mais agradavel subscrever um livro de frioleiras jurídicas e políticas que não podiam comprometer as suas atitudes de político

Hoje em dia não estão mudadas as coisas.

Homens que nada teem que ganhar nem perder nas altas esferas, como era o caso de Machado de Assis, podem sem desdouro assumir as responsabilidades perigosas do exercício das letras.

Entretanto, os políticos e estadistas são esquecidos no primeiro decênio póstumo. E o próprio Alencar desapareceria de todo se não tivesse a sustentá-lo essa magnífica prole pseudônima dos seus romances.

E assim aconteceria ao próprio Rui Barbosa que lograria quando muito a palma enfezada de jornalista ou de gramático.

José de Alencar tem merecidamente duas estátuas. O Rio, pátria enorme de Machado de Assis, apenas lhe consagrou uma herma em um dos seus jardins.

E' certo que Machado de Assis não quereria mais e nem tanto. Em breve terá a imagem esculpida num intercolunio do "Petit Trianon".

E aí tudo acabou.

Enfim, se a memória dos homens só se realiza pela palavra e pelo pensamento, aos gênios literários caberá sempre o maior quinhão de glória.

Essa, ganhou-a Alencar com o mesmo direito que glorifica o seu grande sucessor Machado de Assis.

("Estado de S. Paulo" — 7-5-1929).

II

AS MINAS DE PRATA

No Brasil a parte de romance é consideravel. No outro tempo havia a crença em lagos interiores donde saiam caudalosos rios, por toda a parte árvores de vidro, monstros incriveis e homens ainda mais indignos de crédito.

A lenda substituia a realidade, principalmente a lenda de tesouros e de riquezas ignoradas.

Hoje não tanto; mas, a fábula de grandezas ainda é mais consideravel que a da realidade.

Basta que um Moisés toque o rochedo com a vara encantada e logo mana a prodigiosa abundância de todas as coisas.

Pelo menos essa fantasia desordenada serve para alentar o otimismo crédulo das gentes e favorecer a inventiva dos romancistas e contadores de história.

Um exemplo dessa facúndia é a mágica história das "Minas de Prata".

Desde o tempo de Walter Scott a moda foi de escrever romances históricos. A historicidade das narrativas pouco a pouco foi desmerecendo, bastando apenas que os personagens, a cor local e um ou outro fato caracterizasse a época e o cenário.

Era já a decadência do romance rigorosamente histórico, difícil de escrever e sempre inclinado e viciosos anacronismos e a erros inevitaveis.

Bastava ao romancista aproveitar as linhas gerais de acontecimento remoto; mais ou menos vago sob a espécie de lenda ou de tradição geralmente aceita.

Os temas mais favoraveis eram naturalmente aqueles que a história deixava indecisos ou incertos, porque mais se prestavam à imaginação e não comprometiam a verdade.

Um desses temas foi o das "Minas de Prata" explorado por José de Alencar.

Pouco se sabia dessas famosas minas e essa dubiedade, escassez e incerteza favoreciam a inventiva do romancista. O fato ou lenda era do século XVI e para autenticar a narrativa bastava apenas o estudo superficial do vocabulário quinhentista, algumas noções da colonização primitiva dos portugueses na Baia, o cenário dos atores principais do drama.

O que se sabia ao certo acerca dessas "Minas de prata" era quase nada e esse pouco, envolto em misterioso véu quase impenetravel.

José de Alencar não ignorava que os antigos colonos desde o primeiro povoamento tinham em vista a pesquisa do ouro e das pedras preciosas e com esse intuito realizavam "entradas" pelo interior do país, revelando a geografia ainda ignorada, o curso dos rios, a existência de tribus indígenas que friamente escravisavam e eram um pequeno lucro na ausência dos metais que procuravam.

A fábula das "Minas de Prata" resulta de uma conjetura até hoje não verificada da exploração de Roberio Dias que se estabeleceu em Jabebery um afluente do Rio Real, onde tinha uma fazenda de criação. Este sítio de Jabebery ficava em Sergipe no lugar que é hoje a cidade de Campos. Era um homem ativo, empreendedor e talvez um visionário tal era a convicção que assoalhava de haver descoberto ricas jazidas do metal precioso na serra de Itabaiana.

Roberio Dias era filho de Belchior Dias, descendente do lendário "Caramurú" e da esposa índia Catarina de Paraguaçú que entrou mais tarde no poema épico de Santa Rita Durão, por graça da tradição que tornou fidalga toda a descendência desse herói da fundação da Baia.

Como quer que seja Roberio Dias, nunca, ao que se saiba, comunicou a descoberta das minas. Internado no sertão e orgulhoso da sua prosápia de nobreza "Caramurú" através do seu progenitor Belchior ou Melchior Dias, provavelmente visitou a soberba serra de Itabaiana que domina toda a capitania de Sergipe del Rei desde o mar até os seus mais alongados confins.

O panorama é realmente esplêndido e já tive a ventura de desfrutá-lo sob o céu glorioso da minha terra.

Mas, a existência de ouro, prata ou pedras preciosas nunca se averiguou até agora. Como quer que seja, acredita-se que Roberio Dias escreveu um itinerário ou "Roteiro" que guardou secreto e tentou negociá-lo com o governo da Baia ou de Madri.

Nada conseguiu e nada se sabe ou nunca existira.

A verdade é que o pai de Roberio Dias esteve preso na Baia por qualquer motivo ignorado durante dois anos conseguindo a liberdade com o resgate de nove mil cruzados.

Roberio, filho de Belchior Dias e Catarina Paraguaçú, teve por mãe uma índia do Geru, lugar não distante de Jabebery em Sergipe.

Eis tudo quanto se sabe e José de Alencar sabia muito menos ao urdir o seu formoso romance das "Minas de Prata".

A Fazenda de Jabebery foi arrendada em 1636 quando Roberio abandonou o teatro das suas explorações mineiras.

Provavelmente levou dali sua mãe a índia Lourença. E' ainda um fato que auxiliou as tropas do conde Bagnuolo quando este diante da vitória dos holandeses se retirara para o sul.

Essas migalhas fragmentárias e colhidas na história e na tradição serviram para a arquitetura do romance de José de Alencar.

Havia lacunas e hiatos a preencher e para a urdidura e trama de um romance convinha ideiar uma história de amor.

O historiador exige documentos, mas o romancista contenta-se apenas com o estímulo inicial de qualquer história.

O mais provavel é que essas famosas minas nunca existiram e se existissem hoje seriam descobertas e conhecidas. A terra é pequena e inteiramente vasculejada em seus caminhos para o sertão.

Como quase todo o norte apenas uma pequena faixa litorânea é habitavel para o homem sedentário, o resto é um imenso deserto sáfaro e ingrato.

Nada impede que se ergam castelos fantásticos na desolação da paisagem e até parece que o deserto provoca a fantasia dos poetas, como no antigo oriente.

Sergipe deve tudo ao litoral e nada ao sertão, onde nem sequer o gado prospera, vitimado pelas secas e pela aridez do solo.

E' preciso atravessá-lo para chegar ao curso majestoso do São Francisco onde há pelo menos água para mitigar a sede, o peixe para a alimentação frugal e um pouco de umidade para a vegetação.

As "Minas de Prata" da história são, como as "Minas de Prata" do romance pura fantasia e miragem perpétua do deserto.

("Rev. Sousa Cruz" — Janeiro de 1933).

III

JOSE' DE ALENCAR E A LINGUAGEM DIFERENCIAL DO BRASIL — AS CRITICAS QUE SOFREU DOS DEFENSORES DA LINGUA PORTUGUESA CONTRA AS TENDÊNCIAS DA LINGUA NACIONAL AMERICANA

O estudo da língua portuguesa no Brasil envolve larga matéria de erudição filológica.

Queremos apenas, hoje, no centenário do mais nacionalista dos nossos escritores, apontar em breve síntese as principais acusações que lhe fizeram.

O mais acérrimo dos seus críticos foi um português ilustre que vivia no Brasil. José de Alencar justificou-se fundado principalmente no direito que temos e que ousamos ter falando e escrevendo a linguagem transplantada para o Brasil e naturalmente sujeita às modificações do novo ambiente.

As principais censuras encontram-se numa publicação periódica, as "Questões do Dia", e delas é que vamos tratar sumariamente.

As "Questões do Dia" encerram a maior parte da polêmica do lado dos adversários de José de Alencar. Eram as "Questões" curiosos panfletos de política e literatura de que fora redator principal José Feliciano de Castilho, homem de erudição muito segura mas escritor sem muito relevo, prolixo e fatigante. Aqui viveu José Feliciano com duvidoso emprego das suas letras, redigindo relatórios de ministros ignorantes ou que desejavam parecer corretos quanto à vernaculidade dos seus míseros aranzeis oficiais. Como quer que seja gozava de grande conceito e não pouco talvez contribuiria para o seu prestígio o ser irmão do grande Castilho (Antonio), o prosador e o poeta de grande reputação em Portugal e no Brasil.

Nas "Questões" para combater a literatura "incorrecta" e nacionalista de Alencar ajunta-se a José Feliciano um brasileiro de algum mérito, Franklin Tavora, que usava o pseudônimo de "Semprónio" em epístolas dirigidas a "Cincinato" (José Feliciano).

Ambos os críticos pela veemência dos seus libelos concorriam para exaltar a atitude de José de Alencar, que os menosprezava amargamente, tendo-os a conta de charlatães, impotentes zoilos e criaturas odiosas e insignificantes.

Como quer que se considere o valor de tais críticos, a parte de José Feliciano era a mais lida e proveitosa, porque quase toda ela se resumia em correções da "linguagem brasileira" considerada espúria e nos neologismos do autor de "Iracema".

Essa agressão durou um ano inteiro de 1871 a 1872, nos cinquenta números do panfleto literário e político das "Questões". Franklin Tavora censurava o entrecho dos romances, a fantasia desordenada do nosso romancista e dava-o como discípulo grosseiro de Chateaubriand, de Gustavo Aimard e de Fenimore Cooper, de quem adulterava, copiava e estragava as idéias fundamentais. A injustiça e a sem razão dessa crítica maligna desproporcionada e inepta era ou parecia ser mais o produto de incontida inveja do que a visão serena da justiça e equidade.

Prudentemente evitava Franklin Tavora as questões de linguagem em que não tinha autoridade alguma.

José Feliciano, pelo contrário, apegava-se à crítica dos fatos da língua, fazendo da portuguesa européia, como ainda hoje se faz, o padrão modelar da expressão, mesmo no Brasil.

Por isso mesmo, a sua crítica pareceu a todos a única proveitosa. No Brasil e naquele tempo "escrever bem" não seria senão escrever segundo os cânones europeus. Herculano e Castilho davam as normas e o mesmo Garrett seria suspeito ao escrupuloso purismo dos dois primeiros.

Desde então pode afirmar-se que foi desunida a "atitude" dos escritores brasileiros mais independentes.

E, por isso, é que vamos apontar algumas das censuras mais interessantes de José Feliciano de Castilho. Outras versam sobre "neologismos" literários.

O primeiro a romper a contenda foi Franklin Tavora, que estranhou certas novidades de Alencar que lhe pareceram infelizes e que achamos agora bem afortunadas: "hinnito" (do cavalo), o "afflar" da fronde das palmeiras; vozes clássicas.

José Feliciano ("Questões" IX) nota o abuso de "imenso", o "imenso orbe e a imensa planície", e foi essa a sua estréia de futilidades. Aí condena o verbo novo "estringir" na frase: "A funda tristeza que "estringe" a alma". Quem é em português esse senhor "estringe?" pergunta José Feliciano com o entono de mestre escola.

Em seguida passa à questão dos pronomes, que desde então se tornou o forte dos vernaculistas. José Feliciano não suportava a má colocação dos pronomes e documenta em Alencar: "que girou-lhe em torno da cabeça", "o suor que alagava-lhe o corpo", "cuja estampa desenhava-se", etc.

Não devemos aqui dissimular que José Feliciano conseguiu de fato o melhor do seu combate. No Brasil a questão dos pronomes (ainda não literalmente resolvida) encaminhou-se para a solução que o escritor português indicava e aliás sem impertinência.

De fato ele escrevia a este propósito "há aqui uma desculpa se há culpa: é este seu dizer (de Alencar) assaz frequente no Brasil e característico dos mais seguros para se afirmar "prima facie" ter uma obra portuguêsa sido aqui escrita".

Há nessa mui sensata afirmação duas coisas a notar: primeira que não há culpa sendo o modo geral de expressão no Brasil; e em segundo lugar, José Feliciano assegura que uma "obra portuguesa" pode ser "aqui" escrita.

Na realidade os seus discípulos foram e são da mais desenfreada incontinência. Não admitem vacilações na matéria.

José Feliciano expõe algumas regras da topologia pronominal: a anteposição do pronome oblíquo nas orações de **que**, nas adverbiais de **não**, **nunca**, **sempre**, etc., e a posposição quando o verbo começa a frase: conhecote, vou-me embora.

Poucas regras, de fato; mas são as melhores e quase únicas.

Condena o vocábulo **faceiro** e **faceira**, aliás, vozes antigas portuguesas no sentido de galante e gentil. Hoje, porem, para os portugueses **faceira** é a "carne das faces do boi" como diz o Moraes.

Tambem não lhe parece bem a "expressão de **recolho**" que é uma má tradução de **recueillement**.

Censura a sintaxe do se em "**percebia-se** uns reflexos".

José Feliciano achava que a guerra aos clássicos era uma espécie de manifesto da raposa, inimiga da uva. Alencar respondia-lhe enfaticamente: "O velho estilo clássico destão no meio destas florestas seculares, destas catadupas formidaveis, destes prodígios da natureza virgem que não podem sentir as musas gentis do Tejo e do Mondego".

Depois censura o mau emprego de **carecer** (Questões, XVII), do mais em vez do já e os inumeraveis galicismos de um... um..., um adjetivar todos os substantivos: **uma brisa, um sopro, uma dúvida, etc.**, sem parcimônia.

A isso Alencar opunha acri-

Loja Independente de Teosofistas

Post-scriptum do romance "Sonhos de Ouro" — JOSÉ DE ALENCAR

Há quinze dias teve Ricardo de assistir a uma vistoria, em questão de terras, para o lado de Jacarepaguá.

Na volta lembrou-se de visitar D. Joaquina, a quem não via desde muito. Achou a casinha e a dona no mesmo estado: velhas como as deixara, mas contentes e sossegados.

A tia de Fabio recebeu o advogado com muita festa e agasalho; perguntou noticias do sobrinho e da nova sobrinha; e pediu a Ricardo que lhe mandasse muitas e muitas recomendações, quando escrevesse.

Eram duas horas. Já D. Joaquina tinha jantado; mas havia carne assada e improvisou-se uma fritada, que Ricardo aceitou de bom grado, para ter o prazer de passar com a velha o resto da tarde. O advogado almoçou com apetite; e não trocaria o copo dágua cristalina, que bebeu depois do melado, pelo mais esquisito champanha.

—O senhor é que ainda não quis casar? disse D. Joaquina, preparando-lhe uma chavena de café.

— Creio que fiquei para tio; disse Ricardo sorrindo.

— Qual!... A dificuldade é encontrar aí algum peixãozinho que lhe ponha feitiço; como um que veio aqui o outro dia.

— Não tenha receio, trago uma figa, duas figas, que me livram do quebranto: tornou Ricardo no mesmo tom.

—Deixe ver; disse a velha.

— Estão lá dentro, no coração.

A velha riu-se. E o advogado acendendo o charuto saiu a dar uma volta de passeio a pé, enquanto se ia buscar ao pasto o "Galgo", que naturalmente andava tambem matando saudades, pois desde muito tempo residia na corte à Travessa do Espirito Santo n. 19, cocheira do Viana.

Tomou Ricardo pelo mesmo caminho em que à primeira vez o encontramos, e não tinha dado vinte passos que as recordações de outros tempos surgiram para envolvê-lo como o aparato de uma cena armada de improviso.

Ouviu tropel de animal; reconheceu o "Galgo"; viu passar Fabio; trocou palavras com ele; perdeu-se entre os tufos do arvoredo; sentiu o sobressalto que tivera outrora, despertado por um riso argentino; e contemplou com entusiasmo de artista, e um enlevo que então não sentira, o gracioso vulto da gentil amazona.

Depois correram as vistas novas cenas sucediam-se; e a imaginação as povoava de recordações vivazes, que entretanto pareciam extintas.

Este volver ao passado incomodava Ricardo, que pensou escapar-lhe fugindo àquele sitio.

Ao voltar uma curva descobriu duas senhoras, que se aproximavam lentamente pelo mesmo caminho; e qual não foi o seu espanto reconhecendo Guida acompanhada de Mrs. Trowshy.

Desde certo tempo a saude de Guida se alterara. Não se queixava, nem tinha mesmo incomodo ou mal determinado. Perdera a alegre vivacidade; e sentia invadi-la um abatimento indefinivel. Sua vida nos meses últimos não era mais do que um lento deliquio; parecia-lhe que estava desmaiada. As flores, se é que tem sensibilidade, devem experimentar uma impressão igual quando murcham.

Ultimamente o desfalecimento chegara a ponto de inquietar a familia; os médicos receitaram as duas panacéias do costume, "o casamento e o campo". Pobres dos médicos! Queixam-se deles. Ah! Se tivessem na sua farmacopéia certas drogas preciosas, como o amor, a ambição, a glória, que de curas milagrosas não fariam!

Quando se tratou de escolher o arrabalde, Guida pediu a Tijuca; não que ela esperasse tirar proveito para a saude. Bem longe disso; era um desejo recondito de rever aqueles sitios, e saciar-se das reminiscências que eles guardavam. Matassem embora essas árvores, como a mancenilha; queria embriagar-se de seus perfumes.

Lembrava-se da "Africana" que vira representar ultimamente; e invejava aquela morte, ela que dois anos antes, naquelas mesmas montanhas, zombava de Sapho, a mais ilustre entre as martires do amor.

Guida trajava naquela tarde um vestido cinzento e, sobre ele, um casaco preto guarnecido de martha. A alvura imaculada de seu rosto destacava-se nesse trajo escuro, entre os negros cabelos, com uma lividez que assustava: parecia o perfil de uma estátua em alabastro.

Reconhecendo Ricardo, teve a moça uma violenta comoção, e tomou para suster-se o braço da mestra, que atribuiu o choque a susto e debilidade da moléstia.

— Não sabia que estava na Tijuca, disse Ricardo.

— Viemos há oito dias.

— Ela tem andado doente: o doutor mandou tomar ares; disse Mrs. Trowshy em português arrevesado.

— Há de fazer-lhe bem a Tijuca; tornou Ricardo.

— A saude?... perguntou Guida.

E abanou a cabeça desfolhando um triste sorriso.

Foi então que Ricardo reparou no estado de abatimento da moça. O talhe, tão esbelto e gracil, retraia-se como o cálice do lirio do vale quando fana-se, e os olhos de embaciados, só intercadentes, como o trepidar da estrela, rutilavam para desferir lampejo febril.

Não se concebe a comiseração que sentiu Ricardo notando aquele deperecimento lento de uma beleza, que ele vira tão esplêndida. Lágrimas umedeceram-lhe os olhos; e teve impulso de ajoelhar-se aos pés da martir, sacrificada ao paganismo social.

Lembrou-se da conversa que tivera com a moça dois anos antes, pouco distante daquele sitio. Guida era uma das vitimas desse martirológio da familia, que poucos sabem e ninguem compreende. Nascera rica; educaram-na para a opulência; e a grandeza a sufocava.

Havia um meio de salvar-se; era esfarfalhar sua alma pelas salas em afeições efêmeras; tornar-se a moça da moda, faceira, namorada, perseguida e disputada por um enxame de adoradores. A dignidade inata fechou-lhe essa válvula do coração.

Guida o guardara virgem e intacto para o seu primeiro amor; porem este não o encontrara no mundo. Porque? Não havia um homem que a merecesse? Guida estimava o homem, mais do que ele valia, porem na pureza do ideal; por isso os individuos da espécie lhe pareciam escorços, senão caricaturas.

—Porque não sou eu o homem que ela sonha? disse Ricardo; porque não me deu o Criador um rátio do fogo sagrado para reanimar esta vida que se extingue, para reter na terra esta bela mulher que se está transformando em anjo?

Guida sentara-se à beira do caminho, numa leiva coberta de relva, e acompanhava o recorte das nuvens com o olhar mórbido, que às vezes se eclipsava sob os longos cilios e volvia rápida e subtilmente ao rosto de Ricardo.

— Deve passear! disse Ricardo para romper o silêncio.

— Ela não gosta mais de sair como dantes; observou Mrs. Trowshy.

— Fatiga-me tanto! tornou Guida. Já três vezes viemos para este lado; e ainda não pude chegar até a outra volta.

— Quando estiver mais forte.

— Tenho tanta vontade! Mas hoje hei de ir; já descansei. Venha conosco! disse pousando o olhar súplice no semblante do moço.

Não era longe a volta a que a moça desejava chegar.

— Lembra-se? perguntou a Ricardo. Aqui nos encontramos pela primeira vez.

— Não esqueceu?

— E a nossa flor... Ainda estará no mesmo lugar?

Ricardo rompeu o arvoredo, e procurou:

—Aqui está ela!

Guida aproximou-se

O arbusto, reverdecido com as águas do inverno, começava a florescência. Nas pontas dos renovos germinavam já os lindos cálices de nacar, com o seu pingo douro.

Roçou Guida as mãos pelas folhas glabras do arbusto como para sentir-se acariciada pelo doce florido:

— Sonhos douro! murmurou.

— E' verdade! exclamou Ricardo sorrindo.

— Nem se lembrava! disse Guida com leve exprobação.

— Não culpe a pobre florinha, se o vento da tempestade a mirrou e cobriu de pó, tornou Ricardo apanhando os secos despojos da passada floração.

— Estes morreram, murmurou Guida olhando as flores murchas, mas vão renascer. E os meus?...

A voz da moça expirou nos lábios, e exalou-se em um suspiro:

— Os meus nasceram aqui tambem, porem morreram para sempre!

Ergueu Ricardo surpreso os olhos, e viu o semblante da moça banhado em lágrimas.

— Guida! exclamou ele.

E cingiu-lhe a cintura com o braço para ampará-la, porque a via desfalecer.

— Eu queria morrer aqui! balbuciou ela descaindo a fronte ao ombro de Ricardo, e reclinando o talhe ao peito onde conchegou-se hirta, sem movimento.

Mudo e extático, Ricardo não sabia o que fizesse; não tinha forças para separar de si o corpo desfalecido, nem ousava observar-lhe o semblante, bemendo ver nele a máscara da morte.

Foi rápido o lance, e durou enquanto Mrs. Trowshy, que duas vezes investira com o arvoredo, mas fora repelida por causa de sua rotundidade, fazia volta para aproximar-se.

— Guida! repetiu Ricardo aflito.

A moça ergueu a fronte engolfando-se no olhar que banhou o rosto do mancebo, sorriu.

— Cuidei que morria... e era feliz!

Ricardo pousou um beijo casto na fronte da moça.

— Há de viver!

— Para quem?...

— Para mim!

— Por ele e para ele, meu Deus! disse ela ajoelhando com as mãos erguidas ao céu.

— *What!*... gritou a mestra vendo Guida naquela posição.

Ergueu-se Guida com um sorriso:

— Estava agradecendo a Deus a benção que me enviou.

E abraçando-a com efusão, cobriu-a de beijos.

— *Child! Dear Child!*... exclamava a inglesa esmagando as lágrimas nos olhos.

Casa em que nasceu Alencar, em Mecejana, Ceará

---

monosamente as suas razões contra o **salsinha literário, casmurro, charlatão, palhaço, critiqueiro, cacassene e**, realmente, muitas das censuras de José Feliciano são coarctadas de Bertolino, como a de ver monstruosidades a todo momento em "ondas, em flutuação", a que Alencar opõe a **onda fluctivaga** de Estacio (caindo, todavia, em erro do autor citado, **Silvio**, em vez de **Silvas**, nome da obra do poeta latino).

Os escritores de grande engenho atraem sempre a animadversão dos mais apoucados, dos invejosos e, na maior parte dos casos, dos **principiantes** que querem aparecer. Assim o fez o proprio José de Alencar na critica à **Confederação dos Tamoyos**, o poema de **Magalhães**, nosso primeiro romântico.

Continuando, José Feliciano censura em Alencar a frase: "**E promovendo um passo**". Mover, sim, e não **promover**, diz o mestre. Mas, **promover**, pelo menos etimologicamente, é mover para diante. José Feliciano prefere o Manuel de Galhegos quando escreve:

Nem quando a Aurora...
Com tanta bizarria os **passos**
[move

Nas **Questões** (n. 43) nota que é incorreto dizer, como Alencar: "Reboou nas barrocas da azinhaga o tropel de um cavalo".

José Feliciano não concorda com o tropel de um só cavalo, nas de muitos. Entretanto, a idéia de tropel é mais do ruido que da multidão e podemos dizer que uma só cousa pode **atropelar** outra. Vê-se a estreiteza do seu critério e por isso condena como algaravias **tom opaco da solidão, o céu, tela azul, etc.**

Essas coisas para ele **não atam nem desatam. Imprimir um perfume** é um dislate, não sendo o perfume coisa sólida ou pesada.

Em conclusão, a critica de José Feliciano pode ser decomposta em dois motivos gerais: um, a censura indébita de imagens, de tropos e de neologismos quase sempre aceitaveis; o outro, a questão da gramática portuguesa que considera intangivel e por isso mesmo inadaptavel a quaisquer diferenciações fora do velho Portugal.

E' esse segundo motivo o mais respeitavel e é ainda o que se processa nas polêmicas vigentes com alguma vivacidade.

Os escritores brasileiros de maior independência opõem-se aos rigores do vernaculismo europeu, clássico ou contemporâneo. O mesmo sucede em Portugal quanto ao fabuloso prestigio dos clássicos. Eça de Queiroz, Fialho e outros que vieram depois dificilmente poderiam entrar na tradição do quinhentismo, muito mais cultivado no Brasil se atentarmos no influxo de Rui Barbosa e na sobriedade de Machado de Assis.

Em qualquer caso, os revolucionários podem tomar como ponto de partida o imenso prestigio de José de Alencar.

Não há certamente um dialeto brasileiro. A lingua é a portuguesa, para os dois grandes paises de idioma comum. Entretanto, há um matiz que nos pertence para sempre no modo de falar e de escrever.

Em várias oportunidades buscou Alencar em preciosas notas ortográficas e linguisticas justificar o vocabulário tupi e as presumidas incorreções de linguagem que lhe atribuiram os criticos de boa e de má fé.

Em nota ao seu poema em prosa, "Iracema", justifica usos como o de acentuar graficamente a preposição a ainda quando não absorva o artigo. E tinha a seu favor a prosódia brasileira que não distingue à de a. Não lhe parecia razoavel fugir o português a um fato românico da preposição acentuada como se dá no italiano e no francês.

Ai responde a Pinheiro Chagas (que aliás recebeu com grande entusiasmo o romance indianista de Alencar) contrapondo a opinião de Webster: "Quando povos da mesma estirpe se separam e habitam regiões distintas, a linguagem de cada um começa a divergir por vários modos".

Quanto à questão da topologia pronominal tudo fiava da eufonia e da elegância da frase. Era mais questão de ouvido que de gramática.

("Jornal do Brasil" — 2-5-929).

Loja Independente de Teosofistas

ALGUMAS PÁGINAS DO "GUARANÍ"

A PRECE

A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.

A luz frouxa e suave do ocaso, deslisando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.

Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricori abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a jurti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o por do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.

Era Ave-Maria.

Como é solene e grave no meio das nossas matas a hora misteriosa do crepúsculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Criador para murmurar a prece da noite!

Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planície; essas gradações infinitas da luz pelas quebradas da montanha; esses raios perdidos, que, esvasando-se pelo renaçuo da folhagem, vão brincar um momento sobre a areia; tudo respira uma poesia imensa que enche a alma.

O urutau no fundo da mata solta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas crastas de verdura, vão ecoar ao longe como o toque lenio e pausado do "angelus".

A brisa, roçando as grimpas da floresta, traz um debil sussurro, que parece o último eco dos rumores do dia, ou o derradeiro suspiro da tarde que morre.

Todas as pessoas reunidas na esplanada sentiam mais ou menos a impressão poderosa desta hora solene, e cediam involuntariamente a esse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor.

De repente os sons melancólicos de um clarim prolongaram-se pelo ar quebrando o concerto da tarde; era um dos aventureiros que tocava Ave-Maria.

Todos se descobriram.

D. Antonio de Mariz, adiantando-se até à beira da esplanada para o lado do ocaso, tirou o chapéu e ajoelhou.

Ao redor dele vieram grupar-se sua mulher, as duas moças, Alvaro e D. Diogo; os aventureiros, formando um grande arco de círculo, ajoelharam-se a alguns passos de distância.

O sol com o seu último reflexo esclarecia a barba e os cabelos brancos do velho fidalgo, e realçava a beleza daquele busto de antigo cavalheiro.

Era uma cena ao mesmo tempo simples e majestosa a que apresentava essa prece meio cristã, meio selvagem; em todos aqueles rostos, iluminados pelos raios do ocaso, respirava um santo respeito.

Loredano foi o único que conservou o seu sorriso desdenhoso, e seguia com o mesmo olhar torvo os menores movimentos de Alvaro, ajoelhado perto de Cecilia e embebido em contemplá-la, como se ela fosse a divindade a quem dirigia a sua prece.

Durante o momento em que o rei da luz, suspenso no horizonte, lançava ainda um olhar sobre a terra, todos se concentravam em um fundo recolhimento, e diziam uma oração muda, que apenas aoitava imperceptivelmente os lábios.

Por fim o sol escondeu-se; Aires Gomes estendeu o mosquete sobre o precipício, e um tiro saudou o ocaso.

Era noite.

Todos se ergueram; os aventureiros cortejaram e foram-se retirando a pouco e pouco.

Cecilia ofereceu a fronte ao beijo de seu pai e de sua mãe, e fez uma graciosa mesura a seu irmão e a Alvaro.

Isabel tocou com os lábios a mão de seu tio, e curvou-se em face de D. Lauriana para receber uma benção lançada com a dignidade e altivez de um abade.

Depois a familia, chegando-se para junto da porta, dispôs-se a passar um desses curtos serões que outrora precediam à simples mas suculenta ceia.

Alvaro, em atenção a ser o seu primeiro dia de chegada, fora emprazado pelo velho fidalgo para tomar parte nessa colação da familia, o que havia recebido como um favor imenso.

O que explicava esse apreço e grande valor dado por ele a um tão simples convite era o regime caseiro que D. Lauriana havia estabelecido na sua habitação.

Os aventureiros e seus chefes viviam num lado da casa inteiramente separados da familia; durante o dia corriam os matos e ocupavam-se com a caça ou com diversos trabalhos de cordoagem e marcenaria.

Era unicamente na hora da prece que se reuniam um momento na esplanada, onde, quando o tempo estava bom, as damas vinham tambem fazer a sua oração da tarde.

Quanto à familia, essa conservava-se sempre retirada no interior da casa durante a semana. O domingo era consagrado ao repouso, à distração e à alegria; então dava-se às vezes um acontecimento extraordinário como um passeio, uma caçada, ou uma volta em canoa pelo rio.

Já se vê pois a razão por que Alvaro tinha tantos desejos, como dizia o italiano, de chegar ao "Paquequer" em um sábado e antes das seis horas; o moço sonhara com a ventura desses curtos instantes de contemplação e com a liberdade do domingo, que lhe ofereceria talvez ocasião de arriscar uma palavra.

Formado o grupo da familia, a conversa travou-se entre D. Antonio de Mariz, Alvaro e D. Lauriana; Diogo ficara um pouco retirado; as moças, timidas, escutavam, e quase nunca se animavam a dizer uma palavra sem que se dirigissem diretamente a elas, o que rara vez sucedia.

Alvaro, desejoso de ouvir a voz doce e argentina de Cecilia, da qual ele tinha saudade pelo muito tempo que não a escutava, procurou um pretexto que a chamasse à conversa.

— Esquecia-me contar-vos, sr. D. Antonio, disse ele aproveitando-se de uma pausa, um dos incidentes da nossa viagem.

— Qual? Vejamos; respondeu o fidalgo.

— A coisa de quatro léguas daqui, encontramos Peri.

— Inda bem! disse Cecilia: há dois dias que não sabemos noticias dele.

— Nada mais simples, replicou o fidalgo; ele corre todo este sertão.

— Sim! tornou Alvaro, mas o modo por que o encontramos é que não vos parecerá tão simples.

— O que fazia então?

— Brincava com uma onça como vós com o vosso veadinho, D. Cecilia.

— Meus Deus! exclamou a moça soltando um grito.

— Que tens, menina? perguntou D. Lauriana.

— E' que ele deve estar morto a esta hora, minha mãe.

— Não se perde grande coisa, respondeu a senhora.

— Mas eu serei a causa de sua morte!

— Como assim, minha filha? disse D. Antonio.

— Vede vós, meu pai, respondeu Cecilia, enxugando as lágrimas que lhe saltavam dos olhos; conversava quinta-feira com Isabel, que tem grande medo de onças, e brincando, disse-lhe que desejava ver uma viva!...

— E Peri a foi buscar para satisfazer o teu desejo; replicou o fidalgo rindo. Não há que admirar. Outras tem ele feito.

— Porem, meu pai, isto é coisa que se faça! A onça deve tê-lo morto.

— Não vos assusteis, D. Cecilia; ele saberá defender-se.

— E vós, sr. Alvaro, por que não o ajudastes a defender-se? disse a moça sentida.

— Oh! se vissels a rabia com que ficou por querermos atirar sobre o animal!

E o moço contou parte da cena passada na floresta.

— Não há dúvida, disse D. Antonio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecilia, quis fazer-lhe a vontade com risco de sua vida. E' para mim uma das coisas mais admiraveis que tenho visto nesta terra, o carater desse indio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroismo. Crede-me, Alvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem!

A conversa continuou; mas Cecilia tinha ficado triste, e não tomou mais parte nela.

D. Lauriana retirou-se para dar as suas ordens; o velho fidalgo e o moço conversaram até oito horas, em que o toque de uma campa no terreiro da casa veio anunciar a ceia.

Enquanto os outros subiam os degraus da porta e entravam na habitação, Alvaro achou ocasião de trocar algumas palavras com Cecilia.

— Não me perguntais pelo que me ordenastes, D. Cecilia? disse ele a meia voz.

— Ah! sim! trouxestes todas as coisas que vos pedi?

— Todas e mais..., disse o moço balbuciando.

— E mais o que? perguntou Cecilia.

— E mais uma coisa que não pedistes.

— Essa não quero! respondeu a moça com um ligeiro enfado.

— Nem por vos pertencer já? replicou ele timidamente.

— Não entendo. E' uma coisa que já me pertence, dizeis?

— Sim; porque é uma lembrança vossa.

— Nesse caso guardai-a, sr. Alvaro, disse ela sorrindo, e guardai-a bem.

E fugindo foi ter com seu pai, que chegava à varanda, e em presença dele recebeu de Alvaro um pequeno cofre, que o moço fez conduzir, e que continha as suas encomendas. Estas consistiam em joias, sedas, espiguilhas de linho, fitas, galacês, holandas, e um lindo par de pistolas primorosamente embutidas.

Vendo essas armas, a moça soltou um suspiro abafado e murmurou consigo:

— Meu pobre Peri! Talvez já não te sirvam nem para te defenderes.

A ceia foi longa e pausada, como costumava ser naqueles tempos em que a refeição era uma ocupação séria, e a mesa um altar que se respeitava.

Durante a colação, Alvaro esteve descontente pela recusa que a moça fizera do modesto presente que ele havia acariciado com tanto amor e tanta esperança.

Logo que seu pai ergueu-se, Cecilia recolheu ao seu quarto, e, ajoelhando diante lo crucifixo, fez a sua oração. Depois, erguendo-se, foi levantar um canto da cortina da janela e olhar a cabana que se erguia na ponta do rochedo, e estava deserta e solitária.

Sentia apertar-se o coração com a idéia de que, por um arasejo, tivesse sido a causa da morte desse amigo dedicado que lhe salvara a vida, e arriscava todos os dias a sua, somente para fazê-la sorrir.

Tudo nesta recámara lhe falava dele: suas aves, seus dois amiguinhos que dormiam, um no seu ninho e outro sobre o tapete, as penas que serviam de ornato ao aposento, as peles dos animais que seus pés roçavam, o perfume suave de beijoim que ela respirava; tudo tinha vindo do indio que, como um poeta ou um artista, parecia criar em torno dela um pequeno templo dos primores da natureza brasileira.

Ficou assim a olhar pela janela muito tempo; nessa ocasião nem se lembrava de Alvaro, o joven cavalheiro elegante, tão delicado, tão timido, que corava diante dela, como ela diante dele.

De repente a moça estremeceu.

Tinha visto à luz das estrelas passar um vulto que ela reconheceu pela alvura de sua túnica de algodão, e pelas formas esbeltas e flexiveis; quando o vulto entrou na cabana, não lhe restou a menor dúvida.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e poude então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora: depois deitou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magua que lhe fizera, recusando o seu mimo.

IARA

Dois dias depois da cena do pouso, por uma bela tarde de verão, a familia de D. Antonio de Mariz estava reunida na margem do "Paquequer".

O lugar em que se achava era uma pequena baixa cavada entre dois outeiros pedregosos que se elevavam naquelas paragens. A relva que tapeçava essas fragas, as árvores que haviam nascido nas fendas das pedras, e reclinando sobre o vale teciam um lindo docel de verdura, tornavam aquele retiro pitoresco.

Não podia haver sitio mais agradavel para se passar uma sesta de estio, do que esse caramachão cheio de sombra e de frescura, onde o canto das aves concertava com o trépido murmúrio das águas.

Por isso, apesar de ficar ele a alguma distância da casa, a familia vinha às vezes, quando o tempo estava sereno, gozar algumas horas da frescura deliciosa que ali se respirava.

D. Antonio de Mariz, sentado junto de sua mulher, contemplava por entre uma aberta das folhas o céu azul e aveludado de nossa terra, que os filhos da Europa não se cansam de admirar. Isabel, encostada a uma palmeira nova, olhava a correnteza do rio murmurando bairinho uma trova de Bernardim Ribeiro.

Cecilia corria pelo vale perseguindo um lindo colibri, que no vôo rápido iriava-se de mil cores, cintilando como o prisma de um raio solar. A linda menina, com o rosto animado, rindo-se dos volteios que a avezinha lhe fazia dar, como se brincasse com ela, achava nesse folguedo um vivo prazer.

Mas afinal, sentindo-se fatigada, foi recostar-se em um cômoro de relva, que, elevando-se no sopé do rochedo, formava uma espécie de divan natural. Descansou a cabeça no declive, e assim ficou com os pesinhos estendidos sobre a grama que os escondia como a ia de um rico tapete, e o seio mimoso a arfar com o anhelito da respiração.

Algum tempo se passou sem que o menor incidente perturbasse o suave painel que formava esse grupo de familia.

De repente, entre o docel de verdura que cobria esta cena, ouviu-se um grito vibrante e uma palavra de lingua estranha:

— "Iara"!

E' um vocábulo guarani: significa "a senhora".

D. Antonio levantou-se; volvendo olhos rápidos, viu sobre a eminência que ficava sobranceira ao lugar em que estava Cecilia, um quadro original.

De pé, fortemente apoiado sobre a base estreita que formava a rocha, um selvagem coberto com um ligeiro saio de algodão metia o ombro a uma lasca de pedra que se desencravara do seu alvéolo, e ia rolar pela encosta.

O indio fazia um esforço supremo para suster o peso da lage prestes a esmagá-lo; e com o braço estendido de encontro a um galho de árvore mantinha por uma tensão violenta dos músculos o equilibrio do corpo.

A árvore tremia; por momentos parecia que pedra e homem se enrolavam numa mesma volta, e precipitavam-se sobre a menina sentada na aba da colina.

Cecilia, ouvindo o grito, erguera a cabeça, e olhava seu pai com alguma surpreza, sem adivinhar o perigo que a ameaçava.

Ver, lançar-se para sua filha, tomá-la nos braços, arrancá-la à morte, foi para D. Antonio de Mariz uma só idéia e um só movimento, que realizou com a força e a impetuosidade do sublime amor de pai, que era toda a sua vida.

No momento em que o fidalgo deitava Cecilia quase desmaiada sobre o regaço materno, o indio saltava no meio do vale; a pedra ofrando sobre si, precipitada do alto da colina, enterrava-se profundamente no chão.

Foi então que os outros espectadores desta cena, paralisados pelo choque que haviam sofrido, lançaram um grito de terror, pensando no perigo que já estava passado.

Uma larga esteira que descia da eminência até o lugar onde Cecilia estivera recostada, mostrava a linha que descrevera a pedra na passagem, arrancando a relva e ferindo o chão. D. Antonio, ainda pálido e trêmulo do perigo que correra Cecilia, volvia os olhos daquela terra que se lhe afigurava uma campa, para o selvagem que surgira, como um gênio benfazejo das florestas do Brasil.

O fidalgo não sabia o que mais admirar, se a força e o heroismo com que ele salvara sua filha, se o milagre de agilidade com que se livrara a si proprio da morte.

Quanto ao sentimento que dilara esse proceder, D. Antonio não se admirava; conhecia o carater dos nossos selvagens, tão injustamente caluniados pelos historiadores; sabia que fora da guerra e da vingança eram generosos, capazes de uma ação grande e de um estimulo nobre.

Por muito tempo reinou silêncio expressivo nesse grupo, que se acabava de transformar de modo tão imprevisto.

D. Lauriana e Isabel de joelhos oravam a Deus, rendendo-lhe graças; Cecilia ainda assustada apoiava-se ao peito de seu pai e beijava-lhe a mão com ternura; o indio humilde e submisso fitava um olhar profundo de admiração sobre a moça que tinha salvado.

Por fim D. Antonio, passando o braço esquerdo pela cintura de sua filha, caminhou para o selvagem, e estendeu-lhe a mão com gesto nobre e afavel: o indio curvou-se e beijou a mão do fidalgo.

— De que nação és? pergun-

Loja Independente de Teosofistas

DE JOSÉ DE ALENCAR

tou-lhe o cavalheiro em guarani.

— Goitacaz, respondeu o selvagem erguendo a cabeça com altivez.

— Como te chamas?

— Peri, filho de Araré, primeiro de sua tribu.

— Eu, sou um fidalgo português, um branco inimigo de tua raça, conquistador de tua terra; mas tu salvaste minha filha; ofereço-te a minha amizade.

— Peri aceita; tu já eras amigo.

— Como assim? perguntou D. Antonio admirado.

— Ouve.

O indio começou, na sua linguagem tão rica e poética, com a doce pronúncia que parecia ter aprendido das auras da sua terra ou das aves das florestas virgens, esta simples narração.

◆ ◆
◆

"Era o tempo das árvores de ouro.

"A terra cobriu o corpo de Araré e as suas armas, menos o seu arco de guerra.

"Peri chamou os guerreiros de sua nação e disse:

" — Pai morreu; aquele que for o mais forte entre todos, terá o arco de Araré. Guerra!"

"Assim falou Peri; os guerreiros responderam: Guerra!

"Enquanto o sol alumiou a terra, caminhamos; quando a lua subiu ao céu, chegamos. Combatemos como Goitacazes. Toda a noite foi uma guerra. Houve sangue, houve fogo.

"Quando Peri abaixou o arco de Araré, não havia na taba dos brancos uma cabana em pé, um homem vivo; tudo era cinza.

"Veio o dia e alumiou o campo; veio o vento e levou a cinza.

"Peri tinha vencido; era o primeiro de sua tribu e o mais forte de todos os guerreiros.

"Sua mãe chegou e disse:

"— Peri, chefe dos Goitacazes, filho de Araré, tu és grande, tu és forte como teu pai; tua mãe te ama".

"Os guerreiros chegaram e disseram:

"— Peri, chefe dos Goitacazes, filho de Araré, tu és o mais valente da tribu e o mais temido do inimigo; os guerreiros te obedecem."

"As mulheres chegaram e disseram:

"— Peri, primeiro de todos, tu és belo como o sol, e flexivel como a cana selvagem que te deu o nome; as mulheres são tuas escravas."

"Peri ouviu e não respondeu; nem a voz de sua mãe, nem o canto dos guerreiros, nem o amor das mulheres, o fez sorrir.

"Na casa da cruz, no meio do fogo, Peri tinha visto a senhora dos brancos; era alva como a filha da lua; era bela como a garça do rio.

"Tinha a cor do céu nos olhos; a cor do sol nos cabelos; estava vestida de nuvens, com um cinto de estrelas e uma pluma de luz.

"O fogo passou; a casa da cruz caiu.

"De noite Peri teve um sonho; a senhora apareceu; estava triste e falou assim:

"— Peri, guerreiro livre, tu és meu escravo; tu me seguirás por toda a parte, como a estrela grande acompanha o dia.

"A lua tinha voltado o seu arco vermelho, quando tornamos da guerra; todas as noites Peri via a senhora na sua nuvem; ela não tocava a terra, e Peri não podia subir ao céu.

"O cajueiro quando perde a sua folha parece morto; não tem flor, nem sombra; chora umas lágrimas doces como o mel dos seus frutos.

"Assim Peri ficou triste.

"A senhora não apareceu mais; e Peri via sempre a senhora nos seus olhos.

"As árvores ficaram verdes; os passarinhos fizeram seus ninhos; o sabiá cantou; tudo ria: o filho de Araré lembrou-se de seu pai.

"Veio o tempo da guerra.

"Partimos; andamos; chegamos ao grande rio. Os guerreiros armaram as redes; as mulheres fizeram fogo; Peri olhou o sol.

"Viu passar o gavião.

"Se Peri fosse o gavião ia ver a senhora no céu.

"Viu passar o vento.

"Se Peri fosse o vento, carregava a senhora no ar.

"Viu passar a sombra.

"Se Peri fosse a sombra, acompanhava a senhora de noite.

"Os passarinhos dormiram três vezes.

"Sua mãe veio e disse:

"— Peri, filho de Araré, guerreiro branco salvou tua mãe; virgem branca tambem.

"Peri tomou suas armas e partiu; ia ver o guerreiro branco para ser amigo; e a filha da senhora para ser escravo.

"O sol chegava ao meio do céu e Peri chegava tambem ao rio; avistou longe a tua casa grande.

"A virgem branca apareceu.

"Era a senhora que Peri tinda visto; não estava triste como da primeira vez; estava alegre; tinha deixado lá a nuvem e as estrelas.

"Peri disse:

"A senhora desceu do céu, porque a lua sua mãe deixou; Peri, filho do sol, acompanhará a senhora na terra.

"Os olhos estavam na senhora; e o ouvido no coração de Peri. A pedra estalou e quis fazer mal à senhora.

"A senhora tinha salvado a mãe de Peri, Peri não quis que a senhora ficasse triste, e voltasse ao céu.

"Guerreiro branco, Peri, primeiro de sua tribu, filho de Araré, da nação Goitacaz, forte na guerra, te oferece o seu arco; tu és amigo."

◆ ◆
◆

O indio terminou aqui a sua narração.

Enquanto falava, um assomo do orgulho selvagem da força e da coragem lhe brilhava nos olhos negros, e dava certa nobreza ao seu gesto. Embora ignorante, filho da florestas, era um rei: tinda a realeza da força.

Apenas concluiu, a altivez do guerreiro desapareceu; ficou timido e modesto; já não era mais do que um bárbaro em face de criaturas civilizadas, cuja superioridade de educação o seu instinto reconhecia.

D. Antonio o ouvia sorrindo-se do seu estilo ora figurado, ora tão singelo como as primeiras frases que balbucia a criança aos peitos maternos. O fidalgo traduzia, da melhor maneira que podia, essa linguagem poética a Cecilia, a qual já livre do susto queria por força, apesar do medo que lhe causava o selvagem, saber o que ele dizia.

Compreenderam na história de Peri, que uma india, salva havia dois dias por D. Antonio das mãos dos aventureiros e a quem Cecilia enchera de presentes de velórios azues e escarlates, era a mãe do selvagem.

— Peri, disse o fidalgo, quando dois homens se encontram e ficam amigos, o que está na casa do outro recebe a hospitalidade.

— E' o costume que os velhos transmitiram aos moços da tribu, e os pais aos filhos.

— Tu cearás conosco.

— Peri te obedece.

A tarde declinava; as primeiras estrelas luziam. A familia, acompanhada por Peri, dirigiu-se à casa, e subiu a esplanada.

D. Antonio entrou um momento e voltou trazendo uma linda clavina tauxiada com o brazão de armas do fidalgo, a mesma que já vimos nas mãos do indio.

— E' a minha companheira fiel, a minha arma de guerra; nunca mentiu fogo, nunca errou o alvo: a sua bala é como a seta do teu arco. Peri, tu me deste minha filha; minha filha te dá a arma de guerra de seu pai.

O indio recebeu o presente com uma efusão de profundo reconhecimento.

— Esta arma, que vem da senhora, e Peri farão um só corpo.

A campa do terreiro tocou anunciando a ceia.

O indio, versado no meio dos usos estranhos, tomado de um santo respeito, não sabia como se ter.

Apesar de todos os esforços do fidalgo, que sentia um prazer indizivel em mostrar-lhe quanto apreciava a sua ação e remoçara com a alegria de ver sua filha viva, o selvagem não tocou em um só manjar.

Por fim D. Antonio de Mariz, conhecendo que toda a insistência era inutil, encheu duas taças de vinho das Canárias.

— Peri, disse o fidalgo, há um costume entre os brancos, de um homem beber por aquele que é amigo. O vinho é o licor que dá a força, a coragem, a alegria. Beber por um amigo é uma maneira de dizer que o amigo é e será forte, corajoso e feliz. Eu bebo pelo filho de Araré.

— E Peri bebe por ti, porque és pai da senhora; bebe por ti, porque salvaste sua mãe; bebe por ti, porque és guerreiro.

A cada palavra o indio tocou a taça e bebeu um trago de vinho, sem fazer o menor gesto de desgosto; ele beberia veneno à saude do pai de Cecilia.

ALGUMAS PÁGINAS D E"IRACEMA"

José de Alencar

I

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnauba!

Verdes mares, que brilhais como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros!

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro, manso, resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco teral a grande vela?

Onde vai, como branca alcione, buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o fragil lenho que vai singrando veloce, sobre o mar em fora.

Um jovem guerreiro, cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam, irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente tras, da praia, um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— Iracema!

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos, na sombra fugitiva da terra: a espaços, o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o girau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca dalma um agro sorriso.

Que deixara ele na terra de exilio?

Uma história, que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu, argenteando os campos, e a brisa rugirava nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras; e para ti jaspeie a bonança mares de leite.

Enquanto vogas assim, à discreção do vento, airoso barco, volve às brancas areias a saudade que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.

II

Alem, muito alem daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha rescendia no bosque como o seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipú, onde campeava sua guerreira tribu, da grande nação Tabajara. O pé gracil e nu, mal roçando alisava, apenas a verde pelúcia que vestia a terra, com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Enquanto repousa, Iracema empluma das penas do gará as flechas do seu arco, e concerta, com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes, sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remeche o urú de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da jussara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho se é guerreiro e não algum mau espirito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue burbulham na face do desconhecido.

Do primeiro impeto, a mão lesta calu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais dalma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porem a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágua que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou.

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem dos meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras, que teus irmãos já possuiram, e hoje teem os meus.

— Benvindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araken, pai de Iracema!

José de Alencar em 1861

UMA PÁGINA DE "O SERTANEJO"

A SECA NO SERTÃO

José de Alencar

Nessa época o sertão parece a terra combusta do profeta; dir-se-la que por aí passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos e a gala das árvores, ou o seu manto, como chamavam poeticamente os indígenas.

Pela vasta planura que se estende a perder de vista, se irriçam os troncos ermos e nus com os esgalhos rijos e encarquilhados, que figuram o vasto ossuário da antiga floresta.

... ...

Quem pela primeira vez percorre o sertão nessa quadra, depois de longa seca, sente confrangerse-lhe a alma até os últimos refolhos em face dessa inanição da vida, desse imenso holocausto da terra.

E' mais fúnebre do que um cemitério. Na cidade dos mortos as louras estão cercadas por uma vegetação que viça e floresce; mas aqui a vida abandona a terra, e toda essa região que se estende por centenas de léguas não é mais do que o vasto jazigo de uma natureza extinta, e o sepulcro da própria criação.

Das torrentes caudais restam apenas os leitos estanques, onde não se percebe mais nem vestígios da água que os assoberbava. Sabe-se que ali houve um rio, pela depressão às vezes imperceptivel do terreno, e pela areia alva e fina que o enxurro lavou.

E' nos estuários dessas aluviões do inverno, conhecidos com o nome de varzeas, onde se conserva algum vislumbre da vitalidade, que parece haver de todo abandonado a terra. Aí se encontram, semeadas pelo campo, touceiras criçadas de puas e espinhos em que se entrelaçam os cardos e as carnaubas. Sempre verdes, ainda quando não cai do céu uma só gota de orvalho, estas plantas simbolizam no sertão as duas virtudes cearenses, a sobriedade e a perseverança.

O capitão-mór havia sestead o a quatro léguas da fazenda, e partira à tarde quando já quebrara a força do sol, contando chegar a sua casa à noitinha.

Nessas horas do ocaso o sertão perde o aspecto morno, acerbo e desolador que toma ao dardejar do sol em brasa. A sombra da tarde reveste-o de seu manto suave e melancólico; é também a hora em que chega a brisa do mar e derrama por essa atmosfera, incandescente como uma fornalha, a sua frescura consoladora.

.....

Loja Independente de Teosofistas

JOSÉ DE ALENCAR,

1.º Canto

A GUERRA

I

Ao deserto, minhalma! Sobre os pincaros
Da bronca penedia, enquanto o vento
Nos antros da montanha ulula e brama,
Solta a rude pocema, o canto fero.
Dos filhos de Tupan. E ruja a inúbia,
Troando pela várzea os sons bravios.

II

Salve, Amazonas! Rei dos reis das águas,
Tauaui dos rios, filho do dilúvio!
Gigante, que o maior dos oceanos
Gerou nos flancos da maior montanha!
E's origem do liquido elemento
Que circunda o universo? E's tu que pelas
Dos pelagos sem fim as profundezas,
Onde matam a sede o céu e a terra?
E's pai das ondas, ou tirano delas?

Colosso ingente, que fundiu nas águas
O verbo de um artista onipotente,
A cabeça reclinas sobre os Andes
Ao céu rasgando as largas cataratas.
O dorso enorme ressupino estendes,
Pela terra que verga com teu peso;
Os mil braços, que alongas pelas serras,

Abrangem tanto espaço que outros mundos
Couberam ainda, neste mundo novo,
Feito para teu berço. Com desprezo
Aos pés o colo esmagas do oceano,
Que mugindo se roja pelas praias.
Mas prostrado e vencido, não vassalo,
O mar soberbo ás vezes se revolta.
Alçando a fronte, a juba desgrenhada,
Escarva e salta e ruge e ronca e troa;
E a longa, imensa cauda destorcendo,
Te enlaça o corpo no impotente esforço.

Pousa em teus ombros o condor altivo
Aguia-leão dos páramos da América;
O jaguar, rei da selva brasileira,
E o tapir, que dos pés o chão devora,
Teus rafeiros humildes, te farejam
De longe. A seiva pastam de teu sangue
Milhões de raças de animais selvagens.
Vermes, que te pululam nas entranhas,
São negros manatis, jacos enormes,
Descomunal aborto da mãe dágua,
E a sucuri, leviatan dos rios.
Resvalam por teu corpo, dele insetos,
Horrendos crocodilos, negras serpes,
Talvez metamorfose monstruosa
Dos grossos troncos de tombadas árvores,
Que os lodos animalam corrompendo.

Aqui, jungido, sob a mão do Eterno,
Cravado ao chão, monarca do deserto,
Como Satan domado pelo arcanjo,
Dormes por todo o século dos séculos.
Mas quanto és grande mesmo adormecido!
Ruge o trovão no peito que resfolga;
Um bulcão turbilhona em teu anelito;
Se arquejas sobre o leito, o céu se torva,
As nuvens se convolvem na procela,
Foge a base ás montanhas que se abismam,
Treme a terra abalada nos seus eixos.
Dorme, ó gênio das águas! Quando ao senho
Terrivel do Senhor, tu despertares,
O mundo voltará de novo ao caos.

III

Eis o deserto! Surge alem, ao longe,
Mar de florestas, sobre o mar dos rios.

Penetrando os umbrais da virgem pátria,
Minhalma, repouzemos um instante.
Peregrinos, pisamos terra santa
E nunca profanada. Aqui na rama
Desta planta sem nome conhecido,
Limpemos a poeira das sandálias,
Que roçaram na lama das cidades,
E o chão varreram já da praça pública.
Oh! Não lancemos, não, pó de ruinas,
Que esbroam da caduca sociedade.
Nem farpas do esqueleto carcomido
Do mundo, sobre o viço em que se espande
Deste solo a robusta mocidade.
Ignorante e simples, como outrora,
Quando bebias dos maternos lábios
O timido balbucio nas caricias,
Leite e polen que a infância te nutriram;
Virgem, como do nada tu saiste,
Vem, ó minha alma. A prece purifica.
Adore ao Criador o teu silêncio.
Contempla, admira, sente, crê, não penses!
Vem te engolfar nas auras desta brisa.
Da harmonia e fragrância, essência e eter
Imerge o seio nas torrentes douro,
Sacia-te da luz que a jorros mana,
Beija este solo, nosso antepassado,

Cujo humor nutre ainda a tênue argila
Do corpo que o teu fogo intenso abraza.
Banha-te no cristal daquelas águas
Que se esfrolam nas lapas da cascata
Em borbotões de espuma. Este batismo
Vigora e juvenece a mente enferma.

Joelho em terra! — Estamos no deserto.
Grande e imenso deserto, sólio augusto
Da virgem natureza americana;
Leito de amor, no qual o grande rio
Fecunda o ventre desta selva antiga;
Imagem do infinito, monumento
Da primitiva criação do mundo;
Profunda solidão que a majestade
Concebes, e o poder de um Deus unânime;
Vasta amplitude em que a alma se dilata
Alem dos horizontes da existência,
A embeber-se na luz da eternidade;
Brasil selvagem, solo agreste e rudo,
Que da lázara gente o bafo impuro
Não sentiste a crestar-te a flor do rosto:
Vale, donde formou-se o grande império,
Quando passou a aluvião dos mares;
Berço de minha pátria; eis-me em teu seio!

IV

Como és donosa, mãe, no verno júbilo,
Da sempre renascente juventude;
Casta esposa, do banho perfumado
Na formosa nudez que o pejo veste,
Palpitante de amor, em langue espasmo
Parece que do caos, surgindo agora,
Dal'jojares do céu, rórida a face,
Meiga aos beijos do sol, dobras o colo.
E como a linda esposa, entre rubores,
Desata o lábio e colhe vergonhosa
A vida noutro lábio de que vive,
Tu, ao roçar da luz estremecendo,
Abres o seio e bebes no deliquio
A seve da brilhante florescência.

Tudo é sublime, tudo. Em teu regaço!
Como ao raiar do mundo, nestes limbos,
O espirito de Deus paira nas asas.
Da vida eterna se deliba o gozo
No sopro criador que te bafeja.
Palpa-se ainda a mão onipotente
Nestas moles de serros de granito
Que figuram descer do céu á terra;
Na vigorosa incrustação das rochas
Vasadas pela lava incandescente
Do fogo que soldou no espaço o globo:
No luxo exuberante desta argila,
Que não se basta para em si conter-se,
E forma em cada planta um novo solo.
Ambito imensuravel, sem limites.
A grandeza tu narras do ser máximo!
Nem a civilização que o homem gasta
Como vil combustivel, consumindo-o
Na chama que depura a humanidade;
Nem soberbos inventos, que do mundo
A loucura presume que o realçam,
Mas só revelam dele a nilidade,
A nobre singeleza desfloraram
Destes campos. Ainda aqui não veio
A ciência arrogante, cujo orgulho.
Se atreve a disputar, verme da terra,
Ao Senhor os mistérios do infinito.
Monumentos de rica arquitetura,
Livros de pedra em que dum povo extinto,
Le-se a miséria, alguma vez a glória;
Nunca as artes ergueram nestes plainos.
Nunca o homem aqui, sombra de um dia,
Edificou do pó, sobre o futuro.
Apenas tosco esboço desenhado

Sobre o rochedo, e simples urna fúnebre,
Dalma imortal, misterioso culto,
Certo pressentimento doutra vida,
Dizem ao viandante solitário,
"Aqui tambem sofreu a raça humana".
Como a garça, que brinca sobre as águas,
De faceira espelhando a extreme alvura,
Apenas sente as algas da corrente
Manchar-lhe a ponta das ligeiras asas,
Mergulha, se espaneja e ao sol aquece
As plumas que de nitidas esplendem;
Sempre isenta viveste, ó pátria minha!
Se o homem te crestava a tez mimosa,
Banhavas no oceano a linda espádua,
Que enxugavas da luz no régio manto.

V

Mas olha!... Já bulcão de espesso fumo,
Que a turba delirante arrasta ao vórtice
Da ambição, lá negreja no horizonte.
O cavalo a vapor bufando espuma,
Campeia, escarva o chão, relincha e parte,
Traga a terra, sorvendo o espaço, e foge;
Das áridas estepes vem do Cáucaso
Pastar nos Andes a virente grama.
Seu hálito abrazado já te escalda,
De longe embora, a fronte. Em breve tempo
Aqui virá pisar com férrea pata
As flores mais mimosas de teus vales
E a túnica de relvas que te cobre.
Cavalga a fera o gênio do progresso,
Espirito de luz; são chama as asas,
Tem do corisco o vôo; o rastro é cinza.
E deve profanar-te, gentil pátria,
A graça virginal destas campinas,
Culto bastardo de emprestadas artes?
Há de ornar-te nas festas de teus filhos,
Pálida rosa murcha doutros climas,
O desbotado lirio? De vaidosa
Deixarás que a nativa graça velem
Com louçanias de lavor estranho?
Esquecerás acaso as melodias
Das florestas, a pompa majestosa,
E a selvagem poesia destas brenhas?

Não! Deus que te formou com tanto esmero,
Mimo da criação e primor dela,
Que ao mundo te ocultou por longas eras
Para em ti se rever no doce enlevo.
Como pai extremoso que recata
Da virgem pura o cândido melindre;
Deus te sorri! E's filha predileta;
Das Indias a mais moça e a mais formosa.
Se tua irmã do sol é róseo berço,
Tu és do rei da luz a jovem noiva;
Trajarás do progresso o manto espléndido,
Hão de sagrar-te entre as nações, rainha,
Mas sem prostituir ao velho mundo
Teu brio nacional, pudor de pátria.
Serás grande, Brasil, em ti eu creio,
Como creio no Deus que me ilumina!

Neste horizonte limpido e sereno,
Gaze de luz tecida em áureos liços,
Que vela do Senhor a face augusta,
A mente se arrebata aos altos vôos.
Um turbilhão de idéias inda em polen,
Larvas do pensamento adormecidas
No calice da flor, no puro aljofar
Do orvalho que tremula sobre a folha,
Esperam só calor da inteligência
Para de enchame abrir as asas rútilas.
A natureza aqui mostra no tipo
Das belas formas, no matiz brilhante,
Como nas melopéias do deserto,
Um molde original, sublime ritmo,
Qual nunca o pressentira o gênio darte.

VI

Teus filhos, pátria, o sangue teem dos Lusos,
Que dum revez da espada outro hemisfério
Talharam do infinito. Cuja lança
Hoste da cruz, gravou a lei de Cristo
Onde a voz não chegou de seus apóstolos.
Povo exiguo, assinou-lhe Deus o berço
Da cabeça da Europa, sobre o crânio;
Donde os arcanos rasgue do futuro
E do universo as raias descortine.
Estreito promontório, ninho dáguia
Prestes a desferir os largos surtos;
Essa nesga de terra, ainda sobrava
Para conter-lhe o reino; mas não cabe
O grande coração da raça ilustre,
Que alem, buscando espaço onde respire,
Conquista o mundo antigo, inventa o novo.

Teus filhos... Porem, mãe, outros tiveste!
Antes que irado o Atlântico arrogante
Pela fúria dos novos argonautas
Que ousaram sujeitar-lhe as ondas livres,
Do oriente os lançasse no ocidente;
Antes que o mar, qual tigre saciado
Que a presa repudia, nesta plaga
Rejeitasse os intrépidos corsários;
Dominava teus campos soberanos
Uma raça valente, grande e forte.

Raça jovem, dos brios na pujança,
Nascera neste vale, extenso berço
De povos invasores, que mais tarde
Em longas migrações se derramaram,
Como veias de rápidas torrentes
Cavam, rompendo a lapa, alveos na rocha.
Daqui partiram eles á conquista
Das regiões do sul. Nunca vencidos,
Os limites mediram pelas armas
Do vasto continente avassalado,
Onde cada nação plantara a taba
E dera a seus guerreiros nova pátria.

VII

Onde estão estes povos primitivos?
Que é de nossos irmãos, teus primogênitos,
De teus filhos selvagens, minha terra?
Extinguiram-se! Alguns dispersos vagam,
Pelos antros se acoutam como feras,
Escorjados, perdido o antigo lustre,
Dejéneres da pura e nobre casta.
Poucos, dos ritos pátrios renegando
Abraçados, á cruz, á sombra dela,
Misturaram seu sangue ao sangue estranho.
Quase todos morreram defendendo
O solo que dos pais guardava as cinzas,
Os campos dos avós glória e conquista,
E a liberdade, lei, direito santo,
Mais que direito ou lei, culto profundo
Fera religião de um povo indómito.
Em torno aos filhos seus recem-nascidos,
A cascavel coleia estremecendo
De inefavel prazer. Terna se engolfa
Na delicia de os ver á imagem sua:
Óra em doces anéis toda se enrosca,
Palpitante de amor os cinge e estreita,
Porque mãe, outra vez, inda os conceba.
Mas súbito o perigo perto assoma.
Eis que das nuvens gavião, que paira,
Abate o vôo as garras encrespando;
A serpente se assanha, silva, estila
O veneno, terrivel brande a cauda.
Antes que armando o bote, enriste o colo,
Rasga o hiato e na larga fauce aninha
Os entes que gerou. No afã supremo,
Egoismo de mãe, sublime e justo,

Devora a prole que salvar não pode,
No seio que a formou, viva sepulta.
Assim os filhos teus, pátria, embalaste
Na sombra das florestas, sobre as aguas,
Ao rumor da cascata. No regaço

Loja Independente de Teosofistas

POETA — "Os Filhos de Tupan"

De teus vales em flor, meiga os cingias.
Mas veio enfim o sol da desventura.
Quando errantes, nas matas foragidos,
Estrangeiros na terra de seu berço,
De esmorecida a fronte reclinaram;
Abriste o seio e nele os recolheste.
Preferiste ser mãe orfã de filhos,
A ser pátria de raça vil descravos.

Ah! que voz triste e grave enche o silêncio,
Pela amplidão dos ermos reboando;
Que gemido plangente e merencório
Salta a floresta das profundas crastas!
Encanilhado o vento nas gargantas
Dos alcantis, ulula soluçante;
O grande rio, opresso da borrasca,
Arqueja na agonia e se convulsa,
Da lufada sulfúrea ao bafo ardente,
A negra coma as árvores desgrenham.
Os mil rumores vagos, indecisos,
Que ali, aqui, crepitam pela sombra,
Quais dobres pulsações da grande artéria
Do globo, se condensam longe e longe
No lúgubre estertor da natureza.
Tu choras, pátria, choras por teus filhos.
Oh! silêncio, minha alma, respeitemos
A dor da mãe, viuva, orfã da prole!

VIII

Eram filhos de sua virgindade
Primeiros que no seio concebera,
E inocentes o peito lhe morderam.
Eram belos como ela. A tez morena,
Crestada ao sol, brilhava com reflexos
Do cobre encandecido pelo ráio.
Negros os olhos, negros os cabelos,
Como o basalto dos rochedos pátrios;
Rosto nu que moldava o pensamento
Nas linhas do perfil. O talhe ereto,
Como os orgãs da grande cordilheira,
Qual silvestre bambú vergava airoso;
Forma esbelta de serpe, em que se elava
Do cedro a robustez, do tigre a força.
Almas rudes e ingênuas, corpo atlético,
Fundido em bronze, escólpito na rocha,
Tinham herdado de seu Deus o nome.
Chamavam-se Tupis, heróis e filhos
De Tupan, criador e pai dos homens.

Ensinou-lhes somente a natureza,
Uma ciência — amor; uma arte — a guerra.
A terra em que nasciam, desvelada
Trabalhava por eles, mãe e escrava.
Aspro tronco brotando entre penhascos,
Ferido, em borbotões manava o leite,
Que no peito materno, homens robustos,
Sugavam inda infantes para o mundo.
Destilava nas lágrimas douradas,
O beijoim as gomas recendentes,
Incenso o sassafraz. Perene a abelha
De rosado licor enchia os favos:
E cada sol, dos cocos sazonava
A polpa delicada e o fino creme.
As vestes encontravam já tecidas
Na casca da marima; e na plumagem
Das aves seus ornatos de ouro e púrpura.
Uma palmeira só dava à família
Armas, sombra, alimento, fogo e vinho;
O teto da cabana, e as rijas malhas
Da rede, que embalava amor de esposo.

Ráio de leite e mel, luz e perfume,
A vida em flor, aqui desabrochava;
Os lábios a colhiam num sorriso,
Não crestada por hálito ofegante;
Das bagas do suor não rorejada.
Até na morte a vida era suave
E a terra mãe; um áspide na relva,
De veneno uma gota; e vinha a noite
E dormiam do sono que não sonha.
Ah, pátria, por que a vida tão risonha
Lhes fizeste; não luta, mas enlevo?
Os olhos com teus beijos lhes cerravas,
Que não vissem alem o mundo ingrato!

Eram felizes no infantil conchego
De teu grêmio. Se a folha já caduca
Do cajueiro que despira os ramos,
Alguma vez levava tristes luas.
A nova lhes trazia festa e júbilo.
A prole que em Tamandaré surgindo
Da voragem das águas, renascera,
Mais forte e vigorosa florescia.
Da haste fragil saira uma família;
A família medrara e fez-se tribu;
As tribus dividiram-se crescendo;
E a grande raça, tronco já frondoso,
Que boiava embrião sobre o dilúvio,
Formava cem nações, jovens, pujantes,
Cem nações que cem chefes dirigiam,
Reconhecendo os chefes um mais alto,
Pai dos povos na paz, senhor da guerra.

IX

Eram felizes. Quando o caso estranho
De espanto e horror encheu a raça heróica.
E porque de Tupan conjure as iras,
Manda o grande abaré, que o deus inspira,
Buscar a guerra ao cimo das montanhas,
E trazê-la da pátria ao seio virgem
Para a sede aplacar da terra amiga.
Foi então que dos cimos altaneiros
Dos Andes despenharam na planície
Ai, pátria, por que a vida tão risonha
As turbas dos Oromos, gente bárbara,
Que da afronta cruel ruge vingança.

Correu a flecha, núncia do combate;
O trocano mandou às longes tabas
A voz do chefe, e os écos responderam.
Como em ondas caudais juntando as águas
No largo e imenso leito do Amazonas
Se transformam num mar tamanhos rios,
As cem nações tupis se ergueram, uma:
Braços de um corpo só, porem gigante.
O prudente Iruama, o grande chefe,
Os filhos de Tupan conduz à guerra.

Em meio da campina que se alarga
Pelo deserto alem, planta Iruama
O sacro maracá do povo egrégio;
A cabeça da guerra, assim chamada,
Porque nela respira a alma sombria
Do iracundo Areski, do torvo nume,
Que odeia a paz, despreza amor e vinho;
A quem deleita a festa dos combates,
Onde beba do sangue a rubra espuma.
Da lança que empunhara, sobre o topo,
Ergue-se o vasto crânio, a fronte hirsuta,
De herói, que aos homens ensinou a guerra,
Ei-lo o tremendo vulto, o gesto aspérrimo,
Que no lenho esculpiu com rubras tintas
Do vidente abaré a arte sublime.
Os olhos coruscantes, que afrontavam
Os raios de Tupan, das fundas órbitas,
Fulminam de pavor os inimigos.
E inspiram nos Tupis a força invicta.
Quando vibrada pelo vento a lança,
Na boca hiante freme-lhe o bramido,
Como estilhas de rocha que fracassam;
Era assim que rangiam do guerreiro
Os rijos dentes no furor da pugna.

Quando vôa do sul a tempestade,
Antes que sobre o mar envergue as asas,
Cobre do Corcovado o largo dorso;
Mas entre a bruma surte o cimo altivo
Que domina sereno os horizontes.
O povo dos Tupis antes que arroje
Sobre o inimigo a sanha, lá rodeia

O grande abaeté, que sobranceiro
Solta da guerra o mirai soberbo.
Disse Iruama: — "Filhos de meu arco,
Fortes chefes e filhos de meus filhos,
E netos de Tupi, primeiro homem,
Gerado pelo vento na palmeira;
Florestas de guerreiros que eu habito;
Tupan nos ama, pois nos manda a guerra.
Da guerra vem a força para o corpo,
Como vem da torrente a força dágua.
O sol trouxe o inimigo a nossos campos
Mas há de aqui deixá-lo como a sombra
Lastrando pela terra fria e negra.
Quer Iruama e seus guerreiros queiram
Que o sol não morra sem que morra o último".

X

A voz do chefe que a vitória ordena,
Lá responde a pocema dos guerreiros.
"Tupan! Tupan! Tupan! crebro rebrama
Com possante clamor o povo e brande
Os tacapes que embatem nos escudos.
Freme a selva Tupan; e de éco em éco
Pelas fragas Tupan rolando, ao longe
Tupan retroa; alem Tupan ribomba."
Soa então dos Tupis o canto bélico:
"O grande pai do céu manda a seus filhos
Inimigos sem conta, como as ondas
Manda aos rios e a flor à sapucáia.
Eles veem nos trazer as lindas filhas
Que sonham noiva rede em nossas tabas.
Veem de sangue orvalhar os nossos campos
Porque se enflore o pequiá da mata,
E da cor de encarnado o cardo brilhe.
Vem dar-nos o colar dos alvos dentes;
Dos ossos o boré rijo e sonoro.
Eles veem como a seca folha dárvore,
Que ao tronco já não volta em que nascera
E negro pó da terra o vento a leva.
Quer Iruama e seus guerreiros querem
Que o sol não morra sem que morram todos".

"O feroz Areski manda ao guerreiro
Inimigos valentes, como a onça
Manda ao jaguar, e o vento manda a chama,
Eles vem dar aos velhos a vingança;
Aos mancebos trazer nome de guerra.
Veem os vôos medir às nossas flechas,
O peso do tacape que brandimos,
E do braço tupi a força inata.
Veem do negro oitibó matar a fome,
Porque de noite os sonhos não agoure;
Eles veem como as águas da torrente
Que ao seio mais não volvem da montanha
E se perdem na areia do deserto.
Quer Iruama e seus guerreiros querem
Que o sol não morra sem que morram todos".

As guerras inimigas se desdobram
Pela imensa campina, como nuvens,
Pejadas de tufão, igneas de ráios,
Que chocando-se rompem nas chapadas
Da excelsa Ibiapaba. Um estampido
Horissono, um fragor medonho e fero,
Voz da turba, do mar, da tempestade,
Reboa pelo espaço e vai rugindo,
Trovão da terra, estremecer os astros.
Luz em torrentes, alto o sol dardeja;
O céu resplende azul, a terra flores;
Canta a floresta hosana ao rei do dia;
Volve alem majestoso o grande rio.

VARIANTES DO PRIMEIRO CANTO

V. 3 Nos antros da montanha uivando raiva.
V. 7 Ave, Amazonas! Rei dos reis das águas.
V. 18 A cabeça reclina sobre os Andes.
V. 20 O corpo enorme resupino estende.
V. 21 Pela terra que verga com seu peso.
V. 22 Os mil braços que alonga pelas serras,
V. 23 Conter podiam dentro do seu âmbito,
V. 24 Outros mundos ainda neste mundo.
V. 30 Alçada a fronte, a juba horripilante,
V. 33 Lhe estringe o corpo no impotente esforço,
V. 38 Seus rafeiros humildes a farejam
V. 39 De longe. A selva pastam-lhe do sangue
V. 41 Vermes que lhe pululam nas entranhas
V. 42 São enormes cetáceos, viva mole
V. 45 Resvalam por seu corpo, dele insetos
V. 61 Dorme, ó gênio do abismo, atado ao poste
V. 62 Quando à voz do Senhor tu despertares
V. 158 Ao Senhor, os arcanos do infinito
V. 182 Come a terra, sorvendo o espaço: vos
V. 202 Ou desbotados lírios? De valdoso
V. 203 Deixarás que a lindeza te disfarcem

NOTAS

V. 4 POCEMA — Grito de guerra dos tupis de po-mão e cema-clamar; porque o alarido era acompanhado de gestos de desafios e pelo estrépito das armas.
V. 5 INÚBIA — Trombeta de guerra dos tupis.
V. 8 TAMUI — Herói da mitologia dos tupis; significa o Avô, e dele descendia a grande nação dos Tamoios. E' o Abraham dos Tupis. — Mitologia ou mitos dos tupis é expressão de Humboldt — Voyage au nouveau continent — tom. 9, pág. 245.
V. 9 O MAIOR DOS OCEANOS — o Pacífico; e A MAIOR MONTANHA — os Andes. O Amazonas nasce na encosta oriental dos Andes entre 83º e 84º lat. oeste, cerca de 100 leguas distante da costa do Pacífico, e atravessa toda a América do Sul para vir lançar-se no Atlântico, com um curso de 1.300 leguas.
V. 19 CATARATAS — et cataractae coeli apertae sunt. (Gênesis 7º XI).
V. 23 OS CEM BRAÇOS — Os inumeraveis afluentes do Amazonas.
V. 29 O MAR SOBERBO — Descrição do fenômeno da pororoca. Tentou-se na onomatopéia de todo esse trecho imitar o estrondo das águas do mar repelidas pela corrente do rio.
V. 34 O CONDOR — Condamine — Voyage en Amerique Meridional, pág. 175: "Le fameux oiseau appellé contur et par corruption condor que j'ai vu en plusieurs endroits des montagnes de la Province de Quito, se trouve aussi, si ce qu'on m'a assuré est vrai, dans les pays bas au bord du Marañon. J'en vai vu planer au dessus d'un troupeau de moutons."
V. 43 MAE DAGUA — E' nas lendas populares do Brasil um espírito ou gênio que produz a inundação, e que a imaginação do povo representa na figura de uma moça de prodigiosa formosura com os olhos verdes e as tranças mui longas.
V. 44 SUCURI — Cobra que devora um boi. Encontraram-se de tamanho e grossura descompassados nos grandes rios do Brasil ao tempo da descoberta: hoje tem-se extinguido. Alguns exploradores viram-nas maiores de 40 pés. Em várias províncias dão-lhe o nome de sucuriú ou sucurujuba; Gabriel Soares chama-a boiuna.
V. 48 ANIMALAM — Animalar é tornar em animal; e animalizar é dar qualidade de animal. Igual diferença à que existe entre humanar e humanizar.
Não se acredita na geração espontânea da matéria; esse modo de exprimir-se é apenas uma figura para mostrar a deformidade dos repteis e ofídios que se criam naquela região.
V. 53 SECULO DOS SECULOS — Per omnia secula seculorum, etc. — Ut intereant in seculum seculi. Salmo XCI, 8.
V. 84 CUJO HUMOR, etc. — O vale do Amazonas é aqui tomado como a imagem do Brasil antes da descoberta; é a pátria americana, o símbolo da terra natal.
V. 134 O espírito de Deus paira nas asas — Et spiritus Dei ferebatur super águas — Genes, Cap. I. v. 2.
V. 136 No sopro criador que te bafeja — Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terrae, et inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae et factum est homo in animam viventem — Gen. Cap. 2º v. 7.
V. 145 E forma em cada planta um novo solo.
Alusão à vegetação parasítica, tão exuberante em nosso país, e que dá um aspecto original e novo às florestas da América tropical.
V. 147 A grandeza tu narras de um ser grande — Coeli enarrant gloriam. Dei Salm. 18 v. 2.
V. 165 Apenas tosco esbôço desenhado...
Sobre o rochedo, e simples urna fúnebre
"Entre o Orenoco e o Amazonas não ouvi falar de um muro de terra, de um resto de dique, de um túmulus sepulcral. As rochas unicamente nos mostram, sobre uma grande extensão do país, traços grosseiros, que em tempos desconhecidos a mão do homem traçou e que se ligam a tradições religiosas." Humboldt 8 v. p. 245.
V. 180 Que enxugavas da luz no régio manto — Amictus lumine, sicut vestimento — Ps. 103 v. 1.
V. 125 Das índias a mais moça e a mais formosa.
Indias Ocidentais foi o primeiro nome dado ao Brasil pelos Portugueses, para diferençá-lo das Indias Orientais.
V. 266 Nascera neste vale, extenso berço.
E' a opinião de Humboldt, quando fala dessa "imensa Mesopotâmia que se estende entre o Amazonas, o Orenoco e o Rio Negro". Vol. 8º p. 136.
A tradição dos tupis que dominavam a costa do Brasil no tempo da descoberta, rezava de uma emigração marchando do Norte para o Sul.
V. 278 Onde cada nação plantara a taba.
Taba — aldeia — Era para os selvagens nômades, ou emigrantes o mesmo que a tenda do Beduino: isto é, a pátria conquistada, o ponto de repouso das correrias guerreiras.
Pátria dizia-se cetama.
V. 293 Dejêneres à semelhança de conjêneres — Os adjetivos passivos, tão usados na lingua latina, são uma necessidade indeclinavel na linguagem poética, cuja concisão e harmonia não comporta o emprego de palavras de muitas silabas.
V. 354 Almas rudes e ingênuas, corpo atlético
Fundido em bronze, escólpito na rocha
Sobre a estatura dos selvagens, leia-se Humboldt: — Viagem ao novo Continente.
"Ces Caribes sont des hommes d'une stature presque athletique — Humboldt 7º p. 257.
V. 357 Chamavam-se Tupis, heróis e filhos
De Tupan, criador e pai dos homens.
Tupan — Deus dos Tupis — Tu-pança — alma da vida.
V. 363 Aspro tronco brotando entre penhascos
Ferido em borbotões manava o leite,
Que no peito materno homens robustos
Sugavam inda infantes para o mundo.
A árvore chamada pelos espanhóis palo de vaca,

(Continua na pagina 13)

Loja Independente de Teosofistas

A estátua de José de Alencar

(Discurso de Machado de Assis, na cerimônia de sua inauguração)

Senhores:

Tenho ainda presente a esta em que, por algumas horas últimas, pousou o corpo de José de Alencar. Creio que jamais o espetáculo da morte me fez tão singular impressão. Quando entrei na adolescência, fulgiam os primeiros raios daquele grande engenho; vi-os depois em tanta cópia e com tal esplendor que eram já um sol, quando entrei na mocidade. Gonçalves Dias e os homens do seu tempo estavam feitos; Alvares de Azevedo, como livro era a boa-nova dos poetas, falecera antes de revelado ao mundo. Todos eles influiam profundamente no ânimo juvenil que apenas balbuciava alguma coisa; mas a ação crescente de Alencar dominava as outras. A sensação que recebi no primeiro encontro pessoal com ele foi extraordinária: creio ainda agora que não lhe disse nada, contentando-me de fitá-lo com os olhos assombrados do menino Heine ao ver passar Napoleão. A fascinação não diminuiu com o trato do homem e do artista. Daí o espanto da morte. Não podia crer que o autor de tanta vida estivesse ali, dentro de um féretro, mudo e inhabil por todos os tempos dos tempos. Mas o mistério e a realidade impunham-se; não havia mais que enterrá-lo e ir conversá-lo em seus livros..

Hoje, senhores, assistimos ao início de outro monumento, este agora de vida, destinado a dar à cidade, à pátria e ao mundo a imagem daquele que um dia acompanhamos ao cemitério. Volveram anos; volveram coisas; mas a consciência humana diz-nos que, no meio das obras e dos tempos fugidos, subsiste a flor da poesia, ao passo que a consciência nacional nos mostra na pessoa do grande escritor o robusto e vivaz representante da literatura brasileira.

Não é aqui o lugar adequado à narração da carreira do autor de Iracema. Todos vós sabeis que foi rápida, brilhante e cheia; podemos dizer que ele saiu da Academia para a celebridade. Quem o lê agora, em dias e horas de escolha, e nos livros que mais lhe aprazem, não era ideia da fecundidade extraordinária que revelou, tão depressa entrou na vida. Desde logo pôs mãos à crônica, ao romance, à crítica e ao teatro, dando a todas essas formas do pensamento um cunho particular e desconhecido. No romance, que foi a sua forma por excelência, a primeira narrativa, curta, simples, mal se espaçou da segunda e da terceira. Em três saltos estava o Guarani diante de nós; e daí veio a sucessão crescente de força, de esplendor, de variedade. O espírito de Alencar percorreu as diversas partes da nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o sertão, a mata e o pampa, fixando-as em suas páginas, compondo assim com as diferenças da vida, das zonas, e dos tempos a unidade da sua obra.

Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das coisas. O mais francês dos sempre trágicos franceses é Racine, que só fez falar a antigos. Schiller é sempre alemão, quando recompõe Felipe II e Joana D'Arc. O nosso Alencar juntava a esse dom a natureza dos assuntos, tirados da vida ambiente da história local. Outros o fizeram também; mas a expressão do seu gênio era mais vigorosa e mais íntima. A imaginação que sobrepujava nele o espírito de análise, dava a tudo o calor dos trópicos e as galas viçosas de nossa terra. O talento descritivo, a riqueza, o mimo e a originalidade do estilo completavam a sua fisionomia literária.

Não me lembro aqui as lutas políticas, os dias de governo e de tribuna. Toda essa parte de Alencar fica para a biografia. A glória contenta-se da outra parte. A política era incompatível com ele, alma solitária. A disciplina dos partidos e a natural sujeição dos homens às necessidades e interesses comuns não podiam ser aceitas a um espírito que em outra esfera, a disputa da soberania e da liberdade. Primeiro em Atenas, era-lhe difícil ser segundo ou terceiro em Roma. Quando um ilustre homem de Estado respondendo a Alencar, já então apeado do governo, comparou a carreira política à do soldado, que tem de passar pelos serviços ínfimos e ganhar os postos gradualmente, dando-se a si mesmo como exemplo dessa lei, usou de uma imagem feliz e verdadeira, mas ininteligível, para o autor das Minas de Prata. Um ponto há que notar, entretanto, naquele curto estádio político. O autor do Gaucho carecia das qualidades necessárias à tribuna, mas quis ser orador, e foi orador. Sabemos que se bateu galhardamente com muitas das primeiras vozes do parlamento.

Desengano dos homens e das coisas. Alencar volveu de todo às suas queridas letras. As letras são boas amigas; não lhe fizeram esquecer inteiramente as amarguras, é certo; senti-lhe mais de uma vez a alma enojada e abatida. Mas a arte, que é a liberdade, era a força medicatriz do seu espírito. Enquanto a imaginação inventava, compunha e polia novas obras, a contemplação mental ia vencendo as tristezas do coração, e o misantropo amava os homens.

Agora que os anos vão passando sobre o óbito do escritor, é justo perpetuá-lo, pela mão do nosso ilustre estatuário nacional. Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar esta palavra melancólica: "A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sobre a terra". Senhores, a filosofia do livro não podia ser outra, mas a posteridade é aquela jandaia que não deixa o coqueiro, e que ao contrário da que emudeceu na novela, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal autor. **Nem tudo passa sobre a terra.**

A estatua de José de Alencar, na praça que tem o nome do grande escritor brasileiro, na capital da República

EMILIA - José de Alencar

Não parava aí a feablade da pobre Emilia. A óssea estrutura do talhe tinha nas espáduas, no peito e nos cotovelos, agudas saliências que davam ao corpo uma aspereza hirta. Era uma boneca, desconjuntada a miúdo pelo gesto ao mesmo tempo brusco e tímido.

Como ela trazia a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava sempre na sombra. A barba fugia-lhe pelo pescoço fino e longo; faces, não as tinha: a testa era comprimida sob as pastas batidas do cabelo, que repuxavam duas tranças compridas e espessas.

Restava apenas uma nesga de fisionomia para os olhos, o nariz e a boca. Esta rasgava a maxila de uma vez a alma enojada e abatida. Mas a arte, que é a liberdade, era a força medicatriz do seu espírito. Enquanto a imaginação inventava, compunha e polia novas obras, a contemplação mental ia vencendo as tristezas do coração, e o misantropo amava os homens.

Os olhos negros e desmedidamente grandes afundavam na penumbra do sobrolho sempre carregado, como buracos, pelas órbitas.

A respeito do trajo, que é segunda epiderme da mulher e pétalas dessa flor animada, o da menina corespondia ao seu físico.

Compunha-se ele de um vestido liso e escorrido, que fechava o corpo como uma bainha desde a garganta até os punhos e os tornozelos; de um lenço enrolado no pescoço, e de umas calças largas, que arrastavam, escondendo quase toda a botina.

Emilia ainda assim não parecia satisfeita. Estava constantemente a encolher-se, fazendo trejeitos para mergulhar o resto do pescoço e o queixo no talho do vestido, e sumir as mãos no punho das mangas. Caminhando, dobrava as curvas, afim de tornar comprida a sua curta; sentada, metia os pés por baixo da cadeira.

Tinha um cuidado extremo em puxar para a frente as longas tranças do cabelo, que andavam sempre a dansar-lhe, como antolhos, pelo rosto. Se lhe falava alguma pessoa de intimidade da família, não lhe voltava as costas, como fazia com os estranhos, mas sentia logo uma necessidade invencível de coçar a cabeça, acompanhada por um repuxamento dos ombros. Eram modos de atravessar o braço diante do rosto e furtar o queixo, escondendo assim o que lhe restava de fisionomia.

Muitas vezes o sr. Duarte zombava com terna ironia desses biocos da filha:

— Deixa estar, *Mila!*... dizia ele abraçando-a. Vou mandar fazer para ti um saco de lã com dois buracos no lugar dos olhos.

Tal era Emilia aos quinze anos.

Entretanto, quem soubera a anatomia viva da beleza, conhecera que havia nessa menina feia e desengraçada o arcabouço de uma soberba mulher. O esqueleto ali estava, só carecia de incarnação.

Ainda me lembro da cólera infantil de Emilia, quando, a primeira vez que estive com ela, eu a perseguia de longe, chamando-a:

— Minha noiva!

— Feio! dizia-me então.

E pronunciava essa palavra, como se ela simbolizasse a maior injúria possível.

Duas poesias de José de Alencar

Estrela da Tarde

Boa noite, minha estrela!
Vem consolar-me, estou triste;
Volve a face: — quero vê-la...
Ontem, mãi, nem me sorriste!

Por entre as alvas cortinas
Das nuvens no branco seio
A meiga fronte reclinas
Sempre com tanto receio!

Os anjos puros de Deus
Amam, pesar de inocentes;
Mas tu, nem dos olhos meus
A meiga prece consentes.

Em que te ofende o olhar
Que só de longe te implora?
Ao menos deixa te amar
Não ames, estrela, embora.

Já é tarde... Vais dormir?
Adeus, mas volta amanhã...
Ah! foges sem me sorrir!
Boa noite minha irmã!

ZELOS

Tenho ciume
Do ar que gira
E que respira
O teu perfume

Tenho ciume
Da luz que bebe
Nos olhos d'Hebe
O brando lume.

Tenho ciume
Desse retiro
Que ouve o suspiro
Do teu queixume.

Tenho ciume
Da flor, senhora
Que em ti adora
Celeste nume.

Tenho ciume
De quanto existe
Que me faz triste
E me consome.

Estas duas poesias do grande escritor brasileiro foram publicadas na "Cidade do Rio", em 25 de fevereiro de 1889, acompanhadas da seguinte nota:

"JOSE' DE ALENCAR — Presentamos hoje os nossos leitores com duas produções poéticas inéditas, de José de Alencar, graças à gentileza de sua exma. família que nos cedeu para este fim os dois trabalhos do ilustre literato brasileiro. Escusado é querer lembrar que eles trazem a data de 1857, época em que a poesia no Brasil estava longe de supor que havia de ser o assombro de hoje. Ouviam-se por esse tempo as grosserias poéticas de Gonçalves de Magalhães, e atroavam os ares os gritos guerreiros de Gonçalves Dias. Tinha passado apenas como um relâmpago o gênio admiravel mas antes prosador que poeta, embora ainda em embrião; aquele moço extraordinário que se chamou Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Escritos naquele tempo de verdadeira desorientação na literatura brasileira, as duas produções do aplaudido romancista tem incontestavel valor. E elas serviriam sem dúvida para atestar a fibra poética que José de Alencar possuia tão vibrante e afinada, se já não fosse essa a nota que palpita em toda a prosa de Iracema, e na maioria de suas obras, entre as quais — não somos o primeiro que o afirma — avultam algumas de alto merecimento".

Loja Independente de Teosofistas

José de Alencar, político — Carta ao Imperador

X

"A honra é sempre a melhor politica". Foi não somente uma bela frase, como uma obra gloriosa de Washington. Atualmente que se desenvolve entre nós um fervor de americanismo, seria para desejar que, antes dos braços e artefatos, transportassem de preferência para esta América as virtuosas tradições daqueles rigidos cidadãos, que primeiro civilizaram a liberdade no novo mundo.

A prosperidade material, que muitos sonham e esperam da colonização, das estradas de ferro, da navegação dos rios, que fora sem a regeneração moral do país? Matéria para a combustão; pasto aos vermes.

A grandeza material deste império é obra de Deus. A exuberância do solo, a força criadora do clima, hão de fazê-lo opulento infalivelmente. Do que mais necessitamos é da grandeza moral; das virtudes que ornam a juventude dos povos; e já mareamos nós, império de ontem, nos vicios das nações decrépitas.

O primeiro ato do novo gabinete, creio que será pedir-vos a dissolução da Câmara. A exposição dos motivos desse decreto valerá ante o país com a declaração formal e completa da politica inaugurada.

Ainda que a Câmara estivesse disposta a aceitar a nova ordem de coisas, a verdade do sistema representativo e o decoro parlamentar exigiam a provocação ás urnas.

A Câmara, representante imediato do povo, exprime a opinião atual do país, a opinião que vigorava desde o tempo de sua eleição até o momento presente. Quando o monarca entende que o bem do Estado reclama outras idéias, estranhas ás lutas existentes, é preciso que a opinião se pronuncie explicitamente sobre a nova politica proposta pela corôa.

A Câmara anterior é anacrônica para essa politica futura: seu apoio não patentearia o voto nacional: o Senado não saberia qual atitude tomar. Por outro lado ficaria pairando sobre a facil assembléia uma forte suspeita de corrupção ou fraqueza.

É por isso que o Ministério de 30 de maio de 1862 subverteu as fórmas parlamentares. Inaugurando uma terceira politica, extranha ás duas faces da opinião reinante no parlamento, não provocou, como devera, o pronunciamento nacional.

Qual foi a consequência? A nova legislatura apenas instalada repudiou o gabinete, declarando por tal modo que a nação fora governada cerca de dois anos contra seu voto.

Os vicios do nosso sistema eleitoral, ninguem os desconhece; não obstante, sob a influência regeneradora da revolução iniciada pela corôa e a ação de um governo justo, devemos esperar que a nova Câmara seja pelo menos sã e moralizada. Em pior regime se elegeram a constituinte e as legislaturas de 1826 e 1830, assembléias notaveis pelo patriotismo e independência.

Quando porem aconteça que a nova legislatura saia das urnas contaminada pela venalidade, ou se deprave na verificação dos poderes, dissolvei-a de novo, senhor, e sem hesitação, embora preste decidido apoio ao gabinete. Será um exemplo de moralidade. A posição que assumirdes perante a nação há de acordar a consciência publica. O país sentirá que desejais reinar sobre um povo moralizado.

Essa insistência da corôa é legitima e salutar, apesar do que pretendam certos terroristas.

Um dos maiores politicos dos últimos tempos, Cavour, tambem pensava que a dissolução, longe de ser uma violência á vontade nacional, é o meio de imprimir á sua manifestação maior solenidade. Ele dissolveu em 1853 uma legislatura não obstante a grande maioria que o apoiava; era necessário fazer sentir ao Senado, que resistia, a firmeza da opinião do país a respeito da secularização dos bens eclesiásticos.

Não tereis necessidade porem de insistir, senhor. Esta expansão veemente do espirito público a respeito de vossa augusta pessoa é nuncia de uma crise salutar que se há de operar sob o influxo da iniciativa imperial. A nova legislatura corresponderá á situação; e votará as reformas mais urgentes, apoiando francamente o gabinete, porem mantendo ilesa sua dignidade.

Deve aparecer no país uma oposição; qualquer que seja a perversão de seus instintos, desde que combater um governo honesto, será coagida a moralizar-se para lutar com vantagem. Dizia o grande Pitt: "Se não tivéssemos uma oposição, seria necessário inventá-la".

O primeiro e grande beneficio de vossa politica será a restauração dos partidos e sua depuração. A virtude reassumirá seu império; a emulação para o bem voltará. As idéias atualmente sufocadas pelo egoismo poderão sair a lume; em vez das grosseiras ciladas da corrupção, os principios combaterão com as armas leais e nobres da inteligência, que não geram rancores.

Eles sentirão a necessidade de buscar o apoio das diversas classes do país, cujas tendências formam as moléculas da opinião. A agricultura, o comércio, as letras, as artes, terão a par da administração voto na causa pública, e pesarão na balança social.

Restaurados os partidos, o feudalismo das posições oficiais desaparecerá para dar lugar á verdadeira aristocracia do mérito, corrigida pela opinião, e renovada pela seiva popular. Ao ciume e egoismo que aleijam o talento, há de suceder a emulação que desenvolve as valentes inteligências.

Os ministros notaveis não ofuscam o brilho do trono, antes o realçam. A história não mostra um só grande rei, isolado dessas vigorosas individualidades, que são na frase do evangelho "o sal da terra" e o creme dos povos.

Crial, senhor, estadistas eminentes; suas obras, como seus nomes, serão raios de vossa glória.

Quando os ilustres representantes da geração que vai sumir-se, possam encher os seus dias com uma velhice de Chatam e Palmerston; quando aos novos estadistas, que se estão gastando em um doloroso atrito de paixões acerbas, se ofereça a longa carreira de Canning, Russell e Gladstone; e á mocidade brasileira não se antolhe um sonho impossivel a rápida ascensão de um William Pitt ou Robert Peel; a coroa que vos cinge a augusta fronte estará na altura de vosso nome.

O Brasil era menor há vinte anos; porem estava então mais alto, porque na sumidade que domina o trono brilhavam os grandes nomes de nossa história, de que bem raros e eclipsados restam. A pátria valia mais aos próprios olhos e á consideração das nações estrangeiras. Homens de grande mérito e alta posição eram enviados nas missões diplomáticas, hoje quase abandonadas.

Desbastem-se as clientelas para se formarem os nomes gloriosos, que atestam a existência de um grande rei e de um grande povo. Eles são como as arvores gigantes que medram nas encostas das altas montanhas, onde exubera o humus da terra, e manam do alto ricos mananciais.

Senhor.

O penoso sacrificio está consumado.

Muitas vezes arranquei a verdade do coração rebelde que a recusava; outras mais senti a mágoa de a ter proferido; porem ante a majestade não sou um homem; sou uma idéia, como ela é uma instituição.

Há uma força fatal e invencivel que impele as idéias a prorromperem através de uma época, ainda quando o individuo que lhes serve de condutor deva ser despedaçado. E' um projetil que arrebenta; deixai-o; o canhão arremessará outros.

Não teem nome as idéias. A verdade é o unico batismo, como a razão é o unico foro, para os individuos que se fazem idéias, e se incorporam na massa da opinião.

Minha individualidade nunca foi estorvo á censura. Se alguma parte ela teve nos fatos que a razão a frio condena, a culpa lhe cabe, e mais grave que ás outras.

Não a defendi contra a própria conciência, não a defenderei agora de vossa justa severidade.

24 de janeiro.

ERASMO

O PAMPA — José de Alencar

Como são melancólicas e solenes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Urugual e seus afluentes!

A savana se desfralda a perder de vista, ondulando pelas sangas e cochilhas que figuram as flutuações das vagas nesse verde oceano. Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa, do que na imensidade dos mares.

E' o mesmo ermo porem selado pela imobilidade, e como que estupefato ante a majestade do firmamento.

Raro corta o espaço, cheio de luz, um pássaro erradio, demandando a sombra, longe na restinga de mato que borda as orlas de algum arraio. A trecho passa o poldro bravio, desgarrado do magote; si-lo que se vai retouçando alegremente babujar a grama do próximo banhado.

No seio das ondas o nauta sente-se isolado; é átomo envolto numa dobra do infinito. A ámbula imensa tem só duas faces convexas, o mar e o céu. As ondas se agitam em constante flutuação; teem uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante ao sopro do vento; há nelas uma fisionomia, um gesto.

A tela oceânica, sempre majestosa e esplêndida, ressumbra possante vitalidade. O mesmo pêgo, insondável abismo, exubera de força criadora; miriades de animais o povoam, que surgem á flor da água.

O pampa ao contrário é o pasmo, o torpor da natureza.

O viandante perdido na imensa planície, fica mais que isolado, fica opresso. Em torno dele faz-se o vácuo; súbita paralisia invade o espaço, que pesa sobre o homem como livida mortalha. Lavor de jaspe, um baldio na lâmina azul do céu, é a nuvem. O chão semelha a vasta lápide musgosa de extenso pavimento. Por toda a parte a imutabilidade. Nem um bafo para que essa natureza palpite; nem um rumor que simule o balbuciar do deserto.

Pasmosa inanição da vida no seio de um aluvio de luz!

O pampa é a pátria do tufão. Aí, nas estepes nuas, impera o rei dos ventos. Para a furia dos elementos inventou o Criador as rijezas cadavéricas da natureza. Diante da vaga impetuosa colocou o rochedo; como leito do furacão estendeu pela terra as infindas savanas da América e os ardentes areais da Africa.

Arroja-se o furacão pelas vastas planícies; espoja-se nelas como o poltro indômito; convolve a terra e o céu em espesso turbilhão. Afinal a natureza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto como dantes, plácido e inalteravel.

E' a mesma face impassivel; não há aí sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestígios. A savana permanece como foi ontem, como há de ser amanhã, até o dia em que o verme "homem" correr essa crosta secular do deserto.

Ao por do sol perde o pampa os toques ardentes da luz meridional. As grandes sombras, que não interceptam montes nem selvas, desdobram-se lentamente pelo campo fora. E' então que assenta perfeitamente na imensa planicie o nome castelhano. A "savana" figura realmente um vasto lençol desfraldado por sobre a terra e velando a virgem natureza americana.

Essa fisionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos; mas logo após ressumbra tão funda tristeza que estruge a alma. Parece que o vasto e imenso orbe serra-se e vai minguando a ponto de espremer o coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio criador que lhe imprime o cunho da originalidade. A natureza infiltra em todos os seres que ela gera e nutre aquela seiva própria; e forma assim uma familia na grande sociedade universal.

Quantos seres habitam as estepes americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram nelas uma alma pampa. Tem grandes virtudes essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez são indignas da savana.

No seio dessa profunda solidão, onde não há guarida para a defesa, nem sombra para abrigo, é preciso aponiar o deserto com intrepidez, sofrer as privações com paciência e suprimir as distâncias pela velocidade.

Até a árvore solitária que se ergue no meio dos pampas é tipo dessas virtudes. Seu aspecto tem o quer que seja de arrojado e derremido, naquele tronco derreado, naqueles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, há uma atitude atlética. Logo se conhece que a árvore já lutou com o pampeiro e o venceu. Uma terra seca e poucos orvalhos bastam á sua nutrição. A árvore é sóbria e afeita ás inclemências do sol abrasador. Veio de longe a semente; trouxe-a o tufão nas asas e alçou-a ali, onde medrou. E' uma planta imigrante.

Como a árvore, são a ema, o touro, o corcel, todos os filhos bravios da savana.

Nenhum ente, porem, inspira mais energicamente a alma pampa do que o homem, o "gaucho". De cada ser que povoa o deserto, toma ele o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça, os brios do corcel e a veemência do touro.

O coração, fê-lo a natureza franco e descortinado como a vasta cochilha: a paixão que o agita lembra os impetos do furacão, o mesmo bramido, a mesma pujança. A esse turbilhão do sentimento era indispensavel uma amplitude de coração, imensa como a savana.

Tal é o pampa.

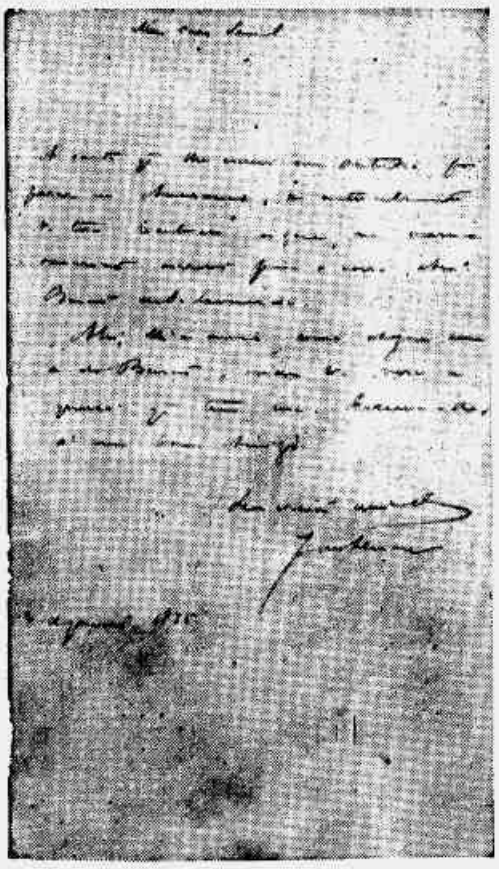
Esta palavra originária da lingua guichua significa simplesmente o plano; mas sob a fria expressão do vocábulo está viva e palpitante a idéia. Pronuncial o nome, como o povo que o inventou. Não vedes no sem cheio da voz, que reboa e se vai propagando, expirar no vago, a imagem fiel da savana a dilatar-se por horizontes infindos? Não ouvis nessa majestosa onomatopéia repercurtir a surdina profunda e merencória da vasta solidão?

Nas margens do Urugual, onde a civilização já bobujou a virgindade primitiva dessas regiões, perdeu o pampa seu belo nome americano. O gaucho habitante da savana, dá-lhes o nome de campanha.

"O GAUCHO"

Correspondência de escritores

CARTA DE JOSÉ DE ALENCAR A LEONEL DE ALENCAR



Meu caro Leonel.

A carta que lhe escrevi em outubro foi parar no Amazonas e naturalmente você terá recebido a que na mesma ocasião escrevi para o nosso amigo Barão de São Leonardo.

Aí lh'o envio como chegou com o do Barão, onde você verá a queixa que tem suo. Escreva-lhe, é um bom amigo.

Seu irmão amigo,

JOSE' DE ALENCAR.

3-Janeiro-1875.

Loja Independente de Teosofistas

José de Alencar, jornalista — A agricultura

O Brasil é um país essencialmente agrícola.

A natureza o destinou para essa nobre indústria, dotando-o de um solo vasto e ubérrimo, em cuja área se encontram todos os climas.

A índole e os hábitos de seus primeiros povoadores desenvolveram essa disposição originária, criando as lavouras que ainda hoje são a única fonte importante de nossa produção.

O regime colonial, com toda a sua brutalidade, não contrariou nunca, antes protegeu a seu modo o espírito agrícola das suas possessões americanas.

Não por zelo de nosso futuro, mas por favor às fábricas e manufaturas do reino, foram proibidos no Brasil certos ofícios e acoroçoada a lavra das terras.

Estava reservada ao governo constitucional a triste e ingrata missão de combater surdamente, pelo mais absurdo sistema econômico, o incremento da nossa indústria, desviando o trabalho de seu curso natural.

Proclamada a independência, não era possível que se organizassem logo as nossas finanças, sobretudo quando as dissipações do primeiro império, menores todavia que as atuais, exauriam o tesouro, e o obrigavam a recorrer aos expedientes ruinosos.

Mas o prurido de mostrar proficiência econômica fez copiar dos livros franceses sofismas refutados pelo simples bom senso, e rotinas sem aplicação ao nosso país.

Um dos sofismas foi esse de que os empréstimos são fontes de renda, axioma preconizado pelo marquês de Abrantes, quando Calmon, e chefe da escola que inaugurou neste país sem fábricas e sem manufaturas o regime protetor dos velhos Estados europeus.

Então a escola da livre permuta combatia em França essa abusão econômica dos governos que pensam desenvolver a indústria nacional encarecendo os produtos similares de procedência estrangeira.

Era essencial que o Brasil tivesse também um sistema protetor, como depois veio a ter contencioso administrativo, e outras exóticas importações, sem o que não seria uma nação civilizada.

Mas o que havia a proteger neste país sem riqueza fabril? Os nossos financeiros não se preocuparam com essa bagatela; e quando pelo diante a anomalia tornou-se flagrante, tomaram um engenhoso expediente.

Como faltava a indústria para ser protegida, cuidou-se em criar, por meio de loterias e subvenções, umas fábricas enfeadas, que servissem de pretexto às enormidades da tarifa, e dessem ao falar-se enfaticamente no parlamento — da **indústria nacional.**

Os nossos financeiros teem a ingenuidade de crer que o sistema protetor, ou, por outra, a elevação das taxas, aumenta a receita; e como eles não cogitam do povo e sim do fisco, estão convencidos que não há outra ciência alem dessa de fintar bastante os gêneros de maior consumo.

Assim radicou-se em nossa administração o funesto regime; e se fosse possível chamar à barra da nação todos os ministros que o defenderam e consolidaram, nenhum, estou certo, se mostraria contrito dos males causados por tão grave erro.

Talvez ao contrário se apresentassem ufanos de sua obra, e reclamando as bençãos da pátria pelos serviços prestados com sua gestão.

Entretanto, o erro aí está patente; e a decadência da nossa agricultura, confessada pelo governo e apregoada no parlamento, não é outra coisa senão a consequência lógica e fatal de um tacanho regime aduaneiro e, portanto, a obra longamente trabalhada dos nossos financeiros.

Falta de capitais, de braços, de transporte, de estudos profissionais, todas estas causas apontadas do atrazo de nossa lavoura, não são causas, mas efeitos da causa única: a nossa ignorância econômica, ou, antes, a nossa índole rotineira.

Em verdade, não era precisa a ciência para mostrar que um país, onde o fisco ia encarecendo gradualmente a vida pela exorbitância dos direitos de consumo, devia necessariamente empobrecer em cabedais, em braços, em trabalho, e até em estímulos.

O que admira é que ele tenha resistido à compressão de semelhante sistema e a ponto de ainda ser atualmente no mercado universal o primeiro produtor de café.

Mas as circunstâncias se agravaram de modo que, afinal, os poderes do Estado se preocuparam da questão agrícola, que é, sem contestação, o nosso máximo problema econômico.

Depois de uma grande ostentação de inquéritos e relatórios, com que se pretendeu arremedar, mas só na papelagem, as práticas inglesas, votou-se uma lei chamada de auxílios à lavoura.

Triste epigrama!

Para sanar os efeitos de um regime econômico, filho da restrição e do privilégio, a ciência financeira do nosso governo não achou outra coisa senão um odioso monopólio!

O poder já invadiu tudo. Depois de absorver pela centralização a vida política e administrativa das localidades, ele começou a lançar as raizes do enorme pólipo pelo campo das relações civis.

Monopolizou o crédito; avassalou o comércio; subvencionou a indústria; e domina até as profissões liberais pelos privilégios que reparte entre os seus favoritos. O Ministério da Agricultura criou duas novas classes: os advogados administrativos e os literatos imperiais.

Restava porem a agricultura. Em todos os tempos e em todas as nações, sempre essa classe distinguiu-se pela sua independência e isenção, como por seus principios de ordem e moralidade.

Em nosso país era ela talvez a base única de uma resistência legal e pacífica, mas perseverante e enérgica, às invasões do poder. Com sua costumada sagacidade a coroa viu o perigo, e encampou tambem a indústria rural.

Criou-se uma agricultura oficial.

Ela o único sentido e o efeito único da lei chamada de auxílios à lavoura, a qual, se ainda não produziu todos os males de que vem pejada, é porque o mercado monetário de Londres retraiu-se, espantado ante a nossa prodigalidade.

Quando, porem, cada provincia, ou cada município, tiver o seu engenho e fazenda central, subvencionados pelo governo, a máquina administrativa ficará montada; e as lavouras serão, como as outras empresas, meras secções do Ministério das Obras Públicas.

Tal é o estado desanimador de nossa agricultura. Entretanto, para os males que a acabrunham, como para os que afligem o país em geral, há um remédio; remédio tão simples e desprezado, como eficaz.

E' a liberdade.

Mostraremos depois como, ao seu influxo poderoso, sem tutela nem subvenções, a nossa lavoura surgiria do abatimento e declínio a que chegou, para tomar um novo e vigoroso impulso e com ela todas as indústrias do país, atrofiadas pelo atual sistema financeiro.

(D"O Protesto").

José de Alencar, orador

(Discurso sobre a viagem imperial, proferido na sessão da Câmara dos Deputados de 9 de Maio de 1871)

. . . . . .

Estou me alongando de mais; porem, senhores, receio não poder voltar a esta discussão, e a Câmara terá a condescendência de ouvir mais algumas considerações em relação à questão. Não convem que passe despercebido no parlamento o exame de assuntos que tanto interessam à causa pública.

Estabeleci a competência da assembléia para restringir a regência do principe imperial, da herdeira presuntiva da coroa; mas não basta; surge a questão de conveniência, que muito frequentemente em nosso país costuma prejudicar a questão do direito e do principio.

Convem conceder à princesa imperial o uso pleno das prerrogativas majestáticas, como está consignado na proposta?

Não, senhores, não convem; e não só não convem, como há nesse alvitre perigos mui sérios para o país e para a dinastia.

Vou entrar no desenvolvimento desta tese; mas para que o possa fazer com plena isenção de espirito, devo primeiramente arredar uma suspeita que há de surgir, se já não surgiu.

Entre as atribuições majestáticas figura a de dissolver o parlamento, uma das mais graves e importantes funções da realeza, e uma daquelas que, a exemplo da lei de 14 de junho de 1831, deve ser restringida.

Esta opinião, senhores, não faltará quem a atribua ao receio da próxima dissolução. Embora eu considere esta augusta Câmara e cada um dos seus membros muito superiores a semelhante suspeita...

O sr. Coelho Rodrigues — Apoiado.

O sr. J. de Alencar — ...entendo que é de meu dever repeli-la. Quanto a mim especialmente, confesso que preferia voltar para a oposição a prosseguir nesta tarefa improba que me impús de combater meus amigos.

Realmente, senhores, quando vejo ministros conservadores, esquecidos dos compromissos solenes com que subimos ao poder, transigirem com a influência indébita da coroa; quando vejo nesta situação, que se proclama conservadora, um programa de governo, do qual dizia ontem um nobre senador pela Baia que parece foi escrito em 1867, verdadeiro anacronismo politico; quando vejo propugnar-se hoje pelas idéias mais ardentes de nossos adversários, aquelas que nós combatemos na adversidade; confesso que faço votos profundos para que o meu partido torne à oposição e venha lutar no mesmo campo onde esteve em 1867 e onde eu ainda me acho.

Senhores, esta Câmara talvez ignore que a sua sorte está escrita no livro do destino. Ainda lhe restam alguns dias de vida, quantos forem necessários para prestar um serviço relevante, para cobrir com sua responsabilidade dois fatos graves: a viagem imperial e a emancipação do elemento servil.

Quando o partido conservador tiver feito prova desta admiravel condescendência; quando ele perder o direito de acusar os promotores do mal, porque terá aceitado a sua cumplicidade; então será encostado como instrumento perro. Isto, senhores, não é uma conjetura; é a verdade estampada na fisionomia da situação; é um programa de governo consignado na fala do trono.

Com efeito, exigir desta Câmara conservadora, desta Câmara composta de cidadãos que combateram a idéia da emancipação do elemento servil; desta Câmara que sustentou o Ministério Itaboraí, e o ano passado lhe deu um voto de confiança para tranquilizar os ânimos; declarar a esta Câmara que é tempo de resolver a questão, equivale a dizer: "Se resistis, a dissolução; se condescendeis, a perda da força moral". Em ambos os casos o suicídio; mas ao menos, o da resistência é glorioso!

Eu, portanto, senhores, não sou levado pelo receio de uma dissolução a defender a necessidade da restrição. Se há algum meio de prolongar a existência desta Câmara, é justamente o que nos oferece o governo; é votar a proposta imperial e consagrar a revolução social do elemento servil.

Caso passasse uma emenda restringindo o exercício das atribuições majestáticas da regência, a Câmara seria imediatamente dissolvida, e outra convocada para revogar aquilo que houvéssemos feito, e dar à princesa imperial a plenitude do poder. Pois bem; eu sinto não ter, em vez do meu único, cem votos para provocar o poder a essa dissolução imediata. Sinto do mais profundo de minha alma, porque assim preparava ao meu partido, ou um grande triunfo, ou uma queda gloriosa.

Senhores, é no próprio interesse da augusta princesa imperial que eu entendo que se deve restringir o exercício da regência. Se a dissolução é sempre um ato grave que abala o país, quanto mais não o será exercida essa atribuição por uma regência efêmera? Imaginai qual não será a irritação do partido decaido, sobretudo se o entrar a crença de que não se realizaria esse golpe de estado se estivesse à testa do governo pessoa mais experimentada, o verdadeiro soberano?

E hei de eu, monarquista sincero, que defendo não só a instituição, como a dinastia, hei de com o meu voto concorrer para uma situação tão prenhe de perigos? Não, senhores, por forma alguma. E cumpre não esquecer a provocação que o gabinete de 7 de março acaba de lançar ao país exigindo que se resolva pronta e açodadamente a questão do elemento servil.

Ora, senhores, desde que uma questão incandescente, uma questão gravissima, é assim lançada na arena, cumpre que esteja presente o chefe do estado, aquele que a fomentou, para recuar, se ainda for tempo. Dar à augusta princesa imperial o exercício pleno das atribuições majestáticas, é animá-la a resolver a questão do elemento servil.

Entendo eu, porem, senhores, que é esta uma das questões que não podem ser resolvidas senão estando presente o chefe do Estado; o contrário não seria digno dele nem conveniente para o país. Não se afrontam crises desta ordem com interinidades.

Se pode haver algum perigo mais sério do que a resolução precipitada da questão do elemento servil, é sem dúvida esse de sua resolução na ausência do chefe do Estado.

Uma voz: — Apoiado.

O sr. J. de Alencar — Querem resolver a todo transe a questão do elemento servil? Sejam lógicos; chamem ao poder aqueles que iniciaram a questão, que devem ter medido seu alcance, que podem contar com um partido compacto em favor dela; que devem em suma carregar com sua responsabilidade.

Acredito que se os conselheiros da coroa tivessem submetido ao soberano estas e outras considerações, Sua Majestade houvera refletido muito seriamente antes de expor sua augusta filha às tribulações de uma regência em situação tão arriscada.

Já afirmei à Câmara que não há exemplo de regência ilimitada; citei a lição histórica dos países constitucionais e absolutos, os precedentes de Inglaterra, resta-me citar o nosso precedente, a lei de 14 de junho de 1831, que vigorou para a primeira e segunda regência eletiva.

. . . . . .

Bem sei que este argumento muito incomoda aos sustentadores da regência do direito divino; eles não admitem o paralelo. Como comparar o regente hereditário com o regente eleito? O principe com o cidadão? O membro da dinastia com um plebeu?

Quando ouço, senhores, considerações desta ordem, duvido de mim, e julgo-me transportado a alguma Rússia ou Turquia onde se fale português. (Riso).

Pois no nosso país essencialmente democrático, em que todo o poder tem a sua raiz no povo, donde tira sua força e legitimidade, se podem sustentar, a não ser por notavel aberração, semelhantes paradoxos? Há no Brasil quem pretenda provar a superioridade de uma regência hereditária sobre uma eletiva?

Por que, senhores, neste país o rei é rei, e o principe é principe? Porque a nação o quer. (Apoiados). Pois é este o mesmo principio, é este o mesmo titulo da legitimidade do regente eletivo, com a diferença de que no regente hereditário predomina apenas um acidente de nascimento, e no regente eletivo há a manifestação solene da nação; um reconhecimento público dos dotes morais, do civismo, das virtudes do cidadão que ela ergue ao primeiro cargo, à cúpula do poder.

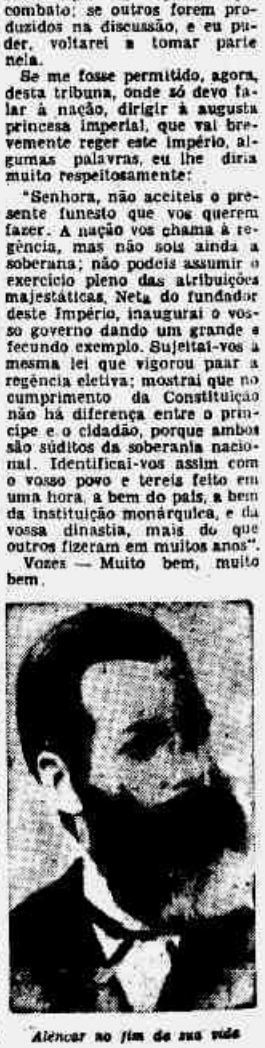
. . . . . .

Tenho, senhores, considerado a questão por todas as faces, e examinado aqueles argumentos que me ocorreram, e que são geralmente apresentados em sustentação da opinião que combato; se outros forem produzidos na discussão, e eu puder, voltarei a tomar parte nela.

Se me fosse permitido, agora, desta tribuna, onde só devo falar à nação, dirigir à augusta princesa imperial, que vai brevemente reger este império, algumas palavras, eu lhe diria muito respeitosamente:

"Senhora, não aceiteis o presente funesto que vos querem fazer. A nação vos chama à regência, mas não sois ainda a soberana; não podeis assumir o exercício pleno das atribuições majestáticas. Neta do fundador deste Império, inaugurai o vosso governo dando um grande e fecundo exemplo. Sujeitai-vos à mesma lei que vigorou paar a regência eletiva; mostrai que no cumprimento da Constituição não há diferença entre o principe e o cidadão, porque ambos são súditos da soberania nacional. Identificai-vos assim com o vosso povo e tereis feito em uma hora, a bem do país, a bem da instituição monárquica, e da vossa dinastia, mais do que outros fizeram em muitos anos".

Vozes — Muito bem, muito bem.



Alencar no fim de sua vida

Loja Independente de Teosofistas

José de Alencar no conceito dos seus contemporaneos

DE FRANCISCO OTAVIANO:

Contra meus votos, torcendo minhas aspirações e só por muita deferência a meu sogro, passei do folhetim literário e ameno do "Jornal do Comércio" para a redação política do "Correio Mercantil". Comunicando à direção daquele jornal a necessidade em que me via de separar-me dêle, fui intimado, como é de cortezia na despedida dos ministros, para apontar o meu sucessor.

— José de Alencar, respondi sem hesitação. Os diretores do "Jornal" não mostraram nesse dia o tino que bem os encaminhava sempre. A "Semana" agradara, não por grande merecimento intrinseco, mas por aquele espirito alegre, vivaz, pronto, a que namoram todas as belas coisas, que comovem todas as grandes ações, desde a riqueza generosa até a pobreza bem suportada, espirito que a tudo se atreve, menos à ofensa por interesse, e que ora é sentimental com naturalidade, ora zombeteiro sem fel. Esse espirito é um resplendor passageiro: só nos ilumina por poucos anos na aurora da vida. Começava a despontar em José de Alencar, em mim já ia declinando. Procurou-se para a "Semana" a grande ilustração, o estilo classico, mesmo o grande talento; mas não se procurou o "feitiço", o demônio inspirador dos vinte anos. De meu conselho se lembraram os diretores do "Jornal": já era tarde. Eu estava constituido em centro de partido, redator principal do "Mercantil" e cabeça de familia. Abdicara de moço. Não podia mais poetisar, não podia andar solto pelo campo da imaginação: tinha de aceitar um roteiro de jornada, em que eram defesas as peregrinações à Boémia. Reconhecera a necessidade de ter Alencar a meu lado. Ele, cedendo a um sentimento que o honra, preferiu dar-me o seu concurso a alistar-se na turma de meus competidores.

No correr de 9 de agosto de 1853 dele recebi este aviso:

"Otaviano — Lembras-te do que conversamos domingo, à noite, vindo de Botafogo, e especialmente de um projeto que me comunicaste, o qual me diz respeito e se ha de realizar em setembro? Se te lembras, deves lembrar-te tambem do que te eu disse na ocasião, que a seguir uma carreira nova para mim desejava começá-la a teu lado e debaixo de tuas vistas, porque me sorri essa ideia de continuarmos colegas e amigos, embora já lá vão os tempos de São Paulo. Entretanto, segundo te percebi, qualquer resolução a este respeito não depende unicamente de ti, pois que então sei que seria negócio feito. E' necessario o acordo de outros, e este acordo, bom ou mau para mim, eu precisava sabê-lo hoje. Tive, pela manhã, um oferecimento vantajoso, o qual facilmente adivinhas, porque direta ou indiretamente concorreste para ele. Não o aceitei por precisar consultar-te. Comprometi-me porem a dar uma resposta hoje e por isso volto-me para ti. A noite desejo terminar isto; tu dirás com quem. Preciso dizer-te que te consulto não só pelo dever rigoroso em que estou depois do que me disseste, como por interesse meu: quem ganha se contigo eu for, não és tu, sou eu pelo que te disse no começo, e por outras razões que te direi. Vem jantar comigo no Hotel da Europa: conversaremos sobre este respeito com mais largueza. Irei ao "Mercantil" esperar-te às 3 horas. Todo teu — Alencar.

"P. S. — Esqueceu-me dizer-te que qualquer das duas coisas que se realize, "Correio Mercantil" ou "Jornal do Comércio", desejava que ficasse em segredo. De qualquer dos dois modos te vou substituir e, por conseguinte, prefiro que a dificuldade da posição recaia sobre um nome ignorado absolutamente."

Pelo tempo que recebi esta carta os conselheiros de redação do "Mercantil" eram meu sogro, o sr. Muniz Barreto, e os srs. Souza Franco e Sales Torres Homem.

Deixaram-me plena liberdade de ação. O acordo, de que eu falara a Alencar, era somente o de meus colaboradores do trabalho diario, porque foi costume, de que nunca me apartei, prover à harmonia pessoa de meus companheiros. Podiam pensar como lhes aprouvesse, mas era essencial que se não combatessem publicamente, e mais do que tudo, que se estimassem pessoalmente. Para eles foi motivo de ferta a comunicação reservada que lhes dei, da carta de Alencar. Não podia haver fartura maior. Adivinhavam todas as suas grandes forças intelectuais, e todos lhe queriam bem. Ás 5 horas da tarde José de Alencar era parte da redação do "Correio Mercantil".

DE PEDRO LUZ:

„DEUS, IRACEMA

Lá da montanha azul na florida campina
Sempre ouvirás em sonhos os peregrinos cantos
Que murmurou na terra a tua voz divina...
Mas ao hino de amor misturará seus prantos
A saudade — meu bardo — a nossa dor suprema!
Vertem lágrimas hoje as flores de Iracema.

DE J. SALDANHA MARINHO:

Os Lamartines não foram talhados para a politica. Teem o seu mundo a parte. Na larga e brilhante esfera, a que foram destinados, assentam sua glória. A politica, que não os aprecia e que jamais foi compreendida por eles, não lhes daria posição mais real, mais elevada e nobre do que aquela por eles conquistada nos labores literários, por um grandioso talento e profundo estudo. Homens dessa ordem, homens como José de Alencar, não morrem. A matéria sucumbe, mas o espirito mantem a sua posição, não fenece. O poeta é imortal. Nas letras deixa seu nome esculpido em caracteres indeleveis, e as letras lhe perpetuam a glória. A pátria, orgulhosa, bendiria sempre o filho que tão luminosos traços deixou no caminho afanoso e sublime que trilhou na vida.

DE QUINTINO BOCAIUVA:

A escuridão que vai dilatar-se (quem sabe por quantos anos!!) na literatura nacional servirá de atestar a imensa perda que acaba de afligir-nos com a morte de José de Alencar. Tanto é verdade que os grandes homens, como as grandes montanhas, podem ser avaliados pela sombra que projetam. Como Andrés Belo — a cabeça culminante da raça latina nos dois mundos — José de Alencar deixa um vacuo impossivel de preencher nas letras americanas. Homens dessa estatura servem, na orografia moral do mundo, para assinalar os mais altos cimos do engenho humano.

DO VISCONDE DE TAUNAY:

Vinde, casta e gentil Ceci, melancólica Isabel, graciosa Guida! Vinde, meiga e doce Iracema, caprichosa Diva, e vós, altiva Senhora! vinde todas — formosas filhas do gênio de Alencar — entretecer uma capela de brancas saudades para aquele que vos deu vida ideal, cheia de luz e de imarcessiveis encantos!

DO BARÃO DE PARANAPIACABA:

De teu laurel de glória
A mais formosa gema
Burila a pátria história
Na lenda de Iracema.

Como Virgilio ao Dante,
Cooper no céu te espera,
Estrela cintilante
Da constelada esfera.

Já Deus te deu descanso;
Deu-te de eleito a palma;
Tiveram já remanso
Os estos de tu'alma!

DE BITTENCOURT SAMPAIO:

De pé por sobre a bronca penedia
Estava o Gênio da floresta; — o vento
No ermo sibilava, enquanto atento
Junto dele um cantor ali se via.

— Que procuras, mancebo, noite e dia
Com tanto afan e ardor no pensamento!
— O passado! o passado!... e suavento
Leva aos lábios a inúbia que trazia.

— Vem, pois, lhe disse o Gênio em tom ardido
Serei teu guia e mestre: tem ao certo
A vitória quem luta convencido...

Partiram; das florestas ei-los perto...
Brada o cantor parando comovido:
— Joelho em terra! Estamos no deserto!

DE GUSMÃO LOBO:

Daquele se pode dizer que não honrou menos a razão do que o seu nobre instrumento: a palavra.

Um só de seis livros, o "Sistema Representativo", talvez o que menos haja contribuido para a sua grande voga de escritor, mas com certeza o que maior cabedal de cogitação lhe deve ter custado, bastaria a perpetuar a memória da prodigiosa individualidade, que o futuro admirará em cinquenta diversissimos volumes.

Despedida a luz, pode o astro apagar-se. Nem por isso ele percorrerá o espaço com menos brilho.

DE FERREIRA DE ARAUJO:

Deve considerar-se feliz aquele que conseguir percorrer uma só das esferas da atividade intelectual com brilho aproximado ao que revelou José de Alencar percorrendo-as todas.

DE ANDRE' REBOUÇAS:

Foi por certo o sublime Espirito de Alencar quem inspirou a Otaviano fundar sobre seu túmulo a Associação dos literatos brazileiros. Destes, alguns teem, talvez, como Alencar, gênio inventivo, grandiosa e ousada inspiração, e talento variadissimo, nem um, sem dúvida, possue sua prodigiosa devotação ao trabalho. Possa o auspicioso lábaro — José de Alencar — ser estimulo eterno e dizer incessantemente:

Brasileiros! Estudai, dia e noite, a maravilhosa natureza americana; ao esplendor do sol, à melancólica luz da lua, e ao simpático cintilar das estrelas do Cruzeiro do Sul! Trabalhai sem descanso na obra monumental da criação e engrandecimento da literatura nacional!

DE JOSE' DO PATROCINIO:

Foi uma contradição: tinha as valentias de um gênio e as fraquezas de um ânimo apreensivo.

DE TITO FRANCO:

José de Alencar... "cœlestis in dicendo vir".

DE EMILIO ZALUAR:

Oh, Filhos de Tupan! Brilhantes Sonhos d'Ouro!
Vós sois do gênio seu o ideal tesouro!
Do sol americano o raio mas fecundo
Traçou à sua glória a órbita do mundo!

DE FREDERICO REGO:

Os livros de José de Alencar são como as flores tropicais que expandem-se à medida que o sol vai subindo no horizonte. Como o espirito daquele eminente escritor, não tiveram poente, eles tambem não conheceram o crepúsculo.

DE FRANÇA JUNIOR:

Há nomes que marcam época imperecivel na vida dos povos. Bafejados pelas áureas celestes, tornam-se os apóstolos de uma geração inteira e perduram indeleveis no bronze da história. José de Alencar era um desses nomes. Os seus escritos que aí ficam, frutos de um cérebro luminoso e infatigavel, são hinos em louvor da pátria. Quem melhor do que ele pintou os esplendores desse cenario grandioso, onde o Supremo Arquiteto dos mundos espargiu com mão profusa os mais brilhantes tesouros de sua onipotência? Quem com mais critério e energia defendeu as nossas instituições? A literatura para José de Alencar foi um sacerdócio. Nas lutas da politica, nos fastos do jornalismo, nos conselhos da coroa, no romance, no teatro, em todas as manifestações, enfim, do seu espirito cintilante, via-se o literato. E é esta a sua glória! A biografia de José de Alencar resume-se em duas palavras: "gênio e trabalho".

DE AFONSO CELSO JUNIOR:

A pátria, n'angústia extrema,
Chorou ao vê-lo partir,
Como a olvidada Iracema
Sentindo o amado fugir!
E agora... dele a memória
Nos fundos mares da historia
Deslisa calma, ideal...
Como o batel dos gentios
Nos verdes mares bravios
Da sua terra natal!...

DE CARLOS DE LAET:

Se viver é pensar — de heróis longevos
este o primeiro foi... E a longa ideia
fundiu qual bronze, que assoberba os evos,
no jornal, na tribuna, na epopéia.
Se viver é sentir, — sentiu por quantos
lhe escutaram no drama as tãs lições,
quando no sopro do gênio, em riso ou prantos
estuavam fremendo as multidões.
Viveu! Que luz, oh pátria, tão brilhante!...
E por que é noite vais carpi-lo agora?
Ninguem lamenta o sol que desce ovante:
Fora descrer d'aurora!

DE LINO D'ASSUNÇAO:

Como todos os grandes escritores destinados a passar à posteridade, José de Alencar inspirou-se na verdadeira fonte da legitima inspiração — nas tradições populares. Observando e analisando com elevado critério o seu meio, evocando do seio das florestas as poéticas lendas dos indigenas, dando à velha crónica a forma amena do romance, produziu essas obras que hão de durar tanto quanto a lingua em que as escreveu. Por isso, a sua pena investigadora e inspirada, correntia e expontânea, e, sobretudo, essencialmente brasileira, há de ser adorada nos altares da pátria, como simbolo do ensino superior, do guia fiel para presentes e póstero.

DE MACHADO DE ASSIS:

Naquele eterno azul, onde Coema,
Onde Lindoia, sem temor dos anos,
Erguem os olhos plácidos e ufanos,
Tambem os ergue a limpida Iracema.

Elas foram, nas asas do poema,
Cantadas pela voz de americanos,
Mostrar às gentes de outros oceanos
Joias do nosso rútilo diadema.

E, quando a magua vos inda afinavas,
Foges-nos, como se a chamar sentiras
A voz da glória pura que esperavas.

O cantor do Uruguai e o dos Timbiras
Esperavam por ti, tu lhe faltavas
Para o concerto das eternas liras.

Loja Independente de Teosofistas

As reliquias de José de Alencar

Nestes dois "clichés", estão as últimas reliquias do criador de Ceci e de Iracema: um deles nos apresenta a máscara mortuária do romancista ;o outro nos mostra o túmulo em que ele dorme o seu eterno sono, na necrópole de S. João Batista.

José de Alencar, teatrólogo — "MÃE"

(Cena final do ato terceiro)

CENA XIII

DR. LIMA, GOMES e JORGE

JORGE

Viu-a, doutor?... Não a encontrei!... Procurei tudo!

DR. LIMA

Sossegue, Jorge! Deve ter saído... Ela nada sabe ainda! Seja prudente... Não lhe anuncie de repente!... O choque pode ser terrivel!...

JORGE

Não me sei conter!... Quero abraçá-la!... Minha mãe!... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome!... Parece-me que aprendi-o há pouco!...

GOMES

Sr. Jorge.

JORGE

Ah! desculpe... Esqueci-me que estava aqui... O que acabo de saber...

GOMES

Penalisa-me bastante, creia.

JORGE

Como, sr. Gomes?

GOMES

Sinto muito, porem... O senhor compreende a minha posição... As considerações sociais...

JORGE

Acabe, senhor!...

GOMES

Esse casamento não é mais possivel!

JORGE

Ah!

DR. LIMA

Por que razão, sr. Gomes?

JORG

Porque não reneguei minha mãe.

GOMES

Sr. Jorge, eu o estimo... porem...

JORGE

Tem razão, sr. Gomes!... O senhor me julga indigno de pertencer à sua familia porque eu sou filho daquela que se vendeu para salvar essa mesma honra em nome da qual me repele!

GOMES

Mas não é... não!... Eu juro...

DR. LIMA

Joana!... Deus nos ouve!

JOANA

Por Deus mesmo... E'e sabe porque digo isto!... Por Deus mesmo... juro... que... Ah!...

JORGE

Morta!...

ELISA

Minha boa Joana!...

JOANA

Escute, iáiá, Elisa... E' a última coisa que lhe peço... Iáiá há de fazer meu nhonhô muito feliz!... Me promete?... Queira a ele tanto bem, como Joana queria... Mas, nem iáiá nem ninguem pode... não!...

JORGE

Minha mãe!... Porque foges de teu filho, apenas ele te reconhece?

JOANA

Adeus, meu nhonhô... Lembre-se às vezes de Joana... Sim?... Ela vai rezar no céu por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir...

JORGE

Que, mãe? Pede-me!...

JOANA

Nhonhô não se zanga?

JORGE

Eu sou teu filho!... Dize!... Uma vez ao menos... este nome.

JOANA

Ah!... Não!... Não posso!

JORGE

Fala! Fala!

JOANA

E' um atrevimento!... Mas eu queria antes de morrer... beijar sua... sua testa, meu nhonhô!...

JORGE

Mãe!...

JOANA

Ah!... Joana morre feliz.

JORGE

Abandonando seu filho

JOANA

Nhonhô!... Ele se enganou!... Eu não sou tua mãe, não... meu filho! (Morre).

JORGE, de joelhos

Minha mãe!...

ELISA

E minha, Jorge!...

GOMES

Ela abençõe tão santa união!...

DR. LIMA

E me perdôe o mal que lhe fiz!

JOSÉ DE ALENCAR, POETA

(Continuação da página 7)

e no Pará árvore de leite, da familia das sapotiseiros. O leite tem todas as qualidades do leite animal.

V. 372 As vestes encontravam já tecidas
Na casca da marima
A árvore das camisas, embiriti, da qual se tiram panos de 5 a 6 pés de largo. Vide Gabriel Soares, Roteiro do Brasil. Marima segundo Humboldt 8º vol. pág. 183.

V. 378 Uma palmeira só dava à familia
Armas, sombra, alimento, fogo e vinho, etc.
"E' curioso ver no mais baixo grau da civilização, a existência de toda uma povoação depender de uma só espécie de palmeira; à semelhança desses insetos que se nutrem exclusivamente de uma flor, ou de uma mesma parte de um vegetal."
Humboldt, V. au N. C. 8º vol. pág. 384.
A palmeira a que se refere Humboldt é o muriché, de que os indigenas tiravam vinho, farinha, fios para a rede, e folhas para cobrir as cabanas, pelo que a chamavam — árvore da vida.

V. 380 A prole que em Tamandaré surgindo
Da vazagem das águas...
Tamandaré é o Noé dos Tupis. Segundo a tradição salvou-se no alto de uma palmeira. J. de Vasconcelos pág. 48.

T'-amana-ri — o que veio depois da chuva

V. 420 As turbas dos Oromos, gente barbara.
Os Oromos — Tribu da grande nação Yurakaré, pertencente ao ramo Antisiano da raça Andu-Peruviana. Esta tribu habitava os Andes Orientais, nas cabeceiras dos rios Para e Ucsialy afluentes do Solimões ou Amazonas.
Os Yurakarés eram de grande estatura; mediam 1 metro e 78 centim., 5 pés e 5 polegadas.
Yurakaré vem do yurak — branco, e kari, homem — na lingua chichera. V. Orbygny — L'homme américain.

V. 422 Correu a flecha, núncia do combate
Gumilha, no seu Orenoco, trata da irmandade das nações indígenas para a defesa comum. Os mensageiros, diz ele, dão aviso da guerra em silêncio, deixando uma flecha cravada em lugar público. Este aviso chama-se correr a flecha.
1º vol. pág. 134.

V. 423 O trocano mandou às longes tabas
A voz do chefe.
Trocano, diz Ferreira, era o instrumento de guerra de quase todos os gentios do Pará, como o havia na aldeia antigamente chamada de Trocano, hoje vila de Borba. Serve às gentes de caixa de guerra para as suas chamadas e tambem para os avisos que de parte a parte fazem umas e outras aldeias quando há novidade que participar aos aldeãos que estão mais distantes. De sorte que a primeira aldeia que ouve o sinal do Trocano o participa à outra, sua imediata, fazendo o mesmo sinal e assim em breve tempo se avisam ainda as que estão mais remotas. Gonçalves Dias — Dicionário Tupi.

V. 430 O prudente Iruama, o grande chefe
Iruama, derivado de I-rub-rama — Ele há de ser pai, na lingua tupica.

V. 465 Solta da guerra a mirahi soberbo
Mirahi — significa em Guarani o discurso — Gumilha — O Orenoco, 1º vol. pág. 310.
Mira — multidão, de imira — floresta.
Jé — é o verbo dizer. (Discurso da multidão).

V. 468 E netos de Tupi, primeiro homem
Tupi — o Adão dos Tupis
Tu-ypi — primeiro gerado do vento, ou do trovão.

V. 494 Porque se enflore o pequiá da mata.
Pequiá — árvore brasileira, cuja flor é escarlate.

V. 502 Aos mancebos trazer nome de guerra
Nome de guerra — "Costuma-se entre os Tupinambás, que todo aquele que mais contrário, toma logo nome entre si, mas não o dizem senão a seu tempo, que manda fazer grandes vinhos". Gabriel Soares, Cap. 170.

Loja Independente de Teosofistas

HENRIQUE HEINE

Mucio Leão

No dia 1 de janeiro de 1800, há cento e quarenta e um anos, nasceu Henrique Heine.

Por isso, o grande poeta, que amava sorrir das coisas, costumava dizer que "era o primeiro homem do século".

Pondo de parte qualquer blague, ele foi, realmente, pela maravilha da sua poesia cheia de melancolia e de luz, um dos mais extraordinários homens do seu século.

Mas o delicioso mágico dos "lieds" germânicos teve um destino cheio de desventuras. Sua arte, como escritor, foi delicadíssima e prodigiosa. Tendo nascido na Alemanha, soube levar a tal depuramento o espírito francês que, relendo-o, hoje, temos a impressão de que nos achamos diante de um dos mais verdadeiros e rútilos filhos da França, diante de um irmão autêntico de Voltaire, de Molière ou de Rivarol. Renan, que o amava com ternura, queria que todos se descobrissem diante do admirável estilista de "Reisebilder".

Na introdução que escreveu para esse livro, Teófilo Gautier conta episódios interessantes da vida de Heine.

Os dois poetas se conheceram pouco depois de 1830. Era a época do mais desenfreado romantismo. Longamente repercutia, na Europa, a voz ardente de Vítor Hugo, anunciando, no prefácio do "Cromwell", as idéias de uma literatura revolucionária, que visava a derrubar os ídolos do classicismo já cansado. Estavam em moda todas as melancolias e todos os "ennuis", que encontravam a sua expressão mais completa em René, criado pelo gênio de Chateaubriand. Era o fase dos luares argênteos, dos amores puros à margem dos lagos azues, dos poetas de longas melenas, sonhando julietas imponderáveis, doces visões sorrindo em céus inacessíveis...

O verdadeiro poeta deveria, a esse tempo, ser curvo, ter, na tez, a palidez das magnólias — a palidez dos mármores funéreos, que a tristeza dos raios do luar houvesse tocado de uma luz de outra vida.

Heine era o contrário de tudo isto. Era um belo e guapo mancebo, desempenado, forte, alegre. Suas faces rubicundas não tinham um fio de pelo: seus cabelos, crespos, muito louros e rebeldes, não procuravam adquirir o jeito das cabeleiras em moda. Teófilo Gautier o define como "um Apolo germânico".

Era aquela uma fase singular da alma do poeta. Heine mesmo conta que, àquele tempo, era ele o seu próprio Deus. Adorava-se a si mesmo. Nenhuma injúria o atingia, então; nenhuma maldade o feria. Esse cavaleiro andante da poesia tinha, aos trinta anos, um desprezo absoluto por quem quer que o procurasse ferir. A seta mais aguda que lhe lançassem não o atingiria. Confessava que, para todos os pérfidos, tinha o olhar tranquilo de uma divindade, certa de que, por maior que fosse a blasfêmia recebida, maior ainda seria o bálsamo do seu perdão.

Gautier e Heine ficaram amigos desde esse tempo. E

...cego e paralítico, perto de morrer

Heine era um estranho espetáculo.

Sua conversa, cheia de fulgor, cheia de graça e de perfídia, era uma maravilha. Mas, também, em certas horas, como ela era indizivelmente melancólica!

Esse poeta criou a poesia mais singular: a poesia da melancolia que sorri de si mesma. Em seus pequenos versos do "Intermezzo", em suas encantadoras poesias do "Mar do Norte", em sua "Atla Troll", achamos o mesmo espírito, esse espírito ao mesmo tempo zombador e adorável: a ternura que tem o pudor de ser ternura e sorri da sua efusão, como os palhaços, a ironia beijada por um raio do sol da meiguice mais pura...

Pois igual a essa poesia era a conversa de Heine. E, ao lado disso, que tremendas execuções que ele fazia! Esse princípe do ritmo não perdoava a maldade e a vaidade dos espíritos vulgares. Em uma de suas crônicas, recolhidas em "Lutécia", encontramos uma execução implacável de Hugo. Se assim sofria, em suas mãos de deus bárbaro, o grande lírico, que havemos de dizer dos poetas menores, que ele se divertia em espremer em sua prensa de sarcasmo e de flamas redentoras?

Depois Heine separou-se de Gautier. Anos passaram, sem que os dois poetas se encontrassem mais.

Um dia, à porta de Gautier bateu alguem. O criado, que recebeu o recado do visitante, comunicou a Gautier que, lá em baixo, estava um estrangeiro, que desejava vê-lo. Gautier mandou entrar o estrangeiro. Apareceu-lhe, então, um homem desconhecido. Era um sujeito curvo e magríssimo, doente, brancas as barbas, uma espécie de devastação humana e ambulante. Chamou o poeta pelo nome familiar: Theo!

Gautier não podia descobrir quem fosse aquele homem. Dada, porem, a intimidade com que o tratava, não evitou travar conversa com ele. Ao cabo de dois minutos, um lampejo prodigioso de ironia e de graça saía daqueles lábios murchos. Gautier o identificou pela palavra flamejante:

— "Se não é o diabo, é Heine".

E era Heine, mesmo.

Mas como a vida tinha operado uma transformação absoluta, absurda, naquele magnífico mancebo de outrora!

Heine estava, então, no começo de sua monstruosa agonia de oito anos. As primeiras injúrias da paralisia, que haveria de ser o seu martírio horrível, o Sinai e o Calvário de seus dias, já lhe feriam a alma incandescente.

Heine, na mocidade (quadro de F. Humpf)

Tempos depois, o poeta caía no leito, para nunca mais levantar-se.

E dir-se-ia que a sua decomposição começava ainda em vida.

Suas mãos, durante anos e anos, não puderam mais sustier, sequer, a pena com que ele outrora escrevia poemas divinos. Seus olhos não podiam mais ver a luz. As pálpebras, enfraquecidas pela enfermidade, caíam pesadamente sobre eles, vedando-lhes a visão das coisas! Quando algum amigo o visitava ele a custo podia levantar, com o aedo flacidíssimo, a pálpebra morta, para olhar o recem-chegado. E então, que infinita melancolia se estampava no fulgor morto daquelas retinas extintas! Esses visitantes eram raríssimos, nos últimos tempos. Heine costumava dizer, quando alguem ia vê-lo, ao fim da sua existência, que esse alguem "se tinha esquecido de esquecê-lo"...

Assim, a vida vingou-se cruelmente daquele homem que tinha cometido, desde o nascer, esse imenso crime: o crime de ter gênio.

Poderíamos, também, dizer que Heine se vingou da maldade da vida: e vingou-se tornando-se imortal, na veneração da humanidade...

Heine em português: "O Intermezzo"

Em 1894, estando a "Semana" sob a direção do sr. Max Fleuiss, iniciava-se, em suas colunas, a publicação do "Intermezzo", de Heine, feita por vários poetas dos mais ilustres do Brasil. A iniciativa, que era devida a João Ribeiro e Max Fleuiss, obteve o maior êxito. Foram as traduções, publicadas, logo depois, em volume, que cedo se esgotou. Em 1902 saía segunda edição que tambem está hoje esgotada.

Vamos agora, iniciar a publicação das traduções de Heine que existirem feitas no Brasil, e que são muito numerosas. Em primeiro lugar, daremos o "Intermezzo", feito por vários autores, e cujo prólogo é devido a Machado de Assis. (E' a iniciativa da "Semana", que vamos trazer ao conhecimento do leitor de hoje). Teremos, depois, esse mesmo "Intermezzo" na tradução de F. A. Gomes Júnior (B. L. Xavier, Rio de Janeiro, 1875). E, enfim, teremos inúmeros versos de outros poemas de Heine.

Aqui vai, pois, em nosso número de hoje, o prólogo do "A Semana".

PRÓLOGO

Machado de Assis

Um cavaleiro havia, taciturno,
Que o rosto magro e macilento tinha.
Vagava como quem de algum noturno
Sonho levado, trépido caminha.
Tão alheio, tão frio, tão soturno,
Que a moça em flor e a lépida florinha,
Quando passar tropegamente o viam,
Ás escondidas dele escarneciam.

A miudo buscava a mais sombria
Parte da casa, por fugir à gente:
Daquele posto os braços estendia
Tomado de desejo impaciente.
Uma palavra só não proferia.
Mas pela meia noite, de repente,
Estranho canto e música escutava,
E logo alguem que à porta lhe tocava.

Furtivamente então entrava a amada,
O vestido de espumas arrastando,
Tão vivamente fresca e tão corada
Como a rosa que vem desabrochando;
Brilha o veu; pela esbelta e delicada
Figura as tranças soltas vão brincando;
Os meigos olhos dela e os dele fitam,
E um ao outro de ardor se precipitam

Com a força que o amor somente gera,
O peito a cinge, agora afogueado;
O descorado as cores recupera,
E o retraido acaba namorado,
O sonhador desfaz-se da quimera...
Ela o exita, com gesto calculado;
Na cabeça lhe lança levemente
O adamantino véu alvo e luzente.

Ei-lo se vê em sala cristalina
De aquático palácio. Com espanto
Olha, e de olhar a fábrica divina
Quase os olhos lhe cegam. Entretanto,
Junto ao úmido seio a bela ondina
O aperta tanto, tanto, tanto, tanto...
Vão as bodas seguir-se. As notas belas
Veem tirando das citaras donzelas.

As notas veem tirando, e deleitosas
Cantam e cada uma a dansa tece
Erguendo ao ar as plantas graciosas.
Ele, que todo e todo se embevece,
Deixa-se ir nessas horas amorosas...
Mas o clarão de súbito fenece,
E o noivo torna à pálida tristura
Da antiga, solitária alcova escura.

Efemérides da Academia

1 DE JANEIRO

1893 — Nascimento, em São Paulo, de Paulo Setubal. Ocupou na Academia a cadeira nº 31, que tem como patrono Pedro Luiz e que foi criada por Luiz Guimarães Junior.

2 DE JANEIRO

1855 — Nascimento na Chapada, Baia, de Urbano Duarte, criador da cadeira n. 12, de que é patrono França Junior.

3 DE JANEIRO

1839 — Nascimento na Vila de Barra de S. João, municipio de Macaé, provincia do Rio de Janeiro, de Casimiro José Marques de Abreu. O poeta das "Primaveras", que faleceu aos 21 anos de idade, é patrono da cadeira n. 6, criada por Teixeira de Melo.

1897 — Quarta sessão preparatória da Academia. E' eleita a sua primeira mesa, que fica assim constituida: presidente, Machado de Assis; secretário geral, Joaquim Nabuco; tesoureiro, Inglez de Souza. Os demais cargos são deixados para eleição ulterior.

1918 — Falecimento do Barão Homem de Melo, sucessor de José Verissimo.

5 DE JANEIRO

1711 — Falecimento, na Baia, de Manuel Botelho de Oliveira, autor da "Música do Parnaso". E' patrono da cadeira n. 3 dos correspondentes.

1868 — Falecimento, em Lisboa, onde exercia o cargo de ministro do Brasil, de Antonio Peregrino Maciel Monteiro, Barão de Itamaracá. - E' patrono da cadeira n. 27, criada por Joaquim Nabuco.

6 DE JANEIRO

1840 — Nascimento, em Lisboa, de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, sócio correspondente, eleito em 20 de agosto de 1910.

7 DE JANEIRO

1854 — Nascimento, no Rio de Janeiro, de Manuel Ferreira Garcia Redondo, fundador da cadeira n. 24, que tem como patrono Julio Ribeiro.

Loja Independente de Teosofistas

Pensando em Dante - *D. Milano*

Da tua grande existência solitária, que motivo tirarei para a minha pequena meditação? Talvez estes versos ardendo de vida misteriosa na página que abri ao acaso:

"Maledetta tua culla
che lusingò cotanti sonni invano"...

De tua obra que primeiro separou, pela língua e pelo espírito, o mundo antigo do mundo moderno a que deu nascimento, que trecho escolherei para dele tirar o exemplo que me venha servir de lema ao pensamento? São tantos:

"Omo da sè vertù fatto ha lontano,
omo no, mala bestia ch'om somiglia",

ou

"L'esiglio, che m'è dato, onor mi tegno".

Em que idioma falado hoje no mundo encontrarei mais aquele som a um tempo áspero e suave, o eco inolvidável da tua voz de "ferro e arminho" que lembra as vestimentas dos cavaleiros e damas da tua época mística e brutal?

Falarei dos teus "Cantos" só comparáveis ao relampejar das palavras do Apocalipse ou aos ventos de súbito e obscurecida fúria? Dos teus anátemas, dos teus castigos, dos suplícios que inventaste, dos ódios reconcentrados que te erguiam na hora em que exprimias tu o poeta do ri:

"ambo le man per lo dolor mi morsi"...

Os antes dos teus altos amores intelectuais que vieram dar uma nova e pura forma a essa estranha e cruel paixão humana e banhar de sonho a mente dos poetas amorosos do futuro? Diz a toda hora o enamorado Camões: "ó meus altos pensamentos!". E tua voz: "Tutti li miei penser parlan d'amore".

Vejo-te moço poeta, estudioso dos Astros, da Metafísica, da Política, da Súmula, da Retórica, isto em 1280, em ruas de Florença, tendo por objeto máximo da vida Beatriz. A aparição branquíssima dessa menina de nove anos revelou a teus olhos uma vida nova. Vita Nuova...

Agora me lembro que há dias vi numa estante de livraria uma tradução, não sei se boa ou má, desse livro da mocidade do poeta florentino.

Mal comecei a ler, adaptada à nossa linguagem usual e sem sabor, aquela prosa e versos feitos em pedra, daquela fresca e doce côr que o tempo lhes dá, fiquei triste como se visse o poeta ressuscitado, porém não mais trajando aquele seu digno manto de escuras dobras, mas vestido à moda vulgar de nossa época, de calça e paletó.

Mestre, amado como um pai, perdoa tratarem indignamente e trazerem para o burburinho superficial do nosso meio a tua figura casta no tempo, como a pintou Giotto, respirando uma inalterável felicidade espiritual, simbolizada na flor que entre teus dedos sonha e com seu invisível perfume suaviza a figura pensativa, curva sôbre si mesma, daquela que na vida foi além...

Aquele cujo manto escuro recobre o corpo todo, abotoado do pescoço aos pés, a mão segurando um livro de encontro ao peito, sofrendo o latido feroz do coração leal de amante e cavaleiro, de poeta e justiceiro, e que com esse nobre traje andou "ramingo e tristo" galgando os degraus "dell'altrui scale".

Assim te vejo, entre duras pedras, cercado de castelos e escadarias. Longe do asfalto...

Refitamos um pouco. Aquilo que foi a vida inteira de amor, dedicação, sacrifício sem paga, anos de procura e estudo, dias perdidos, noites indormidas,

"tristizia e voglia
di sospirare e di morir di pianto",

renúncia a prazeres e conquistas, conformação à pobreza e à solidão, na luta obscura do homem contra a palavra surda até tirar-lhe um puro som: "Color d'amore...", o verso inspirado pela contemplação da mulher que passa:

"come una donna
che fosse fatta d'una bella pena)

o nascimento de um poema à esquina de uma rua noturna, tudo respirando o ar, a língua, a cidade em que se vive, e se ama:

"...vidi cose dubitose molto,
nel vano imaginare ov'io entrai;
ed esser mi parea non so in qual loco,
e veder donne andar per via disciolte,
qual lagrimando, e qual traendo guai,
che di tristizia saettavan foco.
Poi mi parve veder a poco a poco
turbar lo sole e apparir la stella,
e pianger elli ed ella;
cader li augelli volando per l'are,
e la terra tremare;
ed omo apparve scolorito e fioco,
dicendomi: — Che fai? non sai novella?
morta è la donna tua, ch'era sì bella —."

tudo isso ser assim de repente vertido para outro idioma, todo esse trabalho perdido e desvalorizado em sua melhor parte.

Ver-se o poema que levou tanto tempo de vida a germinar no espírito e a encontrar a sua forma de sonho materializado, sofrendo de ser assim transposto para uma língua alheia e indiferente, para climas estranhos, céus diversos, onde irá perder para sempre o som intraduzível, a cor indefinível. Criar um verso imutável, horas e horas meditando numas poucas palavras que resumem o mundo para o poeta, e vê-lo depois quebrado em suas partes mais belas e os pedaços reajustados em outras palavras recosidas, — violada em seu túmulo marmóreo a fixa linguagem dos poetas mortos.

E' necessário traduzi-los, assim o exige o valor universal do pensamento que não admite fronteiras. Mas é que poetas são as almas das nações. Quem já passou os olhos por uma tradução francesa dos Lusíadas pode imaginar a dor de um português ao ver o verso que primeiro lhe cantou no ouvido ao abrir os olhos para a vida, transposto numa prosa insulsa e fria: "Je chanterai les combats et ces hommes courageux... As armas e os barões assinalados... qui, de la rive occidentale de la Lusitanie...

Que da ocidental praia lusitana"...

Este verso começa a crescer de modo crespo e inverso: "Que da ocidental", forma uma crista de onda alta: "praia..." depois desce e escorre: "...lusitana", como a espuma desenhando a sua forma sinuosa na página de areia.

Comparai com a mísera tradução.

Cada poeta deveria viver na sua ilha e aqueles que quisessem aproximar-se do deus deveriam primeiro aprender a língua do país.

A' MARGEM DA CRITICA DO SR. ALVARO LINS SOBRE "CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA"

Dalcídio Jurandir

Não quero insinuar aí uma defesa de meu romance "Chove nos campos de Cachoeira", em face da aguda e desinteressada crítica do sr. Alvaro Lins. Seria ridículo, ineficaz e cruel. Sim, porque há nessa espécie de defesa uma crueldade que o autor impõe a si mesmo sem vantagem alguma. A defesa não está nas intenções ou no amor que o autor ao seu livro dedica. Um escritor que se defende ou explica a sua obra termina sempre, ao fim de sua defesa ou de sua explicação, sob a terrível conciência de sua definitiva fragilidade, de sua ignorância, de sua hesitação no que tentou ou pretendeu fazer.

Não me considero magoado com as afirmativas tão sólidas do ensaísta de "História literária de Eça de Queiroz". O crítico deixa entrever uma boa vontade comigo que me surpreende. Nem me julgaria ofendido se o meu romance fosse por ele negado totalmente. Devemos guardar em todos os debates da nossa desgraçada e pitoresca vida literária, em todas as controvérsias em que tudo se pode negar ou aceitar, uma silenciosa e infatigável dignidade intelectual. Em questões puramente literárias não deve haver melindres nem ódios, essa afirmação é vulgar mas indispensável. A literatura é mais séria do que se pensa e vive acima de nossa quotidiana vaidade e das nossas infelizes pretensões. Hoje mesmo na situação do mundo atual qualquer ato dessa natureza seria falta de respeito aos acontecimentos que tanto sacodem a vida humana.

A vida literária no Brasil padece muito dessas complicações que tanto a desmoralizam. E sinto o dever — e isso é uma responsabilidade a que todos os estreantes devem chamar a si com orgulho — o dever de submeter "Chove nos campos de Cachoeira" a uma prova máxima de resistência, não pelo que o livro encerra ou promete, mas pelas circunstâncias especiais em que foi lançado por fôrça dum concurso literário, cujos juízes são escritores de muita responsabilidade na história e na vida literária do país. Meu maior desejo consiste em deixar que os críticos falem à vontade de meu romance. Para isso não os incomodei com dedicatórias ou empenhos de qualquer espécie. Isso poderá ser ingênuo ou pedante na confusão literária em que nos debatemos. No entanto é para mim de uma absorvente preocupação.

Acho que a crítica no Brasil vai agora tomando uma posição mais séria e mais conciente de suas possibilidades. Aprende a ser honesta e isso não basta, aprende a ser mais ágil, mais exigente com os recursos que a cultura e a experiência lhe transmitem. Sei ainda que as suas atuais tendências — ou sejam por uma reação aos movimentos modernistas ou por fenômenos que não posso aqui declarar — voltam-se, em certo sentido a reclamar ou sugerir uma arte tranquila, menos perigosa, menos aventureira, próxima do amadurecimento, da cristalização literária. Com menor fôrça talvez porém mais bem realizada, como estética ou depuração estética, se digo bem. Afinal a crítica brasileira surge num empenho de algum modo inteligente e prudente. Virtude nova e necessária em nossa crítica — a prudência. Um crítico prudente ou prevenido — prevenção no melhor sentido, já se vê — é sempre respeitável e nos oferece sugestões e direções surpreendentes.

Positivamente estou gostando da maneira como foi recebido o meu livro. Um começo muito fácil na vida literária pode ser uma desgraça. Um autor conciente de um mínimo de qualidades de seu livro e de um máximo de defeitos e insuficiências rejeitará sempre os fáceis elogios e reconhece que o cartaz de publicidade não significa nada para o legítimo valor de uma obra literária. E quando se trata de um romance premiado através das contingências de um concurso do qual trouxe as melhores razões de sua evidência, o romancista então não se deixará levar jamais pela risonha unanimidade dos louvores antes se deve retemperar pela fria unanimidade das censuras, mesmo do silêncio e das negações sistemáticas.

O sr. Alvaro Lins ao falar da carta que escrevi para "Dom Casmurro" e publicada no volume de "Chove nos campos de Cachoeira" considerou-a um documento antiliterário escrito numa linguagem terra a terra. Minhas simplórias confissões quase que o levam a qualificá-las de ridículas. Reconheço que a carta nada representa no ponto de vista absolutamente literário. Pode ser mesmo, dentro dos princípios estéticos em que está situado o sr. Alvaro Lins, um alarmante sintoma de pobreza de idéias, de sentimentos, de degeneração da língua, enfim, um sintoma de provincianismo que, em vez de se ostentar retórico e gramatical, surge dentro de uma linguagem terra a terra para fazer o efeito que todos os provincianos desejam nos círculos literários em moda na capital da República. Entretanto, penso que tentei fazer da carta-entrevista um depoimento e mais nada. Um diretíssimo depoimento, como uma carta que se escreve. Não seria mesmo em nome da própria literatura da literatura corrompida nas idéias, nos sentimentos de hoje, em nome do que lhe resta ainda de verídico e espiritual que foi feita a referida carta?

Ao longo de toda a história literária ou da vida literária esses depoimentos aparecem inevitavelmente. Seria longo enumerá-los. Felizmente o sr. Alvaro Lins chegou a entender que havia nessa carta qualquer coisa de simples, espontâneo, natural. A culpa da entrevista teria partido do autor ou dos problemas tão sujos e anti-literários que nos envolvem?

Sinto aliás uma virtude literária na minha carta entrevista: a humildade. A linguagem terra a terra — antes devia dizer popular e não terra a terra — não está assim tão vazia de sentido ou tão vulgar. Porque sugere uma virtude tão aparentemente desnecessária e tão inesperada. Nessas alturas do nosso meio intelectual a linguagem literária perdeu muito de sua dignidade interior, de sua autonomia, de sua conciência mesma. O seu estilo, a sua forma parecem contaminados e entorpecem. As palavras sofrem dessa contaminação que pode muitas vezes condenar um estilo e matar todo o sentido de uma obra. De maneira quase geral a linguagem literária se acha a serviço do que há de pior, de mentiroso, nas idéias, nos sentimentos e nas intenções. Essa linguagem que tanto reclamam talvez seja mais desrespeitada pelos que a louvam do que mesmo pelos que surgem ingênuos e infantis no seu primitivismo. Precisa antes ser limpa das pequenas idéias, das intenções e dos sentimentos que a desmoralizam e deshumanizam. Precisa reagir contra o conforto e a estufa da quietude dos que a exibem com extraordinário fato e tão bem estar literário.

A crueldade que o sr. Alvaro Lins achou no gesto que incorporou a entrevista ao meu romance foi para mim de um inesperado sabor e, como provinciano, estou ingenuamente orgulhoso dela. Entre uma atitude que pode parecer primária, quase ridícula e a atitude dos que vivem tão bem mascarados e protegidos pelos seus e tranquilos revestimentos artísticos ou espirituais prefiro aquela, muito mais conciente, muito mais pronta a errar e a mudar porém muito mais pronta a compreender e fixar, ainda que rudemente, o humano e o essencial que há dentro de nós.

Salvador de Mendonça e a arbitragem obrigatória - *Ernesto Feder*

Múcio Leão, em seu notavel discurso acadêmico "O esforçado diplomata do Império e da República", estampado no último "Suplemento Literário", realça, com razão, o papel decisivo que Salvador de Mendonça desempenhou na questão da arbitragem obrigatória da Primeira Conferência Pan-Americana. O assunto é da mais alta importância e espelha uma atualidade de incandescente. Fora, talvez, interessante narrar os prelúdios desse resultado definitivo, prelúdios a que não faltam pormenores pinturescos.

O convite a essa primeira Conferência, em Washington, formulado, em 1889, pelo governo dos Estados Unidos, indicava, como ponto do programa, um acordo tendente a um plano definido de arbitragem "para todas as divergências. O governo imperial do Brasil, aceitando o convite, instruiu os seus representantes Lafayette Rodrigues Pereira, Amaral Valente e Salvador de Mendonça no sentido de "manterem a adesão dada ao voto do Congresso de Paris de 1856". Esta velha resolução contentava-se com exprimir "a esperança de que os Estados, em caso de litígio, recorressem aos bons ofícios de potência amiga antes de lançar mão das armas, e tanto quanto o permitissem as circunstâncias".

Bem se compreende que, em 1856, durante a alta tensão da política européia, às vésperas das guerras de 1859, 1864, 1866, 1870, as velhas monarquias da Europa se contentassem com esta fórmula tímida e inócua. Menos se percebe porque é que o governo do Brasil, em vez de inspirar-se nas tradições americanas que, há meio século tinham a instituição da arbitragem em conta de verdadeira garantia da paz continental, se preparava para seguir o mau exemplo europeu. Mais incompreensível, ainda, visto que os dois imperadores do Brasil haviam, já, firmado grande número de tratados de arbitragem com potências européias e americanas. As instruções categóricas do governo atavam as mãos dos delegados que, tal fosse o caso, só teriam que se opor ao projeto norte-americano.

A Conferência de Washington ainda não iniciara a discussão da arbitragem quando foi proclamada a República no Brasil. Quintino Bocaiuva, ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Provisório, renovou os poderes da delegação. O primeiro ato de Salvador de Mendonça, seu chefe, depois da demissão de Lafayette, foi o de indagar do ministro "se podia dar interpretação republicana às instruções do Império", como ele mesmo o diz em carta a Saens Pena, divulgada por Múcio Leão. As novas instruções baixadas pelo ministro da República prescreveram aos delegados que "aceitassem o princípio da arbitragem com a maior amplitude possível".

Firmado nessas novas ordens, certo do apoio argentino e vencendo a oposição norte-americana que se erguera à sua audaciosa proposta, Salvador de Mendonça conseguiu, quase sem restrições, a adoção do princípio de arbitragem obrigatória pelo tratado de Washington de 28 de abril de 1890, cujo artigo 1.º assim reza: "As Repúblicas adotam a arbitragem como princípio de Direito Internacional Americano para a solução de litígios, questões ou controvérsias entre duas ou mais dentre elas".

Essa arbitragem é declarada obrigatória para todas as questões, seja qual for o seu caráter. Somente no caso de se ver em risco a independência de uma nação, se lhe torna facultativa a medida.

O objetivismo histórico exige se acrescente que a atitude do último gabinete imperial não traduzia o pensamento e a vontade do imperador, fervoroso adepto da arbitragem.

Em seus últimos dias, ainda nos dá disso prova evidente o imperador, a qual, aliás, se prende a uma questão argentino-brasileira. E' sabido que o tratado de Montevidéu, de 1890, queria partilhar entre os dois países o território contestado das Missões. A opinião pública opusera-se à ratificação parlamentar do acordo. O "Jornal do Comércio" pediu o voto de d. Pedro II que, gravemente enfermo, se encontrava em Vichy. O imperador telegrafou: "Sempre contrário à divisão do território das Missões. Em último recurso, só aceito a arbitragem". A Câmara recusou o tratado. A sentença arbitral deu ganho de causa ao Brasil.

Seguindo as instruções republicanas, Salvador de Mendonça conservou-se, ao mesmo tempo, fiel às tradições imperiais. Quão outro fora o curso da História nos últimos quartéis do século se as alevantadas idéias dos delegados brasileiros e de seu governo houvessem, também, inspirado os governos do Velho Mundo!

Loja Independente de Teosofistas

Curso de Estudos da Amazônia

Segunda aula

Professor Angione Costa

Pre-história e arqueologia amazônica

Sou grato à deferência do ilustre professor Pio Borges, possibilitando-me o prazer de falar aos professores do Distrito Federal e do Brasil, na campanha educativa pelos problemas da Amazônia, aberta com o notavel discurso do presidente Getulio Vargas.

Não me é facil a tarefa, pois que a pre-história e a arqueologia amazônica ainda são dois capitulos a escrever. O pouco que se conhece sobre as duas disciplinas, ainda esparso e diluido por memórias e estudos de sábios eminentes do Brasil e do estrangeiro, geologos, antropologos e etnologos, estudos nem sempre faceis de consultar porque as mais das vezes publicados em compêndios de lingua estranha e de difícil aquisição, quando não em publicações periodicas mais fechadas ainda.

A pre-história amazônica constitue, a meu ver, um capitulo da geologia, incluido, a rigor, naquele que os geologos classificam de geologia historica. Devemos lembrar que a geologia historica compreende a era cenozóica e estuda os periodos terciário e quaternário subdivididos, por sua vez, e terciário, em plioceno, mioceno, oligoceno e eoceno; o quaternário, em holoceno e pleistoceno, segundo as classificações de Charles Lyell, em 1833; Beyrich, em 1854-1859, e Paul Gervais, em 1860. Esta classificação, feita sob o criterio paleontologico, serve para definir o terciário como a idade dos grandes mamiferos, e o quaternário, como a idade do homem.

Para estudar a pre-história e a arqueologia amazônica devemos situar a região onde as duas culturas se defrontam. Precisamente a região amazônica compreende três aspectos fisiográficos definidos: a **terra-firme**, defendida contra as maiores inundações; a **varzea**, que submerge em certa parte do ano; o igapó, zona permanente submersa e pantanosa. A **terra-firme** inclue-se no pleistoceno, era responsavel pela formação de quase todas as terras da Amazônia, terras jovens do quaternário, terras de aluvião. A **varzea** e o igapó, por sua vez, compreendem ainda outras terras mais jovens, produto de sedimentação recente, que o nativo chama tijuco, terras de aluvião classificadas pela geologia como terras de formação holocena.

Nessas diversas formações geologicas há evidentes abais de vida fossil colocados nos depósitos do pleistoceno. Dicotiledôneos foram encontrados no Pará, nas regiões do Baixo Amazonas, da Prainha e do Tapajós. De eras geologicas anteriores, quando a Bacia Amazônica formava um mar, conhecem-se, igualmente, vários achados fosseis: no rio Acre, por exemplo, entre o rio Branco e o Xapuri, Chandless colheu restos fossiliferos de **mesasaurus** (serpente do mar) e de peixes que, estudados por Agassis, foram classificados como de formação cretácea. Há igualmente uma fauna abundante representada pelos corais, crustáceos, braquiopodos, lamelibranquios, cefalopodos e peixes ganoides. Mais próximo de nós, isto é, nas formações do terciário, escavaram-se riquissimos fosseis de mamiferos na região de Pirabas, encontrando-se ainda outros fosseis mais modestos, pela encosta de Salinas até as terras por onde corre a Estrada de Ferro de Bragança. Tambem há noticia da existência de grandes mamiferos do terciário em rios da Alta Amazônia.

Neste território humoso, riscado por abundantes cursos de água em todas as direções, os conhecimentos da pre-história até este momento se circunscreveram ao dominio da geologia e da paleontologia. Fosseis animais e vegetais são testemunhos dessa cultura na planicie. Da paleontologia propriamente humana, não ha, entretanto, noticia. Quando muito, poderiamos referir-nos à estranha espessura de um crânio de sambaqui encontrado pelo naturalista Perreira Pena, na região de Salinas, documento isolado e mal estudado, que não pode derrogar a afirmação. O ambiente fisico da Amazônia está demonstrando que a terra era excessivamente jovem para possibilitar o aparecimento da espécie humana. O homem pre-histórico, contemporâneo do quaternário francês, não existiu aqui. Quando o homem ap receu na planicie já era um ser perfeitamente formado, conduzindo todos os elementos morfologicos do tipo humano atual, individuo emigrado, acusando os mesmos traços raciais das tribus que hoje infestam a Amazônia. Pode-se discutir a procedência ou os caminhos que abrem na planicie os homens da Amazônia. Não se poderá, entretanto, pensar na evidência de qualquer encontro de fosseis humanos que apresentassem os caracteristicos das três ou quatro raças que os pre-historiadores descobriram nas cavernas de França. O homem da Amazônia, se pelas suas culturas pode assimilar-se a certas raças da pre-história, do ponto de vista antropológico, é um puro ser contemporâneo da história. E será com a arqueologia que iremos tentar um esboço rápido, para facilitar um conhecimento menos sobrecarregado de incertezas relativo a alguns agrupamentos humanos remotos, que ali melhor material nos deixaram.

E' assim da maior valia o pouco que podemos conhecer sobre a arqueologia amazônica. Arqueologia amazônica e cerâmica. E será tambem o silex e fosseis herdados da pre-história. Como as tribus contemporâneas da descoberta, seguidas pelas atuais, se achavam no dominio de velhas culturas, incluem-se, igualmente, os seus achados entre a nossa arqueologia. E necessitaremos de estudar e localizar, por exemplo, a cerâmica de Marajó, tão rica nos detalhes da sua morfologia; a cerâmica bizarra e caprichosa de Maracá; a cerâmica singela e trabalhada de Cunani, e essa outra, tão esquisita e variada, depositada quase à flor do solo, em Santarem. Toda essa arte oleira que, ao lado dos liticos, ainda hoje tambem usados pelas tribus amazônicas, constitue o mais rico material arqueológico da planicie, guarda o segredo relativo ao homem que a construiu, e este segredo é um problema aberto no território arqueologico brasileiro. Realmente, nenhum dos tipos de cerâmica reunidos nos quatro grupos citados, era trabalhado na Amazônia no tempo da descoberta. Nem naquele século, nem, nos que se lhes seguiram, foi encontrada na planicie nenhuma tribu que estivesse na posse daqueles aprimoramos dos materiais. Toda cerâmica confeccionada pelas tribus que dominam a planicie, modernamente, difere na qualidade, habilidade e perfeição, dos quatro modelos apontados. Os estudos realizados até o presente, sobre este material teem servido para assinalar, no tempo e no espaço, a profunda diferença que distingue as culturas oleiras atuais daquelas que constituem o nosso principal monumento de arqueologia. E essa diferenciação de culturas é um dos caminhos mais sedutores no território arqueologico brasileiro, porque ela nos fala, precisamente, dos homens que primeiro devem ter dominado na planicie.

A arqueologia amazônica constitue o elemento principal da modesta arqueologia do Brasil. No dia em que ela for estudada como nos desejamos e a sentimos, seguramente muitos conhecimentos relativos às origens do indigena brasileiro serão modificados. O estudo da arqueologia pelo método tipologico poderá esclarecer rumos obscuros da nossa etnologia, encadeando ou dissociando culturas oleiras semelhantes existentes no continente, que, por um processo de emigração ou de aculturação, são atualmente apresentadas como formadoras desses grupos culturais. Só assim poderemos vir a conhecer afinal a procedência ou origem desses remotos povoadores de áreas tão esparsas da Amazônia, e pelo mesmo processo estabelecer ou não o grau de parentesco ou consanguinidade dos grupos que primeiro ali chegaram em face das tribus atuais.

PEQUENA BIBLIOGRAFIA INDISPENSAVEL

Geologia do Brasil — Avelino Inácio de Oliveira e Othon Henry Leonardos — Rio de Janeiro, 1940.

Geologia do Estado do Pará — Dr. Friedrich Katzer, tradução de Frei Hugo Mense — Pará, 1929.

Introdução à Arqueologia Brasileira e Migrações e Cultura Indigena — Angione Costa — São Paulo, 1934 e 1938.

Arquivos do Museu Nacional — vols. I, IV e VI — Rio de Janeiro — 1876, 1885, 1886.

JOSE' - Carlos Drummond de Andrade

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, Raimundo?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?
Está sem mulher,
está sem carinho,
está sem discurso,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu,
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?
Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou:
quer ir para Minas,
Minas não há mais!
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
mas você não morre,
você é duro, José!
Sozinho no escuro
qual bicho do mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
entretanto forte,
você segue, José!
José, para onde?!

Loja Independente de Teosofistas

A vida é de cabeça baixa — Alvaro Moreyra

NUNCA SE SABE...

Contar a vida é uma espécie de masoquismo. Pelo menos, é um modo humilde de amar essa mulher, que nunca é a mesma, de amar essa mulher por quem, afinal, todos se matam. Eu penso na minha vida como se a acariciasse. A voz com que lhe falo acaba sempre calada num beijo.

— Minha! Quando digo assim, sou eu que me sinto entregue, sou eu que te pertenço, minha... minha... minha...

Tudo aparece sem seguimento. Vinte anos... Cinco anos... Quatorze... Cinquenta... Depois... Antes... Uma porta larga na rua da Igreja em Porto Alegre vem na tarde morrendo em Florença, com aquele perfume Enigma, *entre sinos, salgueiros, corujas... Corpos saem de paisagens... Paisagens saem de asas... Beleta canta* Vidalita *numa aula de Direito Civil... Jesus Cristo e Talleyrand param diante de uma vitrina cheia de bonecos... As minhas primeiras calças compridas passeiam pelo último ato da* Boêmia... *"Salve, Rainha, mãe de misericórdia..." Mae West toca Debussy... Amor, delícia e órgão... Levanto Paris nas minhas mãos pequenas, vejo as músicas que ouvi em Paris... Renan volta numa rosa... "Trocar tudo que se teve por tudo que se sonhou..." Santa Cecília... Hamleto... Venus Calipígia... O fim da* Casa de Bonecas! *"O maior dos prodígios!" O começo da* Bíblia: *"No princípio Deus criou o céu e a terra..."*

Não foi o padre Manuel Bernardes que descobriu?: "Das tristezas não se pode contar nada ordenadamente porque desordenadamente acontecem elas". Das tristezas e dos intervalos.

Também nunca se sabe se as coisas acontecem quando devem acontecer.

Viver é misturar...

"A LENDA DAS ROSAS" E REMY DE GOURMONT

Deixei o "Fon-Fon!" por causa da "Seleta". Foi depois do aparecimento dessa revista na mesma empresa, pelo aumento do meu trabalho sem resultado para mim, e pelo aumento do capital dos patrões com resultado para eles, que eu descobri a minha vocação de pobre. Daí em diante, tenho me consolado em ser uma ponte por onde o dinheiro passa, suspira e lá se vai. Não volta mais. Um trânsito, afinal de contas, divertido.

A falta de emprego, em 1916, me deu Remy de Gourmont, bem todo. O que eu não ignoro, devo a Rumy de Gourmont. E "A Lenda das Rosas", escrita durante as férias de graça ainda hoje vale por todos os "week-ends" que eu não posso fazer...

DESENTENDIMENTO

Na sua secção d' "O País", — "Pall-Mall-Rio", que ele assinava José Antonio José, Paulo Barreto publicou uma nota sobre "A Lenda das Rosas", exagerada pelo bem que me queria. No mesmo dia, "A Noite" trouxe esta carta de Maciel Junior, com o título "Em defesa do Rio Grande do Sul":

"Sr. diretor da "A Noite" — Não morrerão sem o meu protesto os seguintes tópicos, da crônica do "País", de hoje, intitulada "Pall-Mall-Rio", a propósito de um livro de versos do inspirado vate gaucho Alvaro Moreyra:

"O expantoso é que esse artista tão pessoal, tão delicado, tão fino, tão sensível e tão profundo, tenha nascido numa terra de escandalo violento da paisagem, de "parvenus" opacos e de pernosticismo amalandrado. Mas, como as exceções são a força das regras, Alvaro Moreyra deu ao Rio Grande do Sul o prazer de ter nascido lá..."

"José Antonio José" é "João do Rio", Paulo Barreto, no dizer corrente dos "encantadores". Temos, assim, a blasfêmia, injusta e injustificavel, contra a cara terra riograndense, na boca de ouro de um dos imortais da Academia.

Por que? Talvez o próprio "João do Rio" não o saiba, porquanto há bem poucos dias, naquela mesma originalíssima coluna, s. s. declarava, muito espontaneamente, ser "quase riograndense"!

Seja lá como for, o certo é que o ilustre escritor não tem o direito de assim imprecar contra o meu torrão natal, a menos que queira fazer praça de ignorância ou de má vontade sistemática.

O "pernosticismo amalandrado" tem o seu berço alhures, e não lá, onde da simplicidade de costumes ainda restam vestígios fortes, que o tempo mau já de todo varreu noutras bandas; e Alvaro Moreyra, por ser um delicado artista do verso, não é, contudo, o único rebento que as musas dos pampas acarinharam, ao nascer.

Pediria eu ao ilustre Benjamin do Silogeo que, de outra feita, fosse para com o Rio Grande menos agressivo e mais justiceiro.

Agradecendo, sr. diretor, o acolhimento que dará a estas linhas, subscrevo-me, muito grato, etc. — F. Antunes Maciel Junior — 10 de agosto de 1916".

Da longa resposta de Paulo Barreto, copio:

"Eu não posso agredir o Estado do Rio Grande do Sul: 1.º — Porque não o conheço, não o visitei e seria apenas um cretino se descompusesse um Estado inteiro, sem motivo; 2.º — porque, sendo eu de uma família que está na história da formação heróica do Rio Grande, desde antes da independência, e sendo o seu único descendente direto na linha masculina, seria um pastrana se pelo Rio Grande não tivesse a simpatia moral e se chamasse os meus parentes de nomes desagradaveis; 3.º — porque até hoje, entre os riograndenses visiveis, — daqueles de que não sou camarada, sou, pelo menos, admirador cheio de simpatia; 4.º — porque, se me atacasse a estupidez para descompor o Rio Grande em bloco, eu, que disponho de várias primeiras colunas e escrevo de vez em quando coisas graves, não iria pedir a José Antonio José o final de um despretencioso diário mundano para insultar o Rio Grande no elogio de um poeta alem do mais riograndense, e, como todo riograndense, "bairrista"... Eu falava do Brasil no momento atual. Repetia o que tenho dito várias vezes. Basta notar aquele "escandalo violento da paisagem". Não me consta que o Rio Grande, o pampa, tenha violências de paisagem. Agora o jornalista e não o deputado Maciel saiba mais, que esse trecho, escrito á última hora e não revisto pelo José Antonio José, terminava a sua última oração assim: "Alvaro Moreyra nasceu no Brasil, dando ao Rio Grande", etc. A opinião era quanto ao Brasil e á sua crise atual, sem a odiosidade, sem, como Maciel diz muito bem, "a blasfêmia injustificavel" contra um Estado. Não respondo nunca a idéias que formem dos meus escritos e não faço jamais corrigenda a faltas da minha revisão, porque tenho, infelizmente, já 13 anos de jornalismo diário. Os que escrevem em jornais sabem o quanto são comuns tais erros. Mas a Maciel Junior respondo maguado. Não pelas suscetibilidades que a sua interpretação possa trazer — porque Maciel Junior, inteligente, ardente, polido, foi capaz de julgar subitamente idiota quem continua, pelo menos, com inteligência para ser seu admirador sincero".

PAULO BARRETO

Os seus últimos meses, tão barulhentos, tão á vista, perturbaram um pouco a lembrança que deveria deixar. Fala-se, quando se pensa em João do Rio, no jornalista. O escritor tem a admiração de alguns escassos leitores. O homem está esquecido. Não o revelaram. Ficou sendo, na opinião maior, um demolidor terrivel, — papo, — e um mestre gratuito de maus discipulos. Sobrou o artificial. O natural, a terra comeu. Paulo Barreto natural, porque a poesia nele era um estado de nascença, está aqui nesta carta mandada a uma das raras criaturas que não o traíram, nesta pequena carta, irreverente, fantasista, irônica, escondendo a comoção imensa:

"Fazes, hoje, definitivamente vinte e cinco anos. Eu tambem definitivamente perdi a esperança de te ver com uma pérola que te enviei há dois anos, quando tinhas dezoito de idade, única recordação de uma camaradagem louca, que data, como ninguem ignora, do ano 2025 antes de Cristo. Mas a pérola era um anel. Uma senhora sem aneis é uma criatura sem ligações mesmo com os astros. Resolvo, pois, mandar-te com estas flores, símbolos breves das ternuras humanas, dois aneis que não poderás por no prego, mas que teem um grande valor de beleza hermética. O primeiro é um crisóprazo, a que os russos chamam a pedra da sorte e que foi, segundo ocultistas, o palácio da eterna esperança. O segundo é uma pedra da lua, autora tua e de outros malucos como eu. Usarás um na mão esquerda, outro na direita. E quando o ponche da tua carne flambar na noite escura, tu, erguendo as mãos, agitarás os dois fatores indestrutiveis de todos nós: a esperança renitente e a lua variavel. Que seja por toda a vida, embriaguez da terra, Satanás da bondade. Com o coração, Paulo.

A MINHA CELEBRIDADE EM PARIS...

Havia em Paris, na rua Bergère, um hotel que, não sei por que, hospedava principalmente pessoas do Brasil. Entre essas pessoas esteve lá, dona Otilia Silva. E, quando esteve, tambem estavam lá outras pessoas de Porto Alegre. De volta, encontrando minha mãe, dona Otilia perguntou:

— Então o Alvaro desmanchou o casamento com a Zaira?

Minha mãe respondeu:

— Não sei...

E dona Otilia:

— Pois em Paris não se fala noutra coisa!

ONDE ESTAIS? ONDE ESTAIS?

Meus companheiros da turma de bacharéis da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1912: Adelardo Alarico dos Reis, Afonso Lopes de Almeida, Alexandre Ludolf, Alexandre Thedim de Siqueira, Aloísio Neiva, Alvaro Batista Oliveira, Alvaro da Silva Vieira, Antônio Antunes de Figueiredo, Antônio Barreto Vinhas, Antônio Dantas Coelho, Antônio Gomes Junior, Antônio Vieira Braga Júnior, Apolo de Morais, Antenor Ferreira Romariz, Aristides Freizo Lobo, Arnaldo Bettencourt Belford, Arnoldo Medeiros da Fonseca, Belarmino da Gama e Souza, Benjamim Reis, Bernardo Garcez, Brasílio da Luz Júnior, Cândido Batista Antunes, Cândido Natividade da Silva, Carlos Augusto Moreira Guimarães, Carlos Schverin, Castelar da Gama Cabral, Crisólito Chaves de Gusmão, Clovis Dunshee de Abranches, Djalma Pinheiro Chagas, Eduardo da Silva Ramos, Eurindo Neves, Evaristo Ferreira da Veiga, Everaldo V. de Miranda Carvalho, Fausto Moreira, Francisco Antônio Muniz, Francisco de Assis Vasconcelos, Francisco Baltazar da Silveira, Francisco Cristovão Cardoso, Francisco Coelho Gomes, Francisco de Castro Soares, Francisco de Paula Santiago, Genesio Cavalcanti, Hugo de Carvalho, Itiberam Marcondes Machado, Ivo Pagani, João Carvalho Santos, João Leão de Faria, João de Oliveira Franco, Joaquim Fonseca Vieira, Joaquim Santos Júnior, José de Araujo Coutinho, José de Araujo Lima, José de Assis Martins, José Ferreira Facó, José Thedim de Siqueira, Luiz Pinto da Silva Pereira, Mario de Deus Fernandes, Manoel Bica de Almeida, Mario do Rego Monteiro, Mario da Silva Araujo, Mario de Souza Magalhães, Moliano Crespo, Olegário da Silva Bernardes, Olimpio Tito Ribeiro, Oscar Jugurta Couto, Omar Murgel Dutra, Oscar Orestes da Rocha, Pergentino Pereira Guimarães, Raul da Costa Bastos, Romualdo Pagani, Rubem Braga, Saverio de Castro Pentagna, Senhorinho G. Pessoa, Serafim França, Teodomiro Pena Vieira, Tomé Reis, Vitor de Matos Rudge, Virgílio Benevenuto, Virgílio Seabra de Melo, Alvaro Teixeira de Melo, Cleantro Jequiriçá, Francisco Melo.

Onde estais? Onde estais?

MORTES

Tenho morrido muitas vezes. Na intimidade. Em público já me aconteceu isso, com um intervalo de dois anos e cinco meses, na capital portuguesa e no extremo norte brasileiro. Li os necrológios. Fiquei triste. Continuando no mundo, eu ia desapontar os amigos que os escreveram. Nuno Simões, por exemplo, que na "Pátria", de Lisboa, se descobriu "respeitosa e comovidamente" diante do meu cadaver, em 15 de agosto de 1923. Por exemplo, Raul de Azevedo que no "Libertador", de Manaus, em 22 de janeiro de 1926, achou que de certo eu devia "ter tido um sorriso quando a morte" me "golpeou":

"Morre muito moço Alvaro Moreyra. E ele nos deixa uma profunda, uma grande, uma intensa saudade".

Depois, abracei aqui Nuno Simões, de viva voz... Com Raul de Azevedo ainda viajo, de quando em quando, no mesmo ônibus, e ele não se assusta...

Entretanto, agora, ando me sentindo um pouco fantasma... Há de ser do tempo.

A Colaboração de Filobiblion

Achado n.º 5

O coronel de engenheiros António José da Silva Paulet serviu na capitânia do Ceará durante o governo de Manuel Inácio de Sampaio e Pina (depois primeiro visconde de Lançada), de 1812 a 1819, como seu ajudante de ordens. Foi por determinação desse governador que levantou a carta topográfica da capitânia, gravada na litografia do Arquivo Militar, em 1818, da qual possue um exemplar a Biblioteca Nacional, bem como cópia feita á mão, mais perfeita e digna de apreço, com a planta da ilha da Fortaleza. A Paulet atribuiu-se a autoria da "Descrição Geográfica abreviada da Capitânia do Ceará", que o conselheiro Tristão de Alencar Araripe divulgou na "Revista do Instituto Histórico", tomo LX, parte I, ps. 75-101; fazendo-o, com o alto critério de investigador consumado que era o conselheiro, notou que a letra das palavras que davam a autoria ao coronel, não era de caráter igual ao da letra do título e do corpo de memória, que a evidência mostrava ser mais antiga.

A "Descrição Geográfica" é um dos documentos mais instrutivos que se podem consultar sobre a terra cearense nos começos do século passado, em relação á sua geografia, geologia, clima, população, vilas, lavoura e indústria; as cearas, que flagelam o território, lança o autor á conta do "mal entendido sistema em agricultura de derrubar todas as matas para semearem novos terrenos, onde há plantações, o abuso de lançar por terra as árvores só para colher os favos do mel que as abelhas nelas fabricam...".

O espetáculo lastimoso da retirada das populações do interior para a beira do mar, no rigôr das secas, deixando pelas estradas calcinadas os corpos dos que não resistiram á fome e á fadiga, descreve o autor com uma simplicidade que não deixa de ser comovente. Na espantosa seca de 1790 e 1791 (escreve ele), viu-se trocar um meio de sola por uma bolacha...".

Paulet deixou sua comissão no Ceará com a saída do governador Sampaio e Pina, em janeiro de 1819; em 1821 era comandante militar em São Borja, onde o encontrou o naturalista Auguste de Saint-Hilaire, que ali jornadeou de 19 de fevereiro a 1 de março ("Voyage à Rio Grande do Sul — Brésil", ps. 342-352, Orléans, 1887). Saint-Hilaire fez com ele boa amizade e o levou sem restrições. O coronel podia realmente boas letras; mas Alencar Araripe teve razão em levantar a primeira suspeita a respeito da autoria da "Descrição Geográfica", que lhe conferiram, e que depois veio a verificar-se pertencer ao bacharel João Antonio Rodrigues de Carvalho, natural do Rio de Janeiro. Era Rodrigues de Carvalho juiz de fora de Goiana, Pernambuco, desde 1806, quando em outubro de 1814 foi nomeado ouvidor da comarca do Ceará. O governador Sampaio e Pina recusou-se a dar o imprimento á carta de nomeação, por não trazer a fé do juramento na chancelaria; de modo que, satisfeita a ruga burocrática, somente a 8 de maio do outro ano pôde o ouvidor tomar posse do cargo.

A "Descrição Geográfica" teria sido escrita antes de 27 de junho de 1816, porque menciona uma sublevação na capitânia, quando é certo que depois daquela data foi criada a do Crato, e nomeado seu primeiro ouvidor José Raimundo Paço, Por-bem Barbosa, empossado em 17 de dezembro do ano seguinte. O ouvidor Rodrigues de Carvalho, em 30 de março de 1817, foi preso como revolucionário e aderente às idéias dos republicanos de Pernambuco; um mês depois era remetido para Lisboa, embarcado na galera "São José Jequá", e a 1 de junho, em 40.º de latitude, escrevia ao ministro Targini (barão de São Lourenço), longa carta, em que narrava as circunstâncias de sua prisão. Livre de culpa e pena, Rodrigues de Carvalho foi a seguir deputado à Assembléia Constituinte de 1823 pela província do Ceará, senador por essa província em 1826, primeiro presidente de Santa Catarina, e acabou ministro do Supremo Tribunal de Justiça, até falecer no Rio de Janeiro, em 1 de janeiro de 1841, sendo sepultado nas catacumbas da Ordem do Carmo.

Escreveu outros trabalhos, que cita Sacramento Black, "Dicionário Bibliográfico Brasileiro", III, ps. 327; funde-se ai a "Descrição Geográfica", e fica sua ficha completa. Mas corrija-se a naturalidade e data do falecimento, "ut supra".